

ANEXOS

Anexo I

- a. Projecto Educativo da Escola Secundária Artística Soares dos Reis (a consultar no CD em anexo)

EASR

Escola Artística Soares dos Reis

Projecto Educativo

2009 - 2012

Índice de conteúdos

INTRODUÇÃO	2
1. SER.....	4
1.1. História	4
1.1.1. Património artístico	4
1.1.2. Património bibliográfico.....	5
1.2. O que nos rodeia.....	5
1.3. O nosso espaço.....	8
1.3.1. Espaço físico.....	8
1.3.2. Equipamentos.....	9
1.3.3. Segurança.....	9
1.4. Quem somos	10
1.4.1. Alunos.....	10
1.4.2. Professores.....	11
1.4.3. Pessoal não docente.....	12
1.4.4. Pais / Encarregados de educação	12
1.5. Como nos organizamos	12
1.5.1. Contrato de Autonomia.....	12
1.5.2. Associação de Pais	13
1.5.3. Associação de estudantes.....	13
1.6. Como nos vemos.....	14
1.7. O que oferecemos	14
1.7.1. Público alvo.....	15
1.7.2. Cursos	15
1.7.3. Implementação do Centro de Novas Oportunidades	16
1.7.4. Serviços especializados de apoio	17
1.8. Projectos em que participamos.....	17
1.9. Os nossos parceiros	17
2. IDENTIFICAR.....	19
2.1. Clima da escola	19
2.2. Constrangimentos à acção educativa.....	19
3. QUERER	22
3.1. Valores fundamentais.....	22
3.2. Princípios da acção pedagógico-didática	22
4. FAZER	23
4.1. Definição de prioridades e campos de actuação.....	23
4.2. Áreas de intervenção a privilegiar e estratégias de implementação	24
4.3. Instrumentos de operacionalização.....	25
5. AVALIAR	27
5.1. Avaliação do PEE	27
6. CONCLUSÃO	30
ANEXOS.....	31
HISTÓRIA.....	32
PROJECTO EDUCATIVO TIC	34
GRÁFICOS - ALUNOS.....	36
GRÁFICOS - ALUNOS.....	37
GRÁFICOS - ALUNOS.....	38
GRÁFICOS - PROFESSORES	39
GRÁFICOS - PROFESSORES	39
GRÁFICOS - PESSOAL NÃO DOCENTE	40
GRÁFICOS - PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.....	41

Introdução

1. Ser

1.1. História

A Escola Artística de Soares dos Reis (EARS) é uma escola com passado. Ao longo dos seus quase 125 anos de existência manteve um claro traço de continuidade no respeitante à missão – o ensino das artes e dos ofícios afins.

Neste traço de continuidade pontificam dois vectores:

- O vector artístico da oferta formativa voltada para a resposta às realidades e necessidades do país, da região e da época em que se insere visando a qualificação dos recursos humanos, sem descuidar a dimensão humana e cultural das pessoas que nela fazem a sua formação.
- O vector da promoção da especificidade pedagógico-didática do ensino ministrado defendendo, por um lado, a equiparação da formação geral à das restantes escolas e, por outro, a articulação orgânica com o ensino superior das áreas artísticas.

1.1.1. Património artístico

O percurso pedagógico/artístico realizado pela nossa escola está representado num vasto conjunto de obras e documentos recolhidos e conservados em arquivo. Encontra-se em fase de execução um trabalho de inventariação, organização e recuperação que, estando ainda longe de estar concluído, tem trazido à luz um património muito rico, cujos elementos mais antigos, provenientes da antiga escola Faria Guimarães, datam dos anos vinte do século passado. Sobressaem deste património, as colecções de desenhos, gravuras, serigrafias, fotografia, e de muitas outras tecnologias e meios expressivos, documentando a evolução das linguagens artísticas. Trata-se de trabalhos produzidos como exercícios escolares, mas também trabalhos de professores. Merece especial referência a vasta colecção de modelos em gesso que continua a ser utilizada nas aulas de desenho.

É de salientar a informação existente a nível didáctico que testemunha, em concreto, a evolução das práticas de ensino/aprendizagem das artes e tecnologias que foram aplicadas na escola, testemunho a que se associa a importância artística das obras que impressionam pela qualidade intrínseca, muitas das quais são criações de autores consagrados.

Ao longo da história da Escola existiram diferentes critérios de selecção e recolha do que seria considerado património. Assim, à medida que nos aproximamos da actualidade o arquivo vai rareando e vai-se tornando cada vez mais fragmentado. Cientes de que deveremos enfrentar as questões que se colocam relativamente à herança artística recebida e ao seu desenvolvimento e enriquecimento, urge prosseguir este trabalho de inventariação, organização e recuperação numa linha que prevê a actuação sobre as seguintes áreas:

Continuação do estudo e organização deste património, sem descurar as necessárias acções de conservação, preservação e recuperação visando o acervo mais antigo e o que apresenta maior risco de deterioração;

Divulgação e animação cultural em torno das obras existentes no contexto intra e extra escolar enquanto estratégia de promoção da riqueza patrimonial da escola e reforço da sua identidade intergeracional;

Definição de procedimentos de selecção e recolha de trabalhos a conservar na posse da escola com vista à representação do trabalho realizado no presente, no seio de um património artístico que se projecta para o futuro.

1.1.2. Património bibliográfico

A Biblioteca da nossa escola possui um valioso património bibliográfico, do qual se destacam:

- Um importantíssimo espólio bibliográfico que remonta a finais do século XIX e início do século XX e que inclui uma importante colecção sobre o ensino do desenho. Este espólio, de origem alemã, francesa e inglesa é constituído por colecções de estampas, livros e revistas, acompanhados por alguns modelos em gesso, reproduções de algumas dessas estampas, modelos que se encontram presentemente integrados no arquivo de gessos da Escola. Este material é de grande valor, uma vez que esta é a Escola que maior património bibliográfico desta natureza conservou, em Portugal.

- Um conjunto de manuais técnicos datados dos inícios do século XIX até meados do século XX. Os mais antigos, na sua maioria em língua francesa, são também, pela sua raridade e qualidade, um importante património.

- Um interessante conjunto de publicações editadas no âmbito do Estado Novo.

- Um vasto conjunto de publicações periódicas abarcando os finais do século XIX até meados do século XX, sobre temáticas ligadas à arte.

Face a esta herança bibliográfica, importa actuar sobre as áreas seguintes:

- Conservação e recuperação de documentos em risco;
- Integração de novos acervos, consolidando a estrutura e a coerência do fundo bibliográfico;
- Divulgação e dinamização cultural em torno da riqueza documental existente no seio da comunidade escolar;

- Investimento no fundo documental da biblioteca de acordo com critérios que potenciem o apoio ao ensino e à investigação no presente e apontem para a formação, no futuro, de mais e de novo património.

1.2. O que nos rodeia

ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

Pelas suas características que a tornam única no norte do país, a nossa escola mantém, desde há longos anos, um vínculo muito forte com a Área Metropolitana do Porto, sendo os nossos alunos

maioritária e invariavelmente oriundos dos concelhos limítrofes da cidade do Porto que integram essa estrutura administrativa/organizativa. Em concreto, da totalidade dos alunos matriculados no ano lectivo de 2008/2009, cerca de dois terços são oriundos dessa área territorial. Pode assim afirmar-se como substantiva, a vinculação da nossa escola à Grande Área Metropolitana do Porto. De facto e de direito. Esta identidade e sentido de pertença têm vindo a ser reforçados, permitindo à escola aumentar a sua oferta educativa, por efeito da procura crescente originária do chamado “grande Porto”. Esta circunstância confere-nos, desde logo, uma especificidade e uma originalidade. Compreende-se, desta forma, que embora esteja localizada na freguesia do Bonfim, o contexto social envolvente seja mais alargado e complexo, marcado por (e marcador de) assimetrias e paradoxos. Por exemplo, as acessibilidades e a política de transportes têm sido díspares, a ponto de, alunos provenientes de certos concelhos terem transportes pagos pela autarquia e outros não terem qualquer ajuda.

A Área Metropolitana do Porto (AMP) integra 16 municípios, com uma população a rondar um milhão e setecentos mil habitantes, distribuídos por 10 concelhos do distrito do Porto e 6 de Aveiro. É a maior área metropolitana portuguesa e uma das maiores da Europa. Beneficiando de um processo de fluxo incessante das populações do interior para o litoral do país, esta região recebeu, na década de 90 do século passado, 93 mil habitantes, o que contrasta com o envelhecimento e a perda de cerca de 40 mil na cidade do Porto no mesmo período.

A presente crise tem vindo a fazer aumentar continuamente a taxa de desemprego e a colocar a Região Norte na cauda de alguns indicadores nacionais. Em termos mais estruturais, a população da AMP cresceu, entre 1991 e 2001, acima da média nacional e da Área Metropolitana de Lisboa; no entanto, os anos mais recentes trazem maiores constrangimentos que condicionam e mobilizam as populações e seus agentes de poder para os novos desafios: é neste quadro e contexto que se pode e deve entender o “mister” da EASR.

«Tornar a AMP uma comunidade inovadora, territorialmente ordenada, respeitadora dos valores ambientais e socialmente coesa acaba pois por ser um desiderato comum a qualquer política de desenvolvimento para os próximos anos, visto serem estas as vertentes essenciais de uma estratégia de progresso sustentável para uma região que se situa aquém dos níveis médios de riqueza comunitários, que está exposta a uma cada vez maior concorrência de bens e serviços dentro e fora da Europa e que está a viver, por imposição da economia “mundializada”, um processo rápido de reconversão produtiva com significativos impactos sociais negativos.»¹.

O quadro presente exige e supõe uma atitude comum concertada de todos os agentes económicos, sociais, culturais e académicos na mudança de paradigma. Para a prossecução desta foram seleccionadas cinco prioridades de negociação, a saber: atracção de novas actividades e empresários; reforço da mobilidade metropolitana; gestão da sustentabilidade energética e ambiental; promoção da coesão social e da requalificação urbana; redução de custos no âmbito do serviço público.

¹ documento “Prioridades de desenvolvimento para 2007-2013”, elaborado pela AMP, Introdução, pág.2

Todos estes vectores têm que ser direccionados numa lógica de acção concertada entre o poder central e os poderes locais, ou seja, o Governo, os Municípios, a Junta Metropolitana, as Associações Empresariais e as Universidades. É neste quadro que a EASR quer definir o seu perfil educativo, em ordem a constituir-se agente de mudança e de intervenção no quadro institucional, sócio-profissional e artístico, como a sua história centenária o testemunha de forma tão vincada.

Do ponto de vista cultural, a AMP tem vindo a consolidar alguns pólos de excelência e de grande visibilidade, mas pouco condizentes como uma verdadeira política de desenvolvimento cultural e artístico, populacionalmente integrado e integrador, o que não deixa de ser o retrato geral do país. Assim, a Fundação de Serralves, a Casa da Música, o Fantasporto, o FITEI, o Festival Internacional das Marionetas, o Festival Intercéltico – todos do Porto; o Festival de Jazz de Matosinhos, o Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, o Cinenima de Espinho, o Festival Internacional de Guitarra de Santo Tirso são alguns casos sérios de programação bem sucedida e enraizada na tradição. Trata-se, contudo e infelizmente, de iniciativas esparsas, cuja visibilidade e viabilidade ultrapassa muito o âmbito local ou regional, mas que não mobilizam a generalidade da população laboriosa dos bairros sociais, por diferentes razões, de natureza sócio-cultural e pedagógica. Também aqui a Escola Soares dos Reis dispõe de mecanismos específicos para realizar “a ponte” entre os diversos estratos sociais, no que concerne à fruição cultural: tal é o caso das actividades do “Círculo do Fogo”, nosso verdadeiro emblema que pode e deve potenciar a sua abertura ao Porto e à AMP, mais do que até agora tem feito.

Este sector de actividade deve vir a ser, num futuro próximo, da parte dos responsáveis autárquicos e de outros agentes, incluindo as escolas, os museus e demais entidades, objecto de uma profunda reflexão e debate, pois a cultura tem que ser economicamente rentável e lucrativa. Assim sucede na generalidade dos países desenvolvidos da Europa.

FREGUESIA DO BONFIM

«Percorrer o Bonfim pode ser, além do mais, um reconhecimento das marcas humanas e arquitectónicas da “revolução industrial”. [...] As fábricas debandaram do Bonfim, mas as habitações permaneceram, a alojar a população que já não tem, como no século XIX, o trabalho “ao pé da porta”.» (Helder Pacheco – Porto, Ambiente e Tradição).

A EASR localiza-se, tal como sucedia com o edifício anterior, na freguesia do Bonfim, na zona oriental da cidade do Porto, numa rua/gaveto muito fechada ao trânsito, na Rua Major David Magno, paralela à Av. Fernão de Magalhães e distando de três grandes pólos urbanos: a Praça do Marquês de Pombal, o Campo 24 de Agosto e a Igreja das Antas. A freguesia do Bonfim possui cerca de 35 mil habitantes. Se no passado foi muito industrial (e a paisagem urbana ainda conserva as velhas chaminés da era a vapor), as actuais 1872 empresas/instituições existentes, de muito pequena dimensão na maioria dos casos, são de comércio e serviços. E afora as marcas da industrialização oitocentista, todo o património urbano “fala” das influências do mundo rural do passado e das vizinhanças ou da ligação ao Brasil, com vários palacetes burgueses a atestar essa presença de outrora, espelhada ainda na referência constante da toponímia liberal da maioria dos seus sítios.

Bem servida de transportes urbanos e interurbanos, a escola situa-se numa zona de elevada acessibilidade, beneficiando da proximidade da estação de caminho de ferro de Campanhã e ainda do recente alargamento da linha do metro. Todavia, a escola situa-se numa zona deprimida da cidade, marcada pelo envelhecimento generalizado da população e pela degradação urbanística, apenas contrariada, desde há relativamente pouco tempo, pelo aparecimento da zona residencial, comercial e de lazer do Estádio do Dragão/“Dolce Vita”. Numa área periférica próxima da Soares dos Reis, situa-se um elevado número de estabelecimentos de ensino que asseguram os ensinos básico, secundário e superior com destaque para a Faculdade de Belas-Artes e a Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE). Está ainda a curta distância de diversos lugares de interesse artístico, histórico e cultural; a Casa-oficina António Carneiro, o Convento de Santo António da Cidade (Biblioteca Pública Municipal do Porto).

1.3. O nosso espaço

A resolução do Conselho de Ministros nº 1 de 2007 estabelece o programa de modernização do parque escolar destinado ao ensino secundário. Ao ser escolhida como uma das primeiras escolas a ser intervencionada neste programa, a nossa escola vê concretizada, no presente ano lectivo (2008/2009) uma medida que constituía, há muito, uma das suas mais importantes aspirações.

Cabe agora à escola o trabalho de fazer a mudança, e transformar uma estrutura edificada num organismo vivo e criativo.

Dizer “o nosso espaço” tem, na decorrência da resolução nº 1 de 2007, um sentido especial. A escola gere-o com um parceiro, a Parque Escolar, EP, que, enquanto proprietária, intervém de forma preponderante no processo de apropriação, transformação e manutenção das instalações.

1.3.1. Espaço físico

Em vez de uma intervenção nas instalações existentes na rua Firmeza a tutela opta por uma nova localização recorrendo à requalificação e ampliação da antiga escola Oliveira Martins, na rua Major David Magno, o que conduz à reabertura dos desafios de identificação da escola com o seu próprio espaço e de se dar a conhecer na sua nova localização no contexto da cidade do Porto e da área metropolitana.

Há um grande crescimento na dimensão física da escola e há uma integração de novos serviços e infra-estruturas de acordo com os padrões de funcionalidade e conforto actualmente exigíveis. Tudo isto implica mais complexidade e custos que a escola tem que enfrentar.

Estão agora garantidos acessos ao espaço da escola adaptados às necessárias utilizações em termos de movimentos de pessoas, veículos e aos movimentos de manutenção e abastecimento. Em termos de controlo destes acessos está já em funcionamento um serviço especializado de portaria e segurança.

Nesta fase de início de actividade e de adaptação às novas instalações colocam-se questões que merecem a atenção da escola:

- A importância de se promover na comunidade educativa o sentimento da escola ser nossa, de nela se reflectir uma parte significativa da identidade de cada membro dessa comunidade, levando a uma utilização responsável, respeitadora, profícua e criativa dos espaços e do conjunto edificado.

- O relevo que o auditório assumiu enquanto espaço de comunicação por excelência e lugar de expressão da identidade e diversidade da vida escolar, impõe a tarefa de se criar um sistema de organização e gestão deste recurso;

- A necessidade de se resolverem, sem hesitações e protelamentos, os problemas de natureza espacial e funcional detectados em alguns espaços oficiais e no bufete/cantina.

Em resumo, importa salientar que o sucesso desta mudança de instalações se deve afirmar como um grande objectivo a ser vivido em pleno pela escola.

1.3.2. Equipamentos

Em termos de equipamentos gerais as novas instalações da escola dispõem de um conjunto de meios técnicos de natureza mecânica, eléctrica e de redes de comunicação que respondem a padrões contemporâneos de funcionalidade. No entanto, a colocação em funcionamento destes equipamentos tem sofrido atrasos e dificuldades de operacionalização que penalizam o trabalho que se desenvolve na escola.

No seu dia-a-dia os professores e alunos recorrem a um conjunto de meios didácticos, informáticos e audiovisuais que importa pôr a funcionar eficazmente. Para tal, é necessária uma definição de padrões de operacionalização mas também uma preparação adequada dos intervenientes a cada situação para que se dominem as competências necessárias à produtiva utilização desses equipamentos.

Há ainda grandes atrasos na chegada de equipamentos do sector audiovisual que estão a criar graves dificuldades no cumprimento da missão formativa a que a escola tem que responder e na definição de uma estratégia coerente de intervenção nas áreas da reprografia e “plottagem”.

Relativamente às novas máquinas e equipamentos que já foram instalados nas oficinas, verifica-se que a sua entrada em funcionamento tem sido comprometida não só pela falta de acessórios complementares, não previstos inicialmente, mas também pelo atraso na necessária formação das pessoas que as irão operar.

Há que completar este importante trabalho de pôr em marcha os recursos indispensáveis à produtividade educativa da escola que se quer artística.

1.3.3. Segurança

Em termos físicos as instalações da escola dispõem dos meios de segurança exigíveis nos edifícios escolares. Mas a segurança não pode ser, apenas, uma questão de equipamentos. Tem que fazer parte do quotidiano da comunidade educativa enquanto factor presente nas acções de cada elemento dessa comunidade, quando participa e intervém na vida escolar e social.

A promoção da segurança na nossa escola desenvolve-se nas seguintes áreas:

- Divulgação e implementação faseada do Plano de Segurança da Escola levando a comunidade educativa a conhecer e a criar comportamentos adequados aos diversos riscos e situações;
- Monitorização do serviço de controlo de acessos e vigilância de acordo com princípios de urbanidade e eficácia;
- Colaboração com o programa “Escola Segura”, com os serviços de segurança do Ministério da Educação e com os Bombeiros, trocando informação e aplicando os protocolos e as recomendações recebidas.

1.4. Quem somos

A identidade da nossa escola constrói-se através das práticas daqueles que nela habitam; de todos os que nela estudam, trabalham e convivem e que se constituem como o centro de um sistema complexo que se assume como lugar de inovação e construção do conhecimento.

1.4.1. Alunos

Um grande número de alunos que se candidatam à frequência da EASR refere que a opção de escolha da EARS se deve à elevada reputação da escola no âmbito do ensino artístico². No geral, trata-se de alunos muito motivados e com grandes expectativas em relação à escola. Os problemas disciplinares são praticamente inexistentes e o processo de integração decorre com facilidade.

Embora grande parte do universo destes alunos revele competências que se enquadram num curso artístico, constata-se que alguns, aliciados por um plano de estudos com menos disciplinas de cariz teórico e científico, optam por esta via de ensino, sem possuírem aptidões artísticas especiais. Outros há que, demonstrando competências artísticas elevadas, apresentam resultados menos positivos nas disciplinas teóricas da componente de formação geral. No entanto, a taxa de sucesso escolar é elevada, sendo a média percentual dos últimos três anos e dos três níveis de ensino de 89%. (ver quadros em anexo)

Nos últimos anos, o número de candidatos à frequência do ensino diurno na EASR foi superior à capacidade da escola, pelo que tem sido necessário recorrer aos critérios de selecção definidos no Despacho n.º 13 765/2004, de 8 de Junho.

Condicionantes geográficas

No ano lectivo de 2008/2009, há 943 discentes inscritos, provenientes, na sua maioria, do distrito do Porto. Embora em pequeno número, é de salientar a existência de alunos provenientes de distritos limítrofes do Porto e de outros mais distantes, condicionante que implica para uns, longos

² Dados recolhidos, de forma não sistematizada, num inquérito efectuado no início do ano lectivo 2008/09 a alunos do 10º ano na disciplina de Projecto e Tecnologias

períodos de tempo despendidos no percurso casa/escola/casa e para outros a necessidade de fixarem residência no Porto, por vezes desenraizados e sem a supervisão de um adulto.

Comportamentos desviantes e de risco

Apesar de a escola ser hoje o local onde os nossos jovens passam a maior parte do seu tempo e de ser, por definição, um espaço físico isento do consumo de álcool e substâncias psicoactivas, é importante não esquecer a existência de outros espaços nos quais os alunos são muitas vezes confrontados com situações que os aliciam ao consumo dessas substâncias. Não podemos ignorar que algumas dessas situações ocorrem mesmo na envolvimento da própria escola. Por outro lado, assiste-se também a um conjunto de circunstâncias ligadas à vulnerabilidade de alguns alunos no seu processo de desenvolvimento e adaptação à vida adulta que muitas vezes se traduzem em distúrbios alimentares ou comportamentos depressivos.

Percurso académico

A maioria dos alunos ambiciona a prossecução de estudos, sendo elevada a taxa dos que se inscrevem, após o 12.º ano, em instituições do ensino superior público ou privado. Estes dados não estão, todavia, ainda quantificados.

Quanto aos alunos que terminam a sua formação no 12.º ano e ingressam no mundo do trabalho, não existem igualmente dados que permitam determinar se conseguem ou não uma inserção que valorize e respeite a sua formação escolar.

1.4.2. Professores

A Escola possui um corpo docente estável, tendo em conta que dos 143 professores, cerca de 62% pertencem ao quadro de escola.

Constata-se que os professores da EASR possuem uma bom nível de formação académica e profissional e que a sua assiduidade é boa. No entanto há um número significativo de professores contratados sem profissionalização e com pouco tempo de serviço que importa enquadrar e encontrar perspectivas para a sua formação pedagógica.

Contudo, a composição do corpo docente tem vindo a ressentir-se do estado actual do ensino e das carreiras docentes em particular, factor que contribuiu para que um grande número de professores da EASR antecipasse a sua aposentação. Daí resultou que a escola se visse, de repente, impedida de contar com a experiente colaboração de um elevado número de docentes em quase todas as disciplinas. A continuar a verificar-se, esta hemorragia afirma-se preocupante, podendo a escola correr o risco de ficar depauperada no seu corpo e espírito, sobretudo se a saída desses docentes não for acompanhada – como foi o caso até agora – da necessária passagem de testemunho das experiências, conhecimentos e competências de que são portadores.

Em anexo apresenta-se a distribuição do corpo docente, tendo em conta a situação profissional, a formação profissional e académica e a assiduidade.

1.4.3. Pessoal não docente

O conjunto é composto por trinta e quatro funcionários – 23 desempenham as funções de assistentes operacionais e 11 desempenham tarefas administrativas. Trata-se, regra geral, de pessoas diligentes e cumpridoras que dão à Escola o melhor do seu esforço, saber e experiência. No entanto e, apesar deste reconhecimento, há sempre aspectos das condutas profissionais a melhorar, formas de comunicação interpessoal a ensaiar, cuidados a redobrar no que concerne à segurança de pessoas, de espaços e de equipamentos. Todas estas metas envolvem a necessidade de auto e hetero-avaliação rigorosas e abertas, tendo por finalidade também a progressão nas carreiras profissionais e a realização pessoal de cada funcionário.

1.4.4. Pais / Encarregados de educação

Os nossos alunos provêm de famílias que apresentam índices económicos e culturais de uma grande variabilidade. No entanto, tendo em conta a média nacional, a prevalência é de agregados familiares com razoáveis níveis de escolaridade e algum suporte financeiro.

A participação dos pais e EE na vida da escola reflecte-se nos dados recolhidos junto dos directores de turma em termos da sua presença nas reuniões, que se situa próxima dos 50%. Não se podendo considerar este nível de participação como fraco, fica contudo uma margem significativa de melhoria desse envolvimento na vida escolar, não só em termos de acompanhamento do processo de ensino/aprendizagem, mas também como parceiros e mediadores na relação com o tecido social, económico e cultural, como já se verificou na colaboração prestada no estabelecimento de parcerias com empresas e organizações empresariais no âmbito da Formação em Contexto de Trabalho (FCT) dos Cursos Artísticos Especializados.

1.5. Como nos organizamos

A EASR enquanto escola pública, subordina-se aos princípios constitucionais e à normatividade do aparelho jurídico inerente à legalidade do Estado de direito democrático. Entende a educação como um processo humanizador e humano, capaz de criar, desenvolver e consolidar, no conjunto dos seus intervenientes – alunos, professores, pais e funcionários – o acto educativo na sua integralidade axiológica. Assume esta tarefa, valorizando a relação interpessoal, encarando-a como experiência pedagógica, capaz de construir os diferentes saberes e práticas, e valorizando também o esforço pessoal que exigem.

1.5.1. Contrato de Autonomia

A EASR confronta-se diariamente com os constrangimentos decorrentes da aplicação da estrutura normativa vigente no conjunto dos estabelecimentos de ensino público. A especificidade pedagógica e didáctica do ensino artístico requer uma autonomia acrescida que se aplica, por um lado, no aprofundamento da gestão curricular, na organização dos horários, no recrutamento de pessoal docente e não docente e, por outro, na gestão administrativa e financeira.

Há, neste contexto, um trabalho a fazer para a celebração de um Contrato de Autonomia, contrato este que envolve a Escola, a Direcção Regional de Educação do Norte, e a Câmara Municipal do Porto, já implementado em algumas escolas, o qual permitiria alcançar os objectivos atrás enunciados. Este trabalho passa pelo melhoramento do funcionamento das estruturas da escola, sancionado por uma avaliação externa, e por se instituir uma cultura permanente de recolha e organização da documentação e de autoavaliação das medidas aplicadas e das actividades realizadas. Nesta matéria cumprem um papel fundamental os instrumentos estratégicos e normativos como o presente Projecto Educativo de Escola, o Regulamento Interno e o Plano Anual de Actividades, devidamente articulados e plenamente funcionais.

Do exposto resulta que, nas circunstâncias actuais, a celebração do Contrato de Autonomia tem que ser vista, simultaneamente, como um desafio a vencer e um recurso a explorar.

1.5.2. Associação de Pais

A Associação de Pais e Encarregados de Educação da EASR é constituída, no presente ano lectivo, por 85 elementos e tem por objectivo envolver os pais e os encarregados de educação na vida da escola, de modo que a reconheçam como um local privilegiado de aprendizagem, de formação e de desenvolvimento da personalidade dos jovens, considerando-a uma parceira fundamental da sua educação.

Tal reconhecimento passa também pela participação na vida da escola, pelo envolvimento em actividades nela desenvolvidas (particularmente as que sejam programadas no Plano Anual de Actividades da Escola e que prevejam a sua participação), pelo diálogo com os professores e com outros agentes educativos, procurando que ela seja assim um espaço aberto a toda a comunidade e ao meio envolvente.

Para a consecução destes desígnios, a Associação de Pais reúne os seus Corpos Dirigentes, com regularidade mensal, apresentando as suas assembleias uma afluência muito razoável; dinamiza dois Blogues anexos ao sítio oficial da EASR, sendo um da própria Associação, com notícias e exibindo leituras que variam entre 15 e 447 visitantes e outro, de âmbito escolar e académico, funcionando como o jornal on-line da EASR, o “Canço da Soares”, também impresso com a colaboração estreita da A.P..

Com a dinâmica introduzida na EASR, pela Associação de Pais, muito se espera deste profícuo intercâmbio.

1.5.3. Associação de estudantes

Reconhece-se o associativismo estudantil como um instrumento eficaz e insubstituível de aprendizagem cívica dos grandes valores basilares da sociedade democrática. Ao estimulá-lo, a EASR está a contribuir para o incremento de uma genuína tradição democrática da juventude portuguesa, aproximando os jovens da política e dos direitos e deveres cívicos que devem presidir à organização da nossa vida colectiva.

A associação de estudantes da EASR (em fase relançamento) planeia realizar todo um conjunto de actividades inseridas na comunidade escolar, essenciais para a criação de um ambiente escolar de convívio, fraternidade e alegria, contribuindo assim decisivamente para o combate à violência e insegurança escolares.

Além das suas actividades lúdicas, desportivas culturais e artísticas, a associação de estudantes representa os estudantes da escola no plano político, nomeadamente entre estudantes e restantes corpos da escola e entre estudantes e poder político local, regional e nacional.

1.6. Como nos vemos

A EASR entende a função educativa como uma função social e pessoal, transmissora e criadora dos valores do diálogo, da cidadania, da solidariedade, do espírito crítico, do gosto da descoberta, da inovação e da auto-realização.

Entende que a educação pela arte favorece a criatividade, a socialização e o desenvolvimento pessoal, potenciando nos alunos novas formas de pensar e de resolver problemas, construindo cidadãos responsáveis e intervenientes.

Koichiro Matsuura³ referiu que “num mundo confrontado com novos problemas à escala planetária, (...) a criatividade, a imaginação e a capacidade de adaptação, competências que se desenvolvem através da educação artística, são tão importantes como as competências tecnológicas e científicas necessárias para a resolução desses problemas.”

Os processos artísticos de aprendizagem e os novos meios de produção artística estimulam o pensamento, a adequação de ideias e desenvolvem competências únicas e essenciais na formação da identidade como a reflexão crítica, a imaginação e a criatividade e oferecem meios aos alunos para que, num mundo globalizado e povoado de imagens, sejam fruidores e produtores de significados conscientes, explorem os seus universos visuais multiculturais e multi-tecnológicos e compreendam e preservem as culturas minoritárias.

Decorrente do entendimento de uma cultura visual (saber ver) indissociável de uma atitude crítica e informada de intervenção (saber fazer) e estruturando-se nesta plataforma de cruzamentos e complementaridades entre o plano conceptual e o domínio técnico, o plano de estudos da escola assume o seu carácter peculiar ao integrar a disciplina de Projecto e Tecnologias, inserida na componente técnico-artística, que se desdobra em duas vertentes – o Projecto e as Tecnologias.

1.7. O que oferecemos

A EASR funda-se na tradição da formação oficial técnico e artística do século XIX. O impulso de modernização técnica, nomeadamente pelo reequipamento das oficinas, transportou a tecnicidade destes equipamentos de um âmbito tradicional para um âmbito moderno, ou, industrial.

³ Director-geral da UNESCO no discurso inaugural da Conferência Mundial sobre Educação Artística. Lisboa, Março, 2006)

A actual situação do país, no contexto europeu, levanta novas questões, oferecendo diferentes oportunidades; de facto, Portugal tem sofrido com a deslocalização da indústria para o oriente, não conseguindo nas actuais circunstâncias sócio económicas oferecer condições nacionais de concorrência para a produção industrial. Por outro lado, Portugal vê-se enquadrado pelos meios digitais de uma tecnicidade pós-moderna, partilhando de semelhantes meios técnicos e criativos dos principais centros de decisão económica do mundo. Desta circunstância resulta que a actual situação pedagógica da EASR perca a sua vocação de formação de mão-de-obra para a indústria, reconvertendo-a numa mais especializada oferta de técnicos auxiliares para a concepção e desenvolvimento do projecto industrial; não obstante, manter-se-á em aberto a contribuição para a constituição de pequenas oficinas artesanais de elevado valor artístico, como alternativa económica às grandes produtoras globais.

1.7.1. Público alvo

O público alvo é constituído por:

- jovens que cedo revelam as suas aptidões no domínio artístico e que expressam, à partida, a vontade de prosseguir os seus estudos em Universidades ou em Institutos do Ensino Politécnico que proporcionem o aprofundamento de uma formação direccionada para uma área artística;
- jovens que, revelando aptidões artísticas, manifestam o desejo de aceder ao mercado de trabalho com qualificação profissional;
- adultos que desejam obter formação profissional e escolar na área da expressão artística, visando a conclusão do ensino secundário.

1.7.2. Cursos

Os cursos que oferecemos baseiam-se na criatividade e na investigação, propondo técnicas que se adaptam à expressão das diversas linguagens artísticas e às opções expressas pelos alunos. Suscitando uma faculdade criativa pessoal, visam a obtenção de uma formação que lhes permita atingirem, gradualmente, a desejada autonomia artística e pessoal e, no caso de pretenderem prosseguir estudos, adquirirem os pré-requisitos necessários para enfrentarem o grau de exigência do ensino superior artístico.

Especificamente direccionados para os alunos de ensino secundário, a escola oferece:

Cursos do Ensino Artístico Especializado ao abrigo da portaria 550-B/2004, de 21 de Maio

(regimes diurno/nocturno)

- Curso de Design de Comunicação
- Curso de Design de Produto
- Curso de Produção Artística
- Curso de Comunicação Audiovisual

Para efeitos de conclusão do ensino secundário, os alunos terão de obter aprovação em todas as disciplinas do respectivo curso, bem como aprovação na FCT (Formação em Contexto de Trabalho) e

na PAA (Prova de Aptidão Artística). A conclusão do curso é certificada através da emissão de um diploma que atesta a sua conclusão, indicando o curso concluído e a respectiva classificação final, ou, um certificado que discrimina as disciplinas, o trabalho apresentado na PAA e a FCT, bem como as respectivas classificações finais. Não é considerada, na certificação da conclusão de um curso artístico, a realização de exames nacionais, sendo apenas exigidos para efeitos de acesso ao ensino superior. Concedem uma certificação profissional de nível 3.

Visando a formação profissional e escolar de alunos adultos, a escola garante a oferta de:

Cursos Profissionais em regime diurno ao abrigo do Dec. Lei 74/2004 de 26 de Março

- Técnico/a de Design de Moda

Cursos EFA em regime nocturno ao abrigo da Portaria nº 230/2008 de 7 de Março

- Técnico/a de Desenho Gráfico

Técnico/a de Joalharia/Cravador

Em 2009 /2010 a escola alarga a oferta de cursos EFA

- Técnico/a de Design de Moda

- Técnico/a de Cerâmica Criativa

- Técnico/a de Ourivesaria/Cinzelador

- Técnico/a de Design Têxtil para Tecelagem

- Técnico/a de Design Têxtil para Estamparia

- Técnico/a de Multimédia

Todos os cursos profissionais e EFA proporcionam um diploma de ensino secundário e uma certificação de nível 3.

1.7.3. Implementação do Centro de Novas Oportunidades

O crescimento da oferta de formação de carácter tecnológico e profissional é uma das apostas estratégicas em vigor no nosso sistema educativo. Também com o lançamento da política das Novas Oportunidades batem à porta das escolas portuguesas novas questões que devem ser consideradas nos seus Projectos Educativos. Estes factores implicam uma evolução da ligação das escolas com as comunidades em que se inserem no sentido de se abrirem às necessidades de formação de um público-alvo muito mais vasto e mais ligado ao tecido social e económico local.

A escola tem sido solicitada para se instituir como Pólo de Referência regional no contexto do ensino artístico voltado para dar resposta às necessidades emergentes de formação de adultos em horário pós laboral, aplicando os seus recursos na oferta abrangente de cursos EFA nas áreas artísticas. Ser Pólo de Referência implica também o ser um exemplo de boas práticas nesta matéria e de abertura à partilha da experiência adquirida.

Uma outra faceta desta problemática tem a ver com a abertura de um Centro de Novas Oportunidades (C.N.O.) na escola, cuja missão será a análise e o encaminhamento dos pedidos de

certificação de competências apresentados por adultos que desejam obter essa certificação. O C.N.O envolve uma componente administrativa e uma componente formativa que, no caso da formação de natureza técnico-artística, poderá ser realizada no interior da escola.

Para implementar este C.N.O a escola terá que criar novas estruturas, devidamente articuladas com a sua missão formativa geral, e que encontrar respostas flexíveis que garantam a qualidade das certificações a realizar.

1.7.4. Serviços especializados de apoio

- Gabinete de Psicologia

Os Serviços de Psicologia e Orientação facultam acompanhamento psicológico e orientação vocacional, desenvolvendo, simultaneamente, actividades e projectos que envolvem a comunidade educativa.

- Gabinete médico

A escola conta semanalmente com a presença de um médico que assegura o atendimento aos alunos que apresentam problemas de saúde que interferem com o ciclo normal da sua vida de estudantes. Os alunos que apresentam sintomatologias graves são reencaminhados por este profissional para os serviços de saúde especializados.

1.8. Projectos em que participamos

- Programa de Aprendizagem ao longo da vida – Comenius.
- “When the stone becomes the jewel” - Parlamento Europeu das Escolas / PLE Comenius
- Projecto de Educação Para a Saúde
- Gestão da Biblioteca e dos Recursos Humanos e Materiais a ela afectos
- Promoção da Integração da Biblioteca na Escola
- Desenvolvimento das Literacias - Leitura e Informação
- Projecto Língua e Linguagens
- Escola associada à UNESCO

1.9. Os nossos parceiros

Balizada pelos objectivos de abrir a escola à comunidade e de fomentar a formação para a cidadania e intervenção, a EASR tem estabelecido parcerias com entidades do tecido social envolvente que importa desenvolver. Trata-se de participar e dinamizar numa rede de laços entre instituições que conjugam os seus contributos para alcançar metas comuns.

De acordo com o actual modelo de autonomia e gestão das escolas, integram o Conselho Geral Transitório, enquanto Representantes da Comunidade Local, elementos da Fundação de Serralves, da Associação Empresarial Portuense, do Instituto Português da Juventude, da Fundação da Juventude

e do Centro Português de Fotografia. Esta composição reflecte a intenção de ligação aos sectores social, económico, cultural e artístico afins à missão formativa da nossa Escola.

Há que referir as ligações aos órgãos de planeamento e gestão regional e local, a Junta Metropolitana do Porto, a Câmara Municipal do Porto e a junta de Freguesia do Bonfim, com os quais a escola tem trabalhado regularmente.

Têm também um papel fundamental as parcerias estabelecidas com universidades, centros de investigação, bibliotecas, museus e galerias de arte, que se concretizam na partilha de recursos e de experiências. O mesmo acontece com um vasto conjunto de empresas ligadas à escola por protocolos, que estão presentes no processo pedagógico participando na Formação em Contexto de Trabalho (FCT) e nas Provas de Aptidão Artística (PAA) dos Cursos do Ensino Artístico Especializado.

2. IDENTIFICAR

2.1. Clima da escola

“O clima de escola e a sua identidade pretérita e presente são frequentemente invocados como muito positivos, sendo sempre referenciado o gosto que os alunos têm em frequentar a escola e os professores em nela leccionar”⁴.

A EASR, entendida como comunidade educativa centenária, foi e é uma instituição cujos referenciais humanos têm sido marcados por um clima de afectos, de partilha de muitas vivências, mas também de muita exigência e de rigor. Várias gerações têm sido um testemunho vivo, não sendo raras aquelas famílias que contam três e quatro gerações que frequentaram a “Soares”, deixando nelas a sua marca, mas também marcando-a no seu “modus vivendi”.

A EASR consolidou uma imagem pública que é preciso manter, reforçar e prestigiar, projectando uma imagem de qualidade da escola no seu interior e exterior com vista a promover a “marca” Soares dos Reis .

O desenvolvimento dos laços afectivos entre as várias gerações de professores e de alunos pode e deve potenciar a dimensão simbólica que garante e promove o sentido de pertença e de integração. A comemoração das efemérides e de datas importantes para a comunidade tem essa dimensão fundamental, assim como o apoio às iniciativas dos alunos assessorando os projectos que estes apresentem e se enquadrem no espírito deste Projecto Educativo.

Actualmente, a Soares dos Reis enfrenta novos desafios, muito mudou e em simultâneo e, se não estivermos atentos, esse clima de que atrás falamos, pode-se alterar.

No novo espaço, a dimensão aumentou consideravelmente e a organização funcional, está repartida e compartimentada por múltiplos espaços com funções específicas, que propiciam a formação de grupos e sub grupos.

2.2. Constrangimentos à acção educativa

- O estado actual do ensino e das carreiras docentes fez com que um grande número de professores antecipasse a sua aposentação. O Projecto Educativo pode abrir espaço à realização de acções que propiciem o regresso à escola desses docentes aposentados e, com eles, essas experiências, competências e saberes.

Mais importante ainda, que sejam o testemunho dessa forma de estar que, no passado, construiu o clima de escola que fez da Soares dos Reis uma escola humanizada, uma Escola de Afectos.

⁴ Cfr. “Estudo de avaliação do ensino artístico – Relatório final” Fevereiro de 2007, Coord. Domingos Fernandes, pág.92

- A especificidade da EASR requer uma formação de professores que resulte da síntese entre conhecimento e experiência, geradora de um saber proveniente da acção e reflexão científica, pedagógica e didáctica. Para este efeito, os novos professores precisam de grande atenção e enquadramento pelas estruturas de acção educativa.

- A falta de assiduidade e de pontualidade são dois constrangimentos significativos que interferem negativamente na vida da nossa comunidade escolar como um todo e apresentam reflexos negativos no aproveitamento de muitos alunos, não apenas dos que faltam às aulas mas também dos que chegam atrasados e sobretudo dos que, sendo assíduos e pontuais, vêem a aula interrompida, com prejuízo das suas actividades de aprendizagem. É muito fácil e algo cómodo assumir uma atitude laxista e de indiferença, com custos relevantes.

Para minimizar ou eliminar estes problemas, convém que:

A nossa comunidade educativa, no seu todo, - professores, funcionários, pais e encarregados de educação e os próprios alunos - consciencialize e reflita sobre estas matérias, em ordem a adoptar uma atitude consertada e adequada, quer em termos de actuação prática, quer em termos de comunicação. Não basta dizer que há um regulamento interno: é urgente e imperioso adoptá-lo.

No início de cada ano lectivo haja uma acção de formação orientada para a prevenção e para a tomada de consciência dos riscos, das implicações e das consequências do excesso de faltas, atendendo à nova legislação (Estatuto do Aluno). Este assunto tem que merecer particular atenção dos órgãos pedagógicos da EASR, especialmente o Conselho Pedagógico, o Conselho dos Directores de Turma e os Departamentos Curriculares.

- A heterogeneidade da qualidade da formação académica e cultural dos alunos que chegam ao ensino secundário poderá tornar-se mais complexa com as medidas que estão a ser tomadas para alargar a escolaridade obrigatória até ao 12º ano. Por isso, há necessidade de concertação de princípios de actuação e de discussão e definição clara do que a escola considera ser a formação deste nível nas nossas áreas de ensino — princípios, objectivos, níveis de desempenho, etc..

- Em breve, com a falta de tempos não lectivos, haverá cada vez menos professores com redução da componente lectiva e os novos professores terão os seus horários exclusivamente preenchidos com essa componente. Assim, a curto prazo, a escola disporá de cada vez menos professores para o desempenho de cargos, actividades extra-lectivas e projectos de complemento curricular. A tendência poderá ser a utilização do tempo lectivo para outras actividades, com prejuízo dos conteúdos científico-didácticos. Por isso, será necessário ter consciência que não podemos reduzir o grau de exigência da formação dos alunos no âmbito de cada disciplina e procurar soluções de gestão que permitam atribuir a alguns professores tarefas de dinamização e gestão de actividades extra-lectivas.

- As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) são hoje omnipresentes na Escola quer ao nível pedagógico (na sala de aula) quer ao dos Serviços Administrativos. Assim, a Soares dos Reis procura apostar e fomentar a utilização de software que permita maximizar a eficácia e a eficiência dos seus serviços, bem como leccionar da forma mais genérica e transparente possível.

A utilização de Software Livre⁵ permite a livre troca e o estudo das aplicações informáticas entre alunos, bem como a sua disponibilização pelos docentes. Este software não acarreta custos nem depende da plataforma que os utilizadores possam ter à sua disposição tanto na Escola como em casa (nomeadamente, o Sistema Operativo). Procura-se desta forma fomentar a partilha de saberes e ideias, incentivar a investigação e o estudo cooperativo, minimizar os custos e combater a infoexclusão.

A opção por formatos abertos e internacionalmente estandardizados (como o *OpenDocument Format*, norma ISO/IEC 26300:2006) procura salvaguardar a independência da informação relativamente aos fabricantes de software, bem como garantir a interoperacionalidade das aplicações.

As opções por sistemas fechados, propriedade de uma única empresa ou consórcio, faz-se apenas nas áreas cuja especificidade imponha um conjunto de requisitos que não possam ser satisfeitos por aplicações livres, ou onde pura e simplesmente tais aplicações não existam. Neste caso, a Escola adquire as aplicações necessárias para garantir o cumprimento dos seus planos curriculares, mas o aluno está limitado à sua utilização em contexto de aula.

⁵ <http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.html>

3. QUERER

3.1. Valores fundamentais

A EASR propõe a todos elementos que compõem esta comunidade os seguintes valores referenciais:

- Respeito pela liberdade, tolerância, abertura ao diálogo e à solidariedade, aceitação das diferenças, da dignidade da pessoa humana e da autonomia individual.
- Mobilização da comunidade educativa para os valores da democracia, da honestidade e da transparência, da construção da cidadania num território educativo onde seja possível perceber, aceitar e reconhecer o(s) outro(s) na(s) sua(s) semelhança(s) e diferença(s).
- Implementação do civismo, da convivência democrática e do respeito pelo meio ambiente e pelo desenvolvimento sustentável.
- Promoção da criação e da inovação, integração da tradição na dinâmica de construção dos saberes e das práticas artísticas, abertura às novidades e aos desafios da contemporaneidade.
- Procura do desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade e das competências de cada aluno, pela partilha e pelo intercâmbio dos saberes e de experiências.
- Valorização das aprendizagens e do êxito pessoal pelo reconhecimento do mérito, baseado no esforço e na melhoria das práticas educacionais.

3.2. Princípios da acção pedagógico-didáctica

A EASR tem que criar condições materiais e sociais que permitam, favoreçam e estimulem o trabalho e as aprendizagens. Neste sentido, a administração e os órgãos directivos da Escola, tal como os seus agentes educativos, devem criar um ambiente físico e humano culturalmente estimulante, por meio de uma cultura organizacional apoiada em competências científicas, técnicas e pedagógicas valorizadoras do mérito, do espírito crítico e criativo, mas também da disciplina e da autoridade. Esta cultura de escola, aberta e democrática, tem que visar o desenvolvimento pleno das potencialidades dos alunos, promover a actualização permanente das práticas lectivas e estimular os docentes à reflexividade, à inovação e à disponibilidade para a mudança, condições imprescindíveis para a sociedade do conhecimento.

Construir a sociedade do conhecimento pressupõe uma actuação pedagógico-didáctica que clarifique e explicita os saberes estruturantes em cada área e ano curricular. Esta actuação tem que ser aberta à sociedade, ao mundo das ideias e das artes. Mas deve ainda, em tempos de crise global e de escassez, corresponsabilizar todos os intervenientes na acção educativa por atitudes de rigor e de exigência no trabalho e na gestão racionalizadora dos espaços, dos meios e dos recursos educativos, segundo critérios de equidade, de qualidade e de oportunidade.

4. FAZER

4.1. Definição de prioridades e campos de actuação

Definem-se, a seguir, as áreas de intervenção e estratégias prioritárias assim como um conjunto de metas ou objectivos operacionais que constituem o Plano de Acção dos Órgãos de Gestão Pedagógica:

- O processo de ensino – aprendizagem pautado por uma cultura de qualidade, rigor, exigência, inovação e melhoria continuada;
- O trabalho conjunto dos professores;
- A organização curricular e pedagógica com oferta diversificada, orientada para os interesses dos alunos, atendendo aos alunos com dificuldades nas aprendizagens e às especificidades do ensino nocturno;
- A formação para a cidadania traduzida na participação dos alunos, sob diversas formas, na vida da escola e da comunidade;
- O ambiente de trabalho entre os membros da comunidade escolar e o funcionamento eficiente dos serviços;
- A abertura da escola à comunidade;
- A cultura da auto-avaliação.

4.2. Áreas de intervenção a privilegiar e estratégias de implementação

Áreas de intervenção a privilegiar	Estratégias a implementar
O processo de ensino – aprendizagem pautado por uma cultura de qualidade, rigor, exigência, inovação e melhoria continuada	• Organizar e implementar o Plano de Formação de Escola contemplando a formação geral e específica da área de cada docente e nas áreas de desenvolvimento deste projecto; • Apoiar o desenvolvimento de projectos de experimentação e inovação pedagógicos; • Divulgar e avaliar os projectos de natureza artística existentes no espaço escolar, garantindo a continuidade dos que demonstram qualidade; • Instituir procedimentos de registo e arquivo de documentos e matérias que relevem o processo de ensino aprendizagem nas diversas áreas de formação; • Valorizar a diversidade de metodologias e estratégias educativas; • Promover a utilização correcta da língua portuguesa; • Incrementar o trabalho interdisciplinar e a melhoria dos processos pedagógicos e de comunicação; • Definir e aplicar de forma rigorosa os critérios de avaliação; • Analisar resultados e, com base nas conclusões, diversificar as estratégias.
O trabalho conjunto dos professores	• Criar condições de disponibilidade de horário para o trabalho conjunto dos grupos de docência; • Valorizar o Conselho de Turma como estrutura intermédia de gestão, de forma a articular a prática lectiva; • Potenciar lideranças intermédias, designadamente as coordenações de Departamento, de Curso e de ano, assim como as direcções de instalações.
A organização curricular e pedagógica com oferta diversificada, orientada para os interesses dos alunos, atendendo aos alunos com dificuldades nas aprendizagens e às especificidades do ensino nocturno	• Promover uma oferta curricular diversificada, tanto para o prosseguimento de estudos como nos cursos profissionais e EFAs, na perspectiva da integração profissional e da ligação ao meio; • Organizar turmas com equidade e justiça; • Orientar os alunos através dos Serviços de Psicologia e Orientação • Atender às especificidades do ensino nocturno, preparando ofertas específicas de acordo com as suas necessidades; • Acompanhar os alunos com dificuldades de aprendizagem e de integração através dos serviços especializados de apoio educativo; • Incentivar formas de cooperação entre professores do ensino artístico e uma diversidade de profissionais das artes de modo a permitir o alargamento das actuais ofertas da escola; • Potenciar o acesso aos recursos educativos disponíveis.
A formação para a cidadania traduzida na participação dos alunos, sob diversas formas, na vida da escola e da comunidade	• Incentivar a participação dos alunos nas estruturas de gestão e na Associação de Estudantes; • Promover o respeito pelo Ambiente; • Educar para a Saúde; • Educar para o consumo responsável; • Fomentar a solidariedade; • Apoiar as iniciativas dos alunos através de assessorias.

Áreas de intervenção a privilegiar	Estratégias a implementar
O ambiente de trabalho entre os membros da comunidade escolar e o funcionamento eficiente dos serviços	• Responsabilizar toda a Escola, individual e colectivamente, pelo cumprimento do Regulamento Interno e proceder à sua revisão periódica; • Melhorar a integração dos novos professores na escola; • Qualificar e manter o espaço físico da escola; • Humanizar espaços, tornando-os adequados ao desenvolvimento de relações interpessoais e propiciadores de um ambiente de trabalho estimulante; • Optimizar e actualizar os recursos oficiais, os sistemas de impressão e <i>plottagem</i>; • Promover a segurança interna e externa; • Promover o bom funcionamento dos serviços; • Melhorar o atendimento; • Simplificar procedimentos organizacionais; • Gerir recursos financeiros de forma eficiente; • Aumentar as receitas próprias através do aluguer de instalações e do aumento da diversidade de oferta no bufete.
Abertura da escola à comunidade	• Incentivar a participação dos Pais e Encarregados de Educação na vida da escola; • Dinamizar a função do Encarregado de Educação e representante da turma; • Organizar visitas de estudo; • Desenvolver protocolos com empresas para a realização de estágios; • Estabelecer parcerias com diversas instituições; • Realizar visitas a instituições da proximidade da escola que possam integrar ou vir a integrar órgãos consultivos e outros, nos termos legais aplicáveis; • Implementar medidas de integração dos jovens alunos nos diferentes mercados (local, nacional, internacional) através da celebração de acordos de cooperação (via estágios curriculares e outros, nomeadamente, em regime de voluntariado e trabalho comunitário); • Abrir a escola a demonstrações artísticas dos alunos, em espaços de terceiros e/ou públicos, permitindo assim que divulguem o seu <i>know how</i>; • Criar novos espaços informativos e/ou formativos, incluindo <i>workshops</i> e tertúlias, dentro ou fora da escola, designadamente com instituições do âmbito artístico, cultural, formativo, do emprego e da mobilidade (ex: Fundação da Juventude). • Contribuir para a integração dos diplomados pelos Cursos Profissionais no mundo do trabalho; • Estar receptiva à colaboração com instituições do ensino superior no âmbito da orientação de estudantes estagiários; • Criar núcleo de gestão da informação, comunicação e imagem da escola • Assumir-se como recurso disponível capaz de dar resposta às solicitações de uma sociedade em evolução.
A cultura de auto – avaliação	• Desenvolver um sistema de auto-avaliação sistemática, abrangendo todas as áreas de funcionamento da escola, aplicando questionários, realizando entrevistas e calculando indicadores; • Criar o Observatório do Aluno para acompanhar e calcular o valor acrescentado pela escola na formação dos alunos.

4.3. Instrumentos de operacionalização

Em conformidade com os objectivos definidos, considera-se prioritário a inserção de cinco grandes eixos estruturantes que, em articulação, contribuem decisivamente para o desenvolvimento do Plano de Acção dos Órgãos de Gestão Pedagógica:

- Projecto Curricular de Escola: integra as decisões relativas à adaptação do currículo nacional à realidade da escola;
- Projecto Curricular de Curso/Ano/Turma: integra as decisões relativas à adaptação do currículo e à definição de actividades educativas para cada Curso/Ano/Turma;
- Plano Anual de Actividades: integra acções educativas propostas pelos departamentos, grupos de docência, conselhos de turma, bem como outros projectos desenvolvidos na escola;
- Regulamento Interno: conjunto de normas que regula o funcionamento da comunidade educativa.

5. Avaliar

5.1. Avaliação do PEE

A avaliação do Projecto Educativo será realizada anualmente. Para esse fim, os órgãos de gestão da escola devem criar uma equipa que, adoptando olhares variados e perspectivas complementares, torne a avaliação interna uma prática interiorizada e produtiva.

A essa equipa caberá criar instrumentos de verificação diversos (pequenos questionários, relatórios e registos de opinião, tratamento quantitativo de dados), de modelo pragmático, simples e preciso e desencadear procedimentos ágeis e constantes, de uso habitual e periódico, que facilitem a valorização de boas práticas e a correcção de outras, menos boas.

Coligir os dados para verificação dos objectivos operacionais definidos e divulgá-los, também periodicamente. Com base na interpretação desses dados, fazer recomendações e apresentar os resultados aos órgãos e estruturas competentes.

Relativamente às diferentes áreas de intervenção, a avaliação far-se-á:

Áreas de intervenção	Instrumentos de avaliação: quantitativa e qualitativa	Momento da avaliação
Processo de ensino aprendizagem	Quantificar a formação de professores: - n.º de professores envolvidos; - n.º de horas de formação total/escola; - n.º de acções propostas pela escola; - n.º de horas de formação específica; - n.º de horas de formação generalista; Tratamento estatístico de dados sobre: - avaliação dos resultados, período a período, a partir das pautas; - transição/aprovação por ano de escolaridade, a partir das pautas de avaliação final; - resultados dos exames nacionais; - abandono por ano de escolaridade, a partir do registos de anulação de matrícula; - assiduidade dos alunos; - apoios educativos; Análise da utilização das TIC; Análise das actas das reuniões de avaliação; Análise dos relatórios de visitas de estudo; Análise dos relatórios do cumprimento do Plano Anual de Actividades: intermédio e final.	No final de cada ano lectivo
Trabalho conjunto dos professores	Inquéritos aos professores: - avaliação das Actividades de Coordenação e Planificação.	No final do ano lectivo

Áreas de intervenção	Instrumentos de avaliação: quantitativa e qualitativa	Momento da avaliação
Organização curricular e pedagógica	Levantamento estatístico de: - alunos matriculados por ano, por curso e por escola de origem; - n.º de alunos / turma / curso/ especialização; - n.º de alunos que não conseguiram matricular-se na escola; - n.º de alunos acompanhados pelos serviços de psicologia e orientação; - n.º de alunos abrangidos pelo ensino especial; - idade, habilitação académica e profissional, tempo de serviço e tempo de serviço na escola dos professores e funcionários; Questionários a alunos e professores sobre as actividades de ocupação plena dos tempos escolares dos alunos; Análise dos relatórios críticos anuais da actividade das estruturas intermédias de gestão – directores de turma, coordenadores de departamento e representantes e grupo de docência; Análise dos relatórios críticos de actividade dos diferentes projectos.	No final do ano lectivo
Formação para a cidadania	Levantamento estatístico do nível de conflitualidade: - Participações de ocorrências de carácter disciplinar: frequência e natureza; Análise da frequência da Biblioteca/Centro de Recursos Educativos pelos alunos; Análise da participação em diferentes projectos.	No final do ano lectivo
Ambiente de trabalho e funcionamento eficiente dos recursos	Avaliação de tipo qualitativo: Questionários a professores, funcionários e alunos; Taxa de utilização de recursos; Assiduidade de professores e funcionários; Levantamento das disponibilidades financeiras: orçamento do Estado, orçamento privativo e projectos; Levantamento da estabilidade do pessoal docente e não docente;	Um grupo – alvo em cada ano rotativamente
Abertura à comunidade	Levantamento estatístico relativamente aos Pais e Encarregados de Educação: - Habilitações académicas, - Profissões;	À entrada na escola

Áreas de intervenção	Instrumentos de avaliação: quantitativa e qualitativa	Momento da avaliação
	Participação dos Pais e Encarregados de Educação na vida escolar, através das actas das reuniões e dos registos do director de turma: % pais que compareceram às reuniões; % pais nas horas de atendimento; N.º de visitas ao Director de Turma ao longo do ano lectivo; Questionários aos Pais e Encarregados de Educação sobre a escola; Entrevistas à Associação de Pais; N.º de entidades com quem se estabelecem parcerias; Participação em encontros e eventos; N.º de referências a actividades da escola na comunicação social.	Ao longo do ano lectivo

6. Conclusão

São enormes os desafios que se colocam hoje à escola pública portuguesa em geral e à nossa “Soares” em particular. Não porque seja apenas uma escola com 125 anos e carregue o peso desta responsabilidade histórica. Não porque disponha e exiba (de) uma alma colectiva que emerge a cada instante como cultura viva da escola, presente no seu “modus vivendi” diário. Que é feito de dificuldades, de obstáculos, de contradições e de alguns receios de falhar...Mas também de tanto entusiasmo, de tanta alegria na busca dos saberes desafiantes, na realização dos projectos, no desemaranhar das cumplicidades solidárias que nos fazem crescer a todos, alunos, professores, funcionários e encarregados de educação, como pessoas vivas, abertas ao presente e cooperantes na criação individual e colectiva do seu/nosso Futuro.

Anexos

História

As origens da EASR remontam ao ano de 1884 a criação da Escola de Desenho Industrial de Faria Guimarães, cujas instalações iniciais se localizavam no campo 24 de Agosto, freguesia do Bonfim.

Nesta fase, que se prolonga até 1930, o ensino era iminentemente prático, orientado para o desenvolvimento de competências de reprodução de modelos propostos pelos mestres, visando a formação de profissionais para os quadros das indústrias da região do Porto, que, na época, eram a pintura decorativa, tecelagem, cinzelagem, ourivesaria e marcenaria.

Em 1927 a Escola Industrial de Faria Guimarães muda-se para o nº 49 da Rua Firmeza, também na freguesia do Bonfim, instalando-se num edifício adaptado de uma antiga fábrica de chapéus. Este será o espaço que, com várias reformas e ampliações, a escola ocupará até 2008.

A partir de 1930 inicia-se uma fase em que se actualizam os cursos em função da emergência de novas realidades económicas e tecnológicas, em que se integra, a par da formação profissional, uma formação visual, humanística e científica, se abre a escola à população feminina, e se dá um passo na direcção de uma articulação com o ensino superior artístico com a criação do Curso de Habilitação às Belas Artes.

É em 1947 que a escola passa a ter o actual patrono, alterando-se a sua denominação para Escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis. Realiza-se aí uma nova actualização e sistematização da oferta formativa com a abertura de novos cursos nas áreas das Artes Gráficas e da Cerâmica. A estrutura dos cursos integra, nesta fase, uma sequência três níveis, articulados mas autónomos: formação inicial, especialização e preparação para as Belas Artes.

Esta estrutura mantém-se até à reforma geral do Ensino Secundário, a conhecida reforma de Veiga Simão, de 1972/73. Criam-se dois níveis de ensino: os Cursos Gerais e os Cursos Complementares de Artes Visuais, distribuídos pelas áreas do Equipamento e Decoração, Têxteis, Artes do Fogo, Artes Gráficas e Imagem.

Após o 25 de Abril de 1974, e com base numa política de abolição da distinção entre o ensino liceal e o ensino técnico, a escola suprime os Cursos Gerais que dão lugar ao Curso Unificado e passa a designar-se Escola Secundária de Soares dos Reis. A política de uniformização da oferta educativa nacional concretiza-se na criação dos Cursos Profissionais e Técnico Profissionais a partir de 1983. No entanto, logo em 1986, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, na qual se prevê a possibilidade de existência de escolas especializadas de índole artística, desperta na escola um movimento de opinião que se debruça sobre as questões ligadas às necessárias transformações a levar a cabo na escola para a sua passagem a escola especializada de ensino artístico, num processo paralelo ao da escola congénere de Lisboa, a António Arroio. Isto leva a que em 1990 seja aprovado o Estatuto das Escolas Secundárias Especializadas de Ensino Artístico (Dec. Lei 344/90). Tem então início um processo de construção de um novo projecto pedagógico, novas realidades curriculares,

novos programas, aquisição de equipamentos e adaptação de espaços, que tem por grande objectivo clarificar a especificidade da oferta formativa da escola garantido a possibilidade de equiparação dessa formação à concedida pelas demais escolas secundárias. Este projecto pedagógico atinge a sua plena aplicação no ano lectivo de 1995/96.

A reflexão sobre a prática com este projecto pedagógico e a contínua mudança da linha de orientação política no tocante à formação profissional e artística, conduz a uma nova reforma do ensino artístico de nível secundário na qual a voz das escolas, nomeadamente da nossa, foi ouvida. Em 2004/05, apoiada nesta reforma, procede-se à clarificação da missão da escola ao ser refeita toda a estrutura curricular da oferta educativa, terminando o Curso Geral de Artes Visuais. A escola passa a concentrar todo o seu trabalho nos quatro cursos do Ensino Artístico Especializado, previstos na Portaria 550B/2004, a saber: Curso de Produção Artística, Curso de Design de Comunicação, Curso de Design de Produto e Curso de Comunicação Audiovisual, os quais integram a generalidade das expressões e tecnologias que, devidamente actualizadas e enriquecidas, sempre se afirmaram como o núcleo da sua prática pedagógica.

Na actualidade a oferta educativa para o ensino nocturno, que de há muito tem sido uma das apostas da escola, está em transformação com o aparecimento, a nível nacional, dos Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA). Estão já em funcionamento vários cursos apoiados neste modelo que se perspectivam como a via de garantir a atractividade da escola para a população adulta que pretende uma formação de natureza artística.

Projecto Educativo - TIC

Alexandre Martins amartins@essr.net

Fernando J. Leal fjleal@essr.net

30 de Abril de 2009

Este documento constitui uma contribuição para a elaboração do novo Projecto Educativo de Escola da Soares dos Reis, actualmente em fase de discussão, no que respeita à utilização dos recursos informáticos.

Utilização das TIC na Escola

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm hoje uma forte presença na Escola, como na sociedade em geral. A sua utilização dá-se fundamentalmente a dois níveis: ao nível puramente pedagógico - enquanto ferramentas didácticas de utilização transversal a todas as disciplinas - e ao nível dos serviços e do funcionamento da Escola como uma Organização - como ferramentas de suporte ao trabalho diário nos mais diversos sectores (Conselho Executivo, Serviços Administrativos, Biblioteca, salas de aula, etc.)

As TIC como Ferramenta Pedagógica

Em ambiente de aula, a utilização das TIC tem vindo nos últimos anos a crescer de forma significativa, tanto como ferramenta de apoio à leccionação e à pesquisa e experimentação por parte dos alunos, como objecto de estudo no caso das disciplinas práticas nas quais a mestria no manuseamento de determinados produtos de software é competência fundamental a adquirir pelos alunos.

A Soares dos Reis, fruto do processo de mudança para as novas instalações, recebeu da Parque Escolar (Ministério da Educação) um conjunto de equipamentos que suprem as principais necessidades de recursos informáticos que a Escola vinha sentindo, nomeadamente computadores e equipamento de projecção para as salas de aula (à excepção da plataforma servidora). Assim, cumpre agora a Escola adoptar o *software* necessário a maximizar o rendimento desses equipamentos. Neste processo, do ponto de vista pedagógico, convém atentar:

- a adequação do software ao currículo;
- a facilidade de utilização das interfaces (que devem ser o mais simples e intuitivas possível);
- a salvaguarda, sempre que possível, da facilidade de os alunos terem acesso gratuito ao *software* adoptado e poderem, sem quaisquer restrições, copiá-lo e instalá-lo nos seus computadores domésticos;
- a independência, na medida do possível, em relação à plataforma de hardware utilizada - nomeadamente, a possibilidade de o software ser executado sobre os sistemas operativos mais comuns: *Microsoft Windows*, *Mac OS-X* e *GNU/Linux*.

As TIC nos Serviços da Escola

A nível dos serviços, é importante que o *software* escolhido garanta:

- o menor custo de aquisição e manutenção possível;
- a maior facilidade de gestão e de actualização;

- robustez e imunidade a vírus informáticos e programas classificados como *malware*, *spyware* e outras pragas infelizmente comuns hoje-em-dia nas redes informáticas (nomeadamente na Internet);
- independência em relação à plataforma de *hardware* e ao fabricante. Na medida do possível, convém que a Escola não se encontre numa situação de “refém” de nenhum produtor de *software* no que concerne a actualizações e correcção de problemas;
- a utilização de formatos livre e abertos, de acordo com as recomendações de Comissão Europeia ¹, por forma a que a informação em formato electrónico não circule em formatos fechados fora do nosso controlo.

Conclusão

Pelo exposto, recomendamos a adopção e a promoção, sempre que possível, de *software* livre e aberto (vulgo FOSS, *Free and Open Source Software*)² e de formatos livres e devidamente estandardizados pelos corpos de normalização internacional (nomeadamente o Comité ISO)³. Do nosso ponto de vista, como principais vantagens, esta política permite:

- disponibilizar livremente as ferramentas de *software* aos alunos e docentes por forma a que delas possam tirar partido tanto na Escola como em casa;
- fomentar um espírito de livre circulação e partilha de software e ideias, maximizando a troca de experiências e de saberes;
- combater a infoexclusão através do livre acesso às ferramentas de trabalho, que podem ser fornecidas aos alunos pelos próprios docentes no âmbito das suas disciplinas;
- evitar os custos proibitivos do *software* comercial e a dependência de um único produtor e sistema operativo cuja utilização normalmente implica, respeitando assim os direitos de autor e a propriedade intelectual de quem desenvolve estas ferramentas.

¹ <http://ec.europa.eu/idabc/en/document/2592/5588>

² <http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.html>, <http://www.opensource.org/>

³ A questão dos formatos está resumida num documento acessível no nosso website em https://www.essr.net/news/opendocument_howto.pdf

Gráficos - Alunos

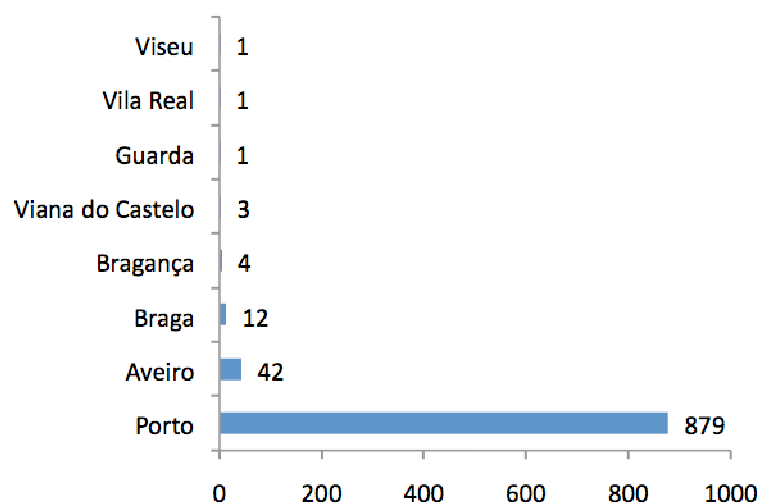


Gráfico 1 - Alunos por distrito 2008-2009

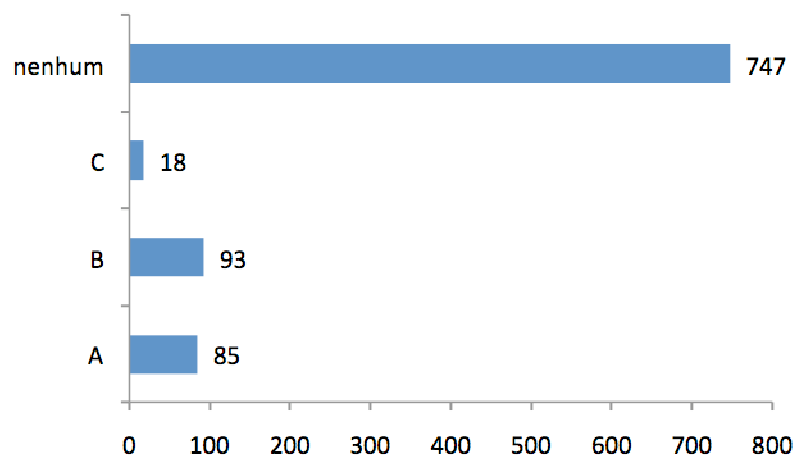


Gráfico 2 - SASE - Alunos por escalão 2008-2009

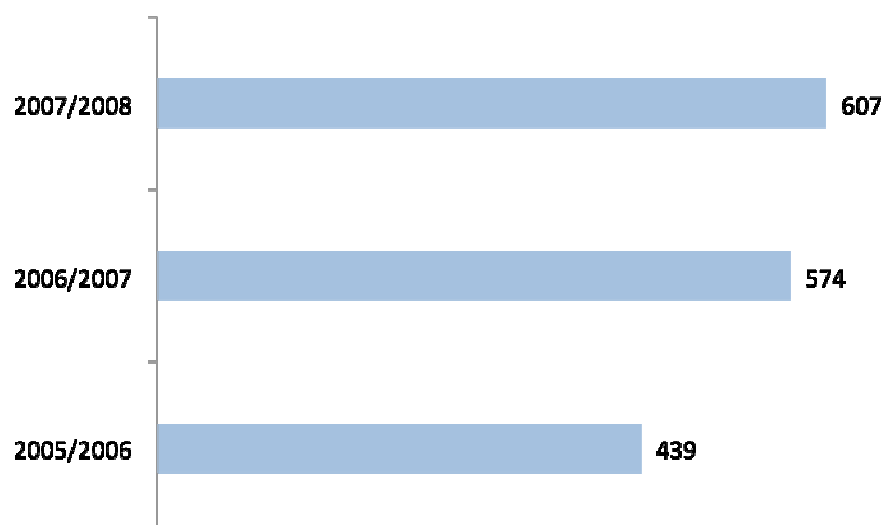


Gráfico 3 - n° de alunos inscritos

Gráficos - Alunos

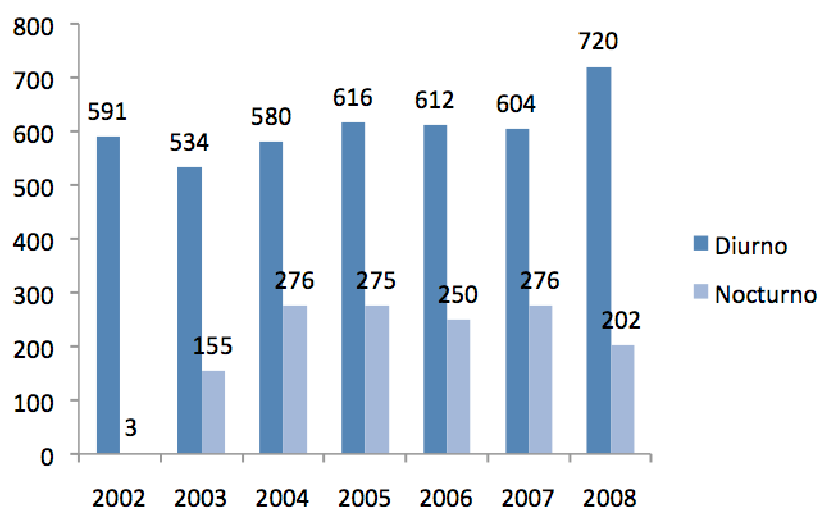


Gráfico 4 - n° de alunos por regime de ensino

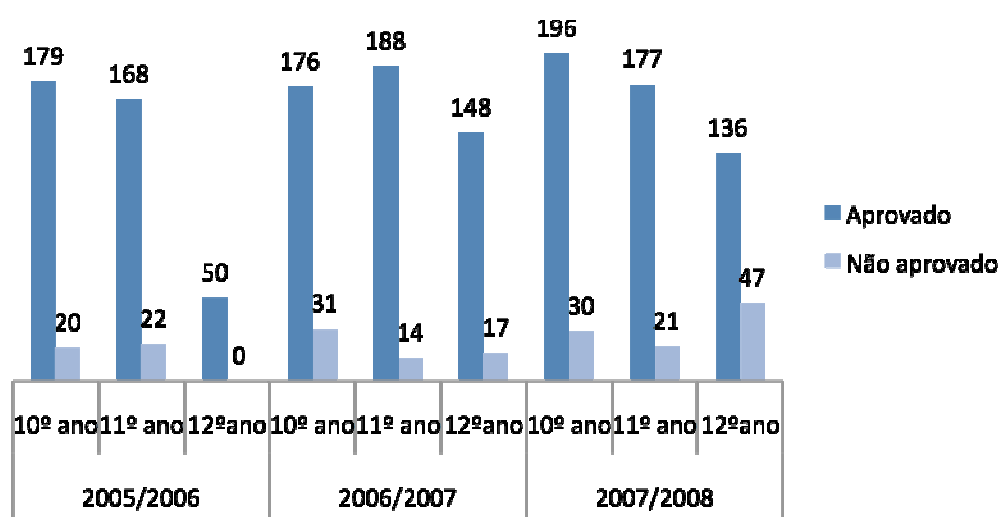


Gráfico 5 - n° de alunos aprovados e não aprovados

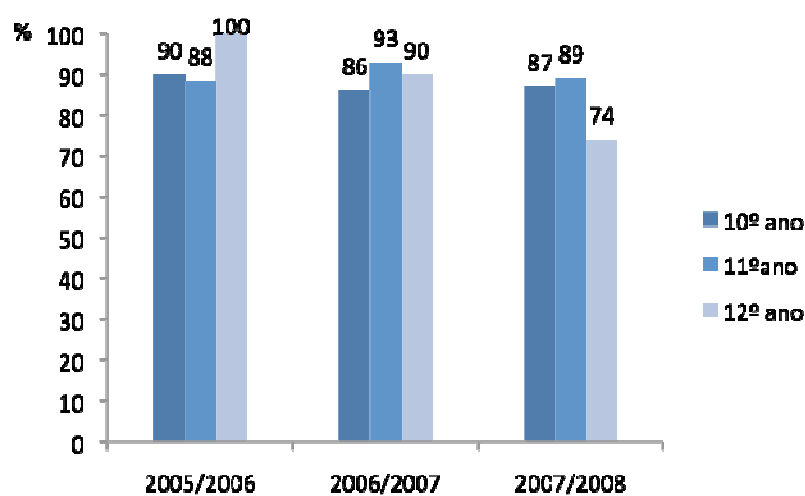


Gráfico 6 - Percentagem de aprovações

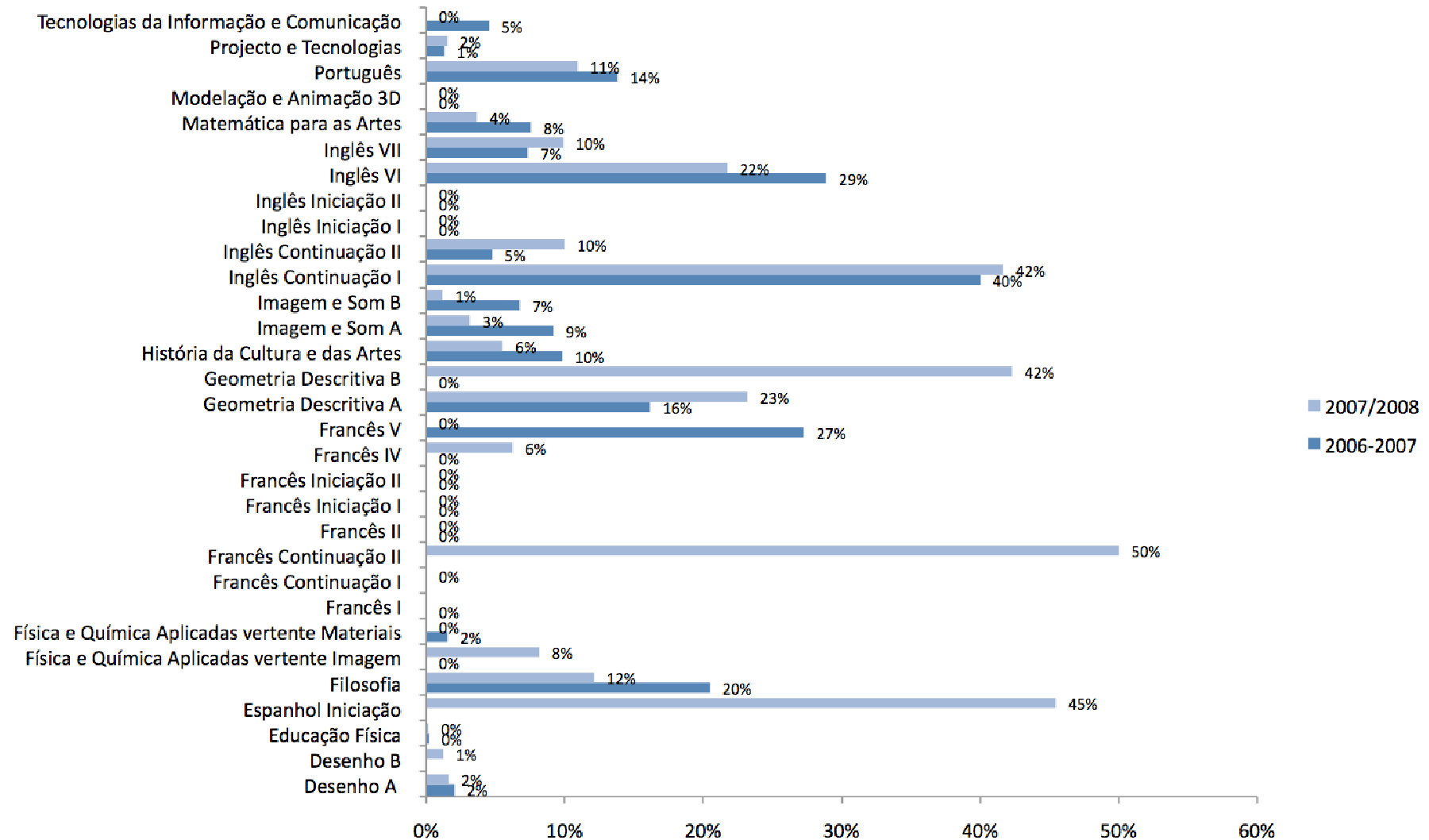


Gráfico 7 - Percentagem de negativas por disciplina

Gráficos - Professores

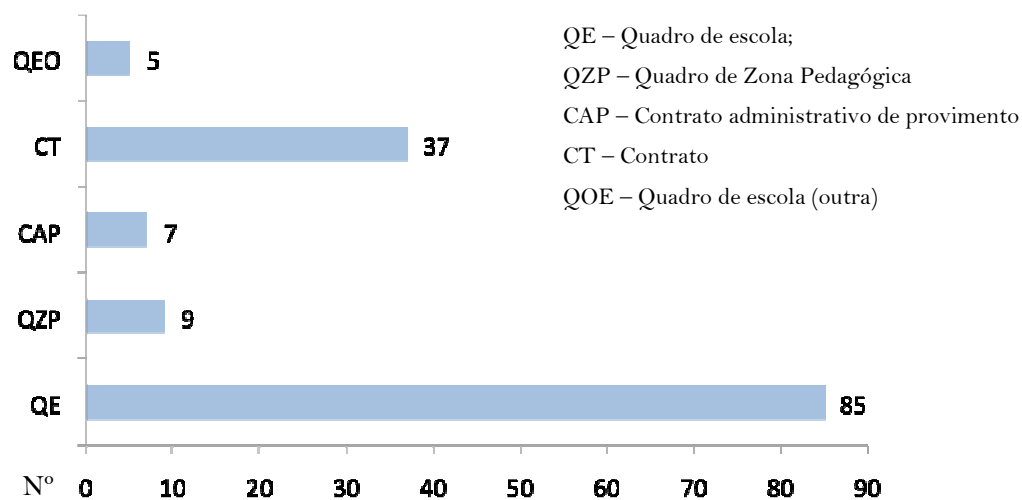


Gráfico 8 - Situação profissional dos professores 2008-2009

Situação	QE	QZP	CAP	CT	QEO	Total
Departamento						
Línguas e Literaturas	17			1		18
Ciências Sociais e Humanas	10		4	2	1	17
Ciências Exactas	10	1				11
Expressões	43		3		4	50
Técnicas Especiais	8	6		31		45
Educação Especial				2		2
Total	88	7	7	36	5	143

Tabela 1 - Situação profissional por departamento 2008-2009

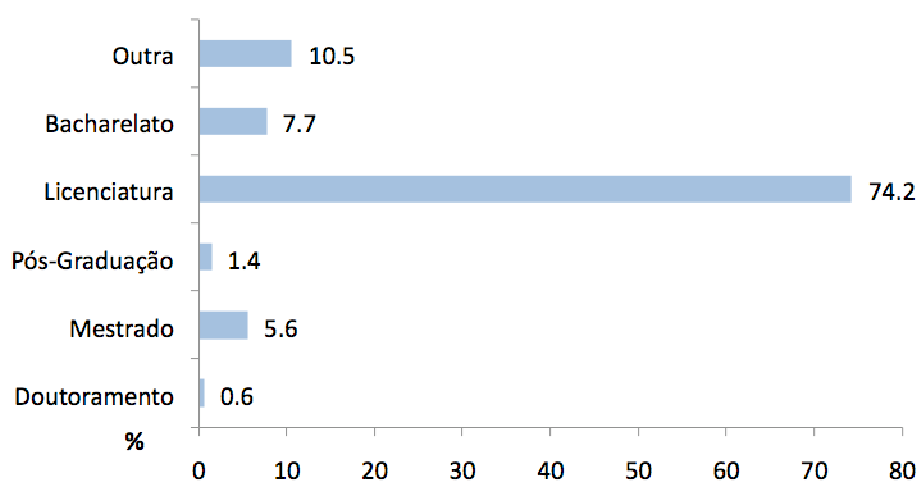


Gráfico 9 - Formação académica 2008-2009

Gráficos - Professores

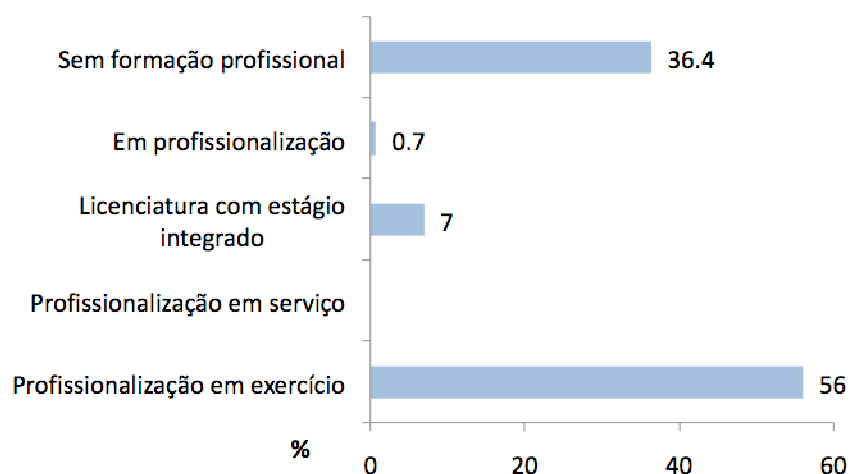


Gráfico 10 - Formação profissional 2008-2009

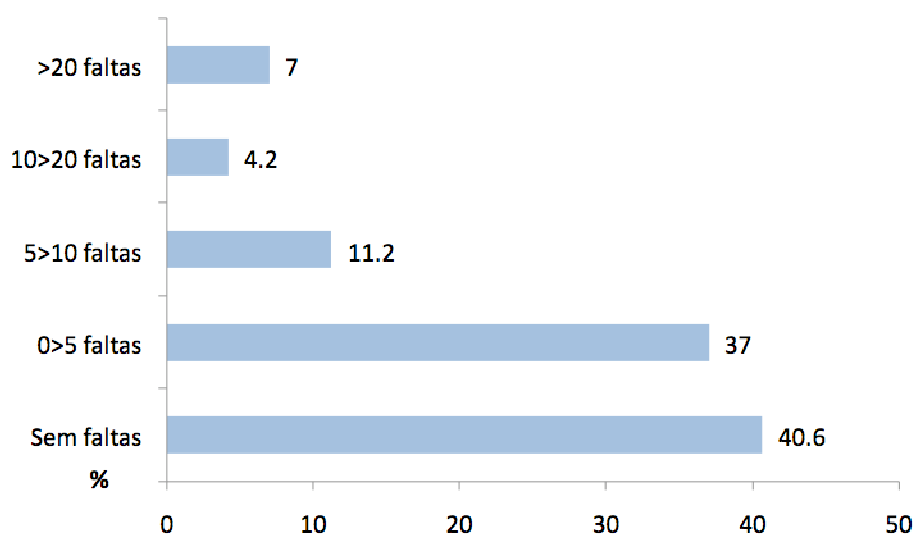


Gráfico 11 - Assiduidade 2007-2008

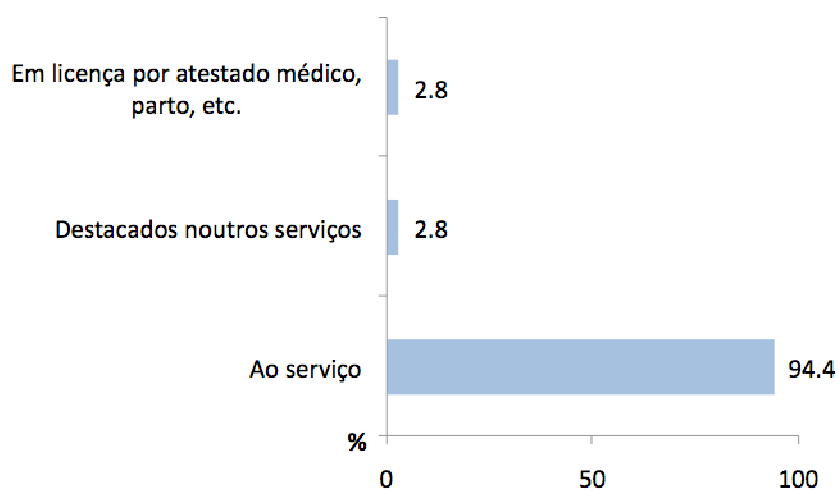


Gráfico 12 - Professores efectivamente ao serviço 2007-2008

Gráficos - Pessoal não docente

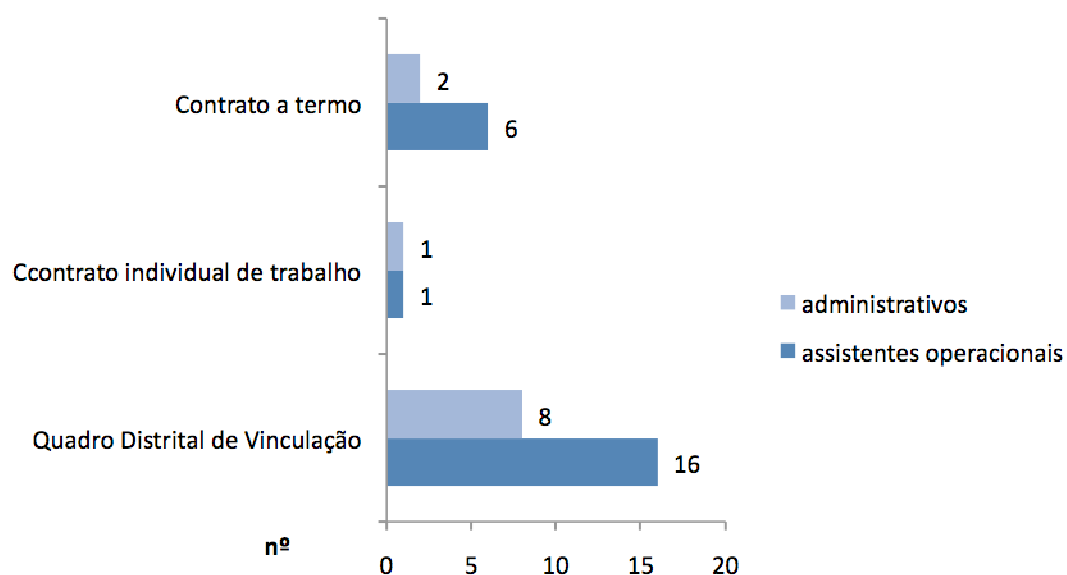


Gráfico 13 - Situação profissional 2008-2009

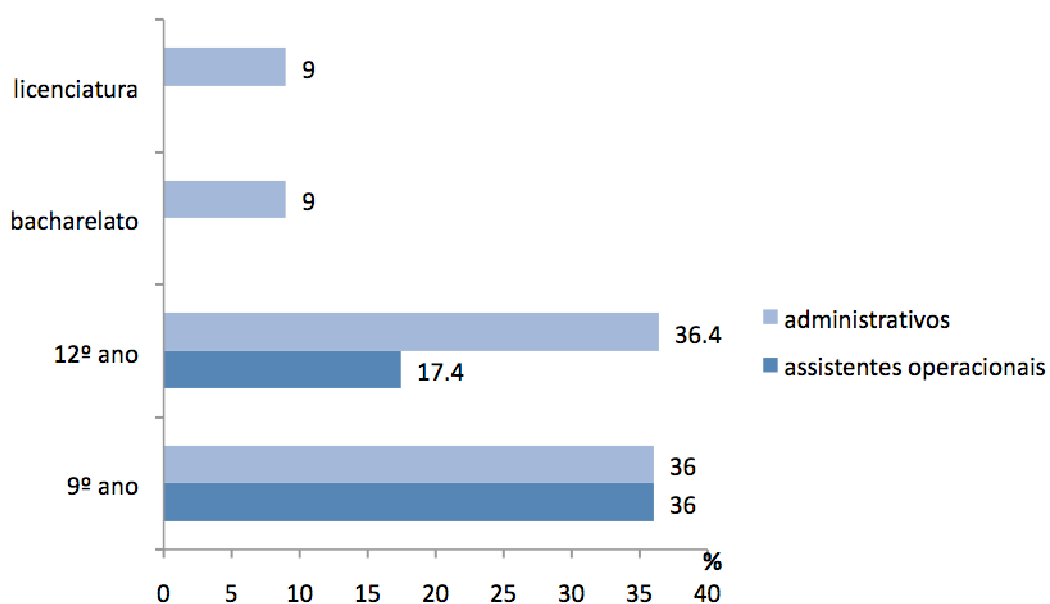


Gráfico 14 - Formação académica 2008-2009

Gráficos – Pais/Encarregados de Educação

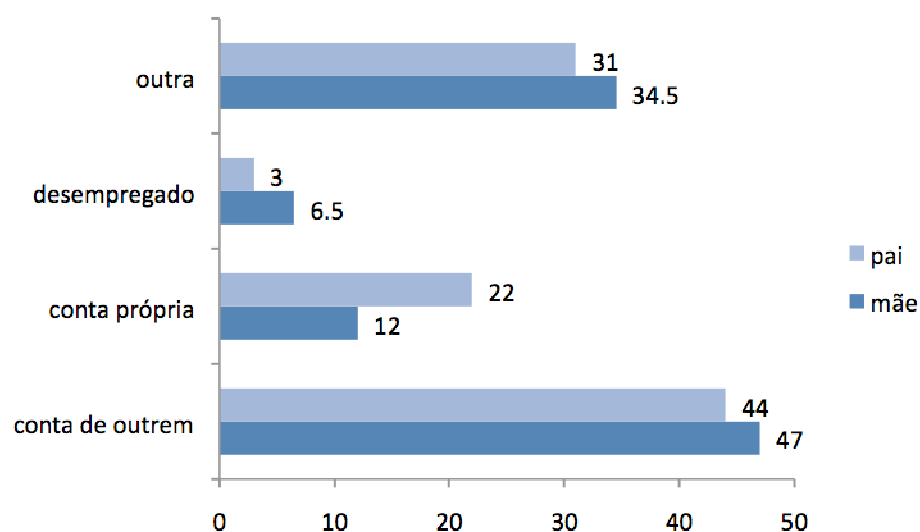


Gráfico 15 - Situação profissional 2008-2009

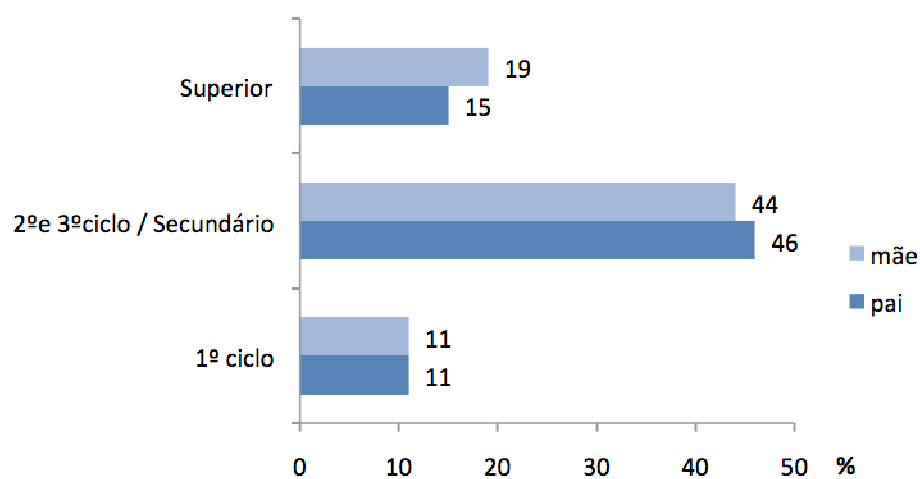


Gráfico 16 - Formação académica 2008-2009

Anexo II

a. Programa da disciplina de Desenho A, do 10º, 11º e 12 anos de escolaridade (a consultar no CD em anexo)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO

DESENHO A
10º ANO

CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO DE ARTES VISUAIS

AUTORES
ARTUR RAMOS (COORDENADOR)
JOÃO PAULO QUEIROZ
SOFIA NAMORA BARROS
VÍTOR DOS REIS

Homologação

22/02/2001

ÍNDICE

I – Introdução	3
II - Apresentação do programa	7
A. Finalidades	7
B. Objectivos	7
C. Visão Geral das Áreas, dos Conteúdos e dos Temas	8
D. Sugestões Metodológicas Gerais	9
E. Competências a Desenvolver	11
F. Avaliação	12
G. Recursos	14
III – Desenvolvimento do programa (10º ano)	15
A. Conteúdos/Temas	15
B. Gestão do programa	17
B. Sugestões metodológicas específicas	18
C.	
VI - Bibliografia	22
1. Visão	22
2. Matérias	23
3. Procedimentos	23
4. Sintaxe	24
5. Sentido	25

I - INTRODUÇÃO

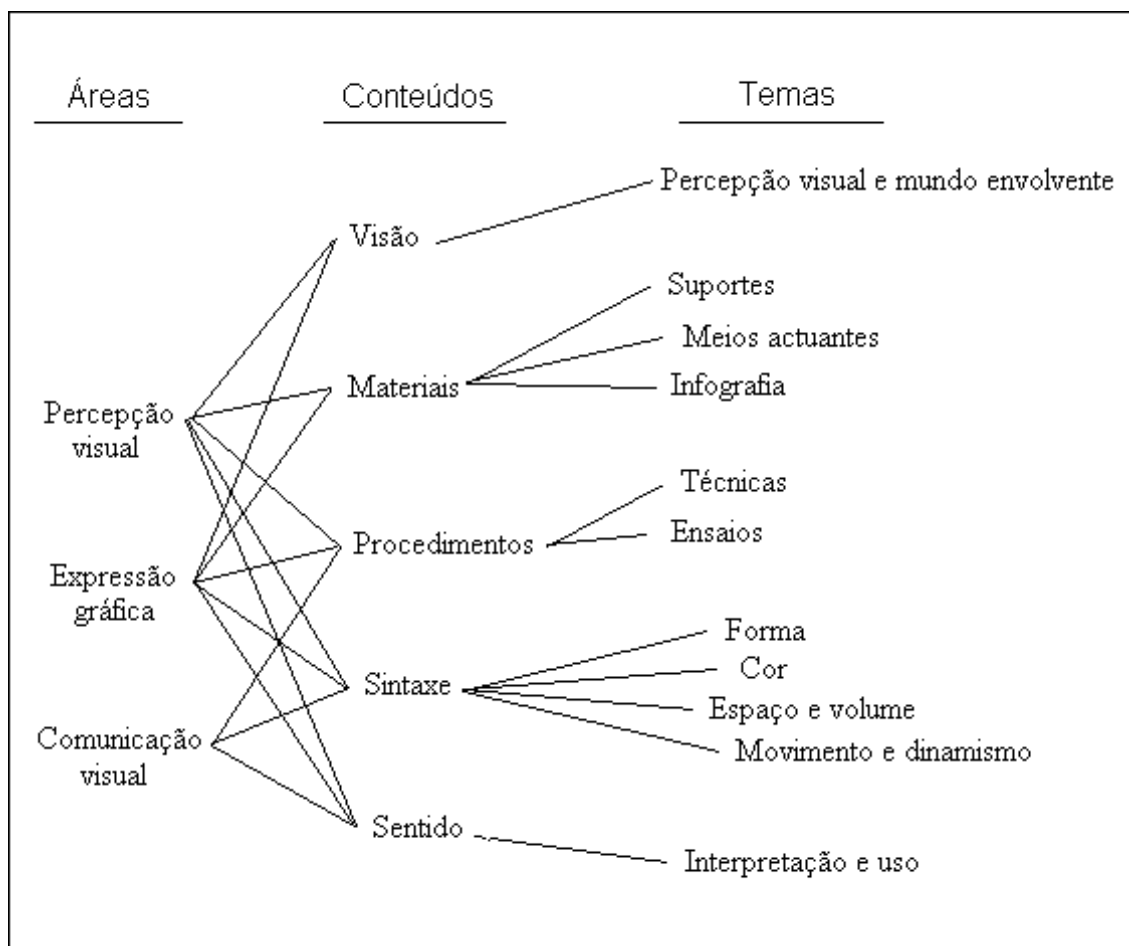
A disciplina de *Desenho A* responde, no leque curricular dos 10º, 11º e 12º anos, a objectivos globais de aquisição de uma eficácia pelo desenho a um nível pré-profissional e intermédio. Dominar, perceber e comunicar, de modo eficiente, através dos meios expressivos do desenho, serão as finalidades globais deste programa.

Desenho é forma universal de conhecer e comunicar. Integrando as áreas do saber, actua na aquisição e na produção de conhecimento: traduz-se em mapas, esquemas, espécimes; concretiza planos, antecipa objectos, interroga-nos sob a forma de testemunho artístico. Nas suas variantes, vive, e faz criar, quer como testemunho de um passado, quer como intermediário do futuro. É área estruturadora de muitas outras áreas de exercício profissional, que nela se baseiam ou que do seu exercício partem. Por ser essencial à criação, concepção, projectação, ou comunicação, são as suas teoria e prática parte do currículo dos 10º, 11º e 12º anos na variante A do Curso Geral de Artes Visuais, na variante B dos Cursos Tecnológicos de Multimédia e de Equipamento e, no 12º ano, na variante C do Curso Geral de Ciências e Tecnologias. Ao nível do ensino secundário, o desenho está na linha de formação comum aos profissionais das áreas de artes plásticas, design e arquitectura, ou ainda da área nova dos interfaces virtuais, novas tecnologias, internet, e edição de conteúdos multimédia.

O desenho não é apenas aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de percepção, de figuração, ou de interpretação; é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante. Marca ontologicamente o jovem estudante no sentido em que concorre para que este venha a ser um profissional responsabilizado perante a mais valia com que a proposta gráfica enriquece a dinâmica social; se torne mais capaz de ver criticamente e de intervir, na interacção cultural. Disciplina motivadora, é motriz quanto à capitalização das novas gerações: área de acolhimento onde a maturação bio-psico-social se processa com oportunidade, sem oprimir ou ultrapassar as complexidades crescentes e em conflito que caracterizam a sociedade. Do mesmo modo o desenho é uma disciplina que permite ou auxilia com sucesso o processo contínuo de integração dos adolescentes: é o campo da inserção e da assimilação da diferença, pela atracção que a área pode exercer sobre aqueles que a força centrífuga das organizações poderia afastar do ciclo da renovação escolar e geracional.

A exploração proposta para o ensino secundário é o complemento dos anos anteriores em que a «educação através da arte» foi posta em prática, no seguimento do que apontaram e puseram na ordem do dia diferentes autores. Numa época de mutações abundante em desafios e incertezas complexas, o desenho assume-se, hoje, como piloto na área emergente da «educação para a cidadania». A sua pedagogia é geradora de posturas, de debates, de crítica, de exposições, de confrontos. Estimula o desenvolvimento estético e apura o sentido da qualidade na apreciação ou recriação da forma. Mercê da «naturalidade» do desenho, intrínseca por ser também área de projecção íntima, surgem no estudante a interiorização da aceitação da diferença e a abertura à inovação, intermediada pelo exercício esclarecido e humanista da sua didáctica.

Na aula de desenho são propostos modos de olhar o mundo capazes de perscrutar as suas aparências e estereótipos. Aqui, como no resto, o papel do professor caracteriza-se pela acção insubstituível, quer nalguma estruturação por «ambiente e contágio» do pensamento e do agir comunicativo, quer pelo que se explora a nível curricular e programático, quer ainda pela acção como criador/autor, gerando ambiente oficial que se pode caracterizar dentro do chamado «currículo oculto» no melhor dos seus sentidos; e, ainda, evitando inibir potencialidades («currículo omissso ou nulo»)¹.



Quadro 1: Áreas, conteúdos e temas (10º, 11º e 12º anos)

O desenho é uma área disciplinar dinâmica esquivada a sistematizações rígidas ou permanentes, fruto quer da constante mutação de formas e conceitos, quer da atenção que sempre lhe foi conferida por diversas disciplinas nem sempre conciliáveis. Para tornar a didáctica do desenho um exercício consequente e eficaz, há que estabelecer o quadro teórico e operacional em que os conceitos e práticas surjam coerentemente ligados, tendo sempre em vista a sua didáctica (Quadro 1). Este modelo não é um diagrama sistematizador dos conceitos e práticas do desenho em absoluto mas, tão só, um esquema de conteúdos globais que visa a pedagogia do desenho dentro do período curricular a que se destina.

¹ Acepções de currículo segundo Elliot Eisner.

Deste modo, são parte do *Desenho* e da sua didáctica, três áreas de exploração: a percepção visual, a expressão gráfica e a comunicação.

A percepção visual debruça-se sobre as condicionantes bio-psicológicas presentes perante o que é percebido visualmente. O seu estudo permite apontar procedimentos que tomarão a expressão gráfica mais eficaz ou competente quanto à sintaxe perceptiva e cognitiva e uma crescente acuidade analítica na percepção e expressão.

No estudo da expressão gráfica está incluído o domínio das convenções sociais ou culturais no que respeita a recursos de comunicação; e, também, os contributos que advêm directamente da capacidade tecnológica humana. Cabe aqui o estudo de suportes, normalizações, instrumentos, meios de registo, alfabetos do traço e da mancha, convenções matéricas e todos os restantes recursos do desenho, incluindo a infografia.

No que respeita ao estudo dos processos de comunicação, são inscritas áreas que tomam como objecto a função semântica que o desenho encerra, distinguindo-se os respectivos planos de expressão e de conteúdo. Cabe aqui também uma perspectiva do desenho quer contemporâneo (sincronia) quer ao longo dos tempos (diacronia).

O presente programa é elaborado dentro de princípios de flexibilidade, continuidade, unidade e adequação à realidade². Na definição de objectivos visa-se o estabelecimento de metas realmente atingíveis dentro da especificidade portuguesa. Quanto aos conteúdos, há o cuidado de, considerando as condicionantes etárias, tanto a nível cognitivo como psicomotor, e a experiência média adquirida previamente, destringir entre os que são de sensibilização e os que são de aprofundamento – conforme segue assinalado na apresentação desenvolvida dos conteúdos por ano. Nas indicações quanto à avaliação, procura-se tornar mais eficiente a tarefa do professor para que, sem prejuízo do rigor necessário, aquela possa ser levada a cabo sem consumo exclusivo e excessivo de tempos lectivos.

Nas indicações genéricas relativas à gestão do programa, estabelece-se como metodologia mais adequada à aula de desenho, a observância da «Unidade de Trabalho», privilegiando a actividade oficial como via para a exploração de conteúdos. Cada unidade de trabalho deverá ser abrangente, ou transversal, quanto a itens de conteúdo presentes ou convocáveis, sem o que será reduzido o ganho para o aluno, em termos de prática objectiva e valor formativo do desenho. Por outro lado, sem o recurso às unidades de trabalho, o professor não conseguirá abordar simultaneamente os itens de conteúdo e garantir as horas de prática de *atelier* que a formação nesta área exige.

Nas sugestões metodológicas inclui-se o apelo a exercícios complementares de verbalização de experiências visuais, a desenvolver fora do horário lectivo, respondendo assim à necessidade de aperfeiçoar competências no discurso a propósito da imagem. Sugere-se também o confronto quotidiano com exemplos do que o desenho pode assumir, como factor que motive o trabalho do aluno ou que auxilie o enquadramento do que é proposto na unidade de trabalho.

² Princípios preconizados por Avolio de Cols (1979). *Planeamento del Proceso de Enseñanza-Aprendizaje*. Buenos Aires: Marymar: 18.

II - APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA

A. Finalidades

- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.
- Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.
- Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.
- Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.
- Desenvolver a sensibilidade estética, formando e aplicando padrões de exigência.
- Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.

B. Objectivos

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.
- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.

- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.

C. Visão Geral das Áreas, dos Conteúdos e dos Temas (10º, 11º e 12º anos)

ÁREAS:

- Percepção visual
- Expressão gráfica
- Comunicação visual

CONTEÚDOS:

1. Visão
2. Materiais
3. Procedimentos
4. Sintaxe
5. Sentido

TEMAS:

1. Visão

1.1. Percepção visual e mundo envolvente

1.1.1. O meio ambiente como fonte de estímulos

1.1.2. Transformação dos estímulos luminosos em percepções visuais

2. Materiais

2.1. Suportes

2.2. Meios actuates

2.3. Infografia

3. Procedimentos

3.1. Técnicas

3.1.1. Modos de registo

3.1.2. Modos de transferência

3.2. Ensaios

3.2.1. Processos de análise

3.2.2. Processos de síntese

4. Sintaxe

4.1. Conceitos estruturais da linguagem plástica

4.2. Domínios da Linguagem Plástica

4.2.1. Forma

4.2.1.1. Figura positiva e figura negativa

4.2.1.2. Plano e superfície

4.2.1.3. Traçados ordenadores

4.2.2. Cor

4.2.2.1. Natureza física da cor

4.2.2.2. Natureza química da cor

4.2.2.3. Misturas de cor

4.2.2.4. Efeitos de cor

4.2.3. Espaço e volume

4.2.3.1. Organização da profundidade

4.2.3.2. Organização da tridimensionalidade

4.2.4. Movimento e tempo

4.2.4.1. Organização dinâmica

4.2.4.2. Organização temporal

5. Sentido

5.1. Visão sincrónica do desenho

5.2. Visão diacrónica do desenho

5.3. Imagem: plano de expressão ou significante

5.4. Observador: plano de conteúdo ou significado

D. Sugestões Metodológicas Gerais

O programa de desenho inclui uma tabela ramificada de conteúdos específicos. Esta tabela deve ser encarada como uma relação de itens a serem explorados. **Não deverá em caso algum ser lida como um encadeamento sequencial de conteúdos para serem trabalhados por essa ordem.** É indispensável um trabalho de planificação que compreenda unidades de trabalho organizadas por tempos e concebidas de modo a que convoquem em simultâneo vários itens, de conteúdos diferenciados, em articulação horizontal.

Em termos genéricos, dever-se-á:

1. Propiciar e fomentar uma interacção equilibrada entre a dimensão conceptual e a dimensão prática e experimental do conhecimento e dos saberes, que conduza à assimilação e à consolidação operativa dos conteúdos;
2. Promover uma aprendizagem baseada na diversidade de experiências e actividades, com recurso a diferentes meios, a diferentes processos de trabalho e a diferentes materiais.

Em termos de alinhamento e diversificação de estratégias de execução, o professor deverá:

1. Combinar a realização de aulas tanto no interior da sala como fora dela;
2. Combinar e articular diferentes meios pedagógicos (abordagem oral, demonstração audiovisual, trabalho de atelier, investigação fora da sala de aula, exposição, debate, visita de estudo, etc.);
3. Combinar actividades e exercícios que valorizem, simultaneamente, a descoberta e a interrogação, a aprendizagem prática e a compreensão conceptual, a expressão pessoal e a reflexão individual e colectiva;
4. Combinar actividades que permitam a obtenção rápida de resultados com actividades de projecto que envolvam planificação e faseamento do trabalho;
5. Combinar actividades de aprendizagem individual com actividades de trabalho em equipa, propiciando, em qualquer dos casos, a reflexão, a troca de experiências e o confronto criativo;
6. Confrontar de forma sistemática os alunos com diferentes obras e exemplos visuais, com incidência especial nos autores portugueses, fornecendo desse modo meios para a compreensão visual e plástica das questões e da diversidade da sua abordagem, contribuindo, ao mesmo tempo, para a construção de uma cultura visual individual.

Em termos de relação pedagógica conducente a uma eficiente didáctica do desenho no campo do processo ensino-aprendizagem, sugerem-se os seguintes procedimentos do professor:

1. Auscultar expectativas através de inquérito diagnóstico e procurar o enquadramento dos alunos no contexto cultural;
2. Enfatizar as horas de trabalho aplicadas à prática do desenho, tanto no espaço da aula como fora dele;
3. Ser exigente quanto às respostas de trabalho, no que respeita ao grau de empenhamento com que são executadas;
4. Procurar um clima lectivo positivo e motivante através do comentário atento, de reforço, aos desenvolvimentos sucessivos do aluno, potenciando-os;
5. Promover o confronto quotidiano, pelo recurso habitual a meios audiovisuais, com algumas imagens comentadas de desenhos oriundos de áreas diversas;
6. Concretizar de visitas de estudo e promover, junto da turma, a pesquisa autónoma dos roteiros para as eventuais visitas, individuais e colectivas;
7. Fomentar a recolha de informação através da rede www, sem deixar de alertar quanto à qualidade e credibilidade dos conteúdos e salvaguardando os procedimentos de citação e de direito de autor;

8. Provocar momentos de comentário pelos alunos dos trabalhos executados e expostos (exposição permanente em aula, com rotatividade frequente);
9. Propor actividades de verbalização da experiência;
10. Criar hábitos de registo gráfico quotidiano pelo uso de pequenos cadernos portáteis integráveis no arquivo pessoal a constituir;
11. Afixar, como actividade paralela, um jornal de parede com recolhas de índole informativa, artística e técnica, formando grupos com tarefas específicas neste âmbito;
12. Estimular o gosto por tarefas concretas e bem definidas de extensão do trabalho da aula, a executar fora do seu espaço e tempo, quer de carácter gráfico quer de carácter escrito (exemplos: recensões, registo de locais, esboços, levantamentos gráficos);
13. Incentivar a recolha de desperdícios recicláveis e o desafio da recriação a partir de materiais inesperados.
14. Promover uma cultura de liberdade, participação, reflexão e avaliação que realce a responsabilidade individual nos processos de mudança social.

E. Competências a Desenvolver

São apontadas as competências a desenvolver dentro de uma tricotomia global «Ver-Criar-Comunicar». Assim:

1. **Observar e analisar** – o aluno estará capaz de observar e registar com elevado poder de análise, tendo em atenção as singularidades presentes e a forma como estas se relacionam com outras, bem como a integração de todas num todo ou unidade decomponível em elementos estruturais. O aluno deverá, mercê do exercício da observação analítica, observar e registar com crescente aptidão: o quotidiano natural ou técnico, por meios manuais – riscadores e/ou de mancha – ou meios informáticos. Esta área é adequada para permitir o desenvolvimento das capacidades psicomotoras ao nível da aptidão adaptativa simples, composta, e complexa³.
2. **Manipular e sintetizar** – o aluno estará apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção e a criar imagens novas. Estará em evidência a capacidade de síntese, quer por tratamento da soma de experiências e de esboços analíticos prévios, quer por aplicação de princípios, ideias, métodos ou conceitos no domínio das operações abstractas. Pressupõe o exercício de sentido crítico, de método de trabalho e a integração num projecto que responda a necessidades da pessoa e do seu contexto, estando implicado o estabelecimento prévio de uma base de conhecimentos que qualifiquem informadamente as respostas.
3. **Interpretar e comunicar** – o aluno conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas. Esta competência pressupõe um domínio crescente nos processos de interpretação e de sentido assentes num “pano de fundo” culturalmente

³ Cf. Anita Harrow (1972). *A Taxonomy of the Psychomotor Domain*. Nova Iorque: D. McCay Co: 104-6.

informado. A comunicação poderá dimensionar a disseminação da experiência, do meio próximo ao global e, ao mesmo tempo, constituir ocasião para a exploração de competências transversais no âmbito da cidadania.

As competências apontadas não são atomizáveis em unidades discretas e o momento em que se adquirem não é determinável. Será de considerar que todos os alunos, no início do 10º ano, possuem de modo incipiente estas competências, em grau condizente com o seu nível e preparação; e que, no decorrer dos 10º, 11º e 12º anos, estas mesmas serão aprofundadas e aperfeiçoadas continuamente – quer para corresponder às exigências do prosseguimento de estudos, quer para que sobre elas se alicercem práticas e competências futuras de nível avançado.

F. Avaliação

A avaliação é contínua e integra as modalidades formativa e sumativa.

A avaliação formativa advém da constante interacção professor aluno e deve potenciar novas aquisições.

A avaliação sumativa traduz a evolução do aluno na disciplina, devendo ser localizada no tempo conforme o critério do professor.

São objecto de avaliação:

1. A aquisição de **conceitos**
2. A concretização de **práticas**
3. O desenvolvimento de **valores e atitudes**

Relativamente aos conceitos, deverá ser considerado:

1. O domínio dos conceitos constantes nos conteúdos programáticos, com especial incidência naqueles que são de aprofundamento e que constam do capítulo «sintaxe», e a sua correcta aplicação;
2. O domínio dos vocábulos específicos da área do desenho;
3. O conhecimento das condicionantes psico-fisiológicas da percepção e da representação gráfica;
4. O conhecimento e valorização do papel desempenhado pelo sujeito observador perante desenhos, imagens e objectos visuais, assente numa consciência dos factores que o estruturam e condicionam.

Relativamente às práticas, haverá que considerar:

1. O domínio de uma grande diversidade de suportes, em escalas e matérias diferenciadas, e suas potencialidades;
2. O domínio dos diferentes meios actuates, integrando o conhecimento da sua natureza específica com a compreensão das suas diferentes utilidades e adequações;
3. O domínio de factores, processos e sistemas de estruturação e organização formal, cromática, espacial e dinâmica e sua articulação operativa na representação e expressão gráfica;

4. O domínio e aplicação de princípios e estratégias de composição e estruturação, compreendendo práticas de ocupação de página, enquadramento e processos de transferência;
5. A capacidade de análise e representação de objectos do mundo visível e o domínio, no campo dos estudos analíticos de desenho à vista, de proporção, escalas e distâncias, eixos e ângulos relativos, volumetria, configuração e pontos de inflexão de contorno, acompanhada do desenvolvimento de uma capacidade de síntese gráfica;
6. A adequação da formulação gráfica à função, à audiência e à tecnologia de divulgação;
7. A eficácia técnica no uso dos recursos gráficos e construtivos;
8. A utilização de novas tecnologias e sua aplicação às tarefas e processos do desenho.

Relativamente aos valores e atitudes, deverá ser considerado:

1. O desenvolvimento do espírito de observação e atenção visual e a aquisição de hábitos de registo metódico;
2. A capacidade de definir, conduzir e avaliar o trabalho em termos de objectivos, meios, processos e resultados com a utilização pertinente de métodos planificados e faseados na abordagem a cada Unidade de Trabalho;
3. A capacidade de iniciativa, a participação e envolvimento no trabalho proposto e a integração interpessoal;
4. A demonstração de invenção criativa aplicada a imagens, formas, objectos e espaços, associada ao domínio de diferentes processos conducentes à sua transformação e ao desenvolvimento de uma expressividade gráfica personalizada (evitando e distinguindo das soluções expressivas resultantes da «aplicação de fórmulas» ou da aplicação gratuita de estereótipos gráficos).
5. A capacidade de leitura e a interpretação crítica e autónoma de desenhos e imagens, acompanhada de uma consciência dos principais aspectos de ordem simbólica, estética e convencional que estruturam a sua informação e significado;
6. A valorização estética e a consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes;
7. O conhecimento e observância dos cuidados de segurança e de responsabilidade ecológica.

São instrumentos de avaliação:

1. Os desenhos, concretizações gráficas, ou objectos produzidos no âmbito da disciplina;
2. Os textos eventualmente produzidos (relatórios, recensões, comentários, trabalhos, textos de reflexão, entrevistas);
3. A concretização da disseminação junto da própria turma, escola ou meio (inclui-se aqui a materialização de exposições regulares ou pontuais, formais ou informais, jornal de parede, outras acções eventuais);
4. Provas com carácter prático.

G. Recursos

Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso, a que se acrescentam os recursos didácticos.

Considera-se material indispensável:

1. Estiradores;
2. Projector de diapositivos;
3. Televisor e aparelho videogravador ;
4. Painéis a afixar nas paredes, com grandes dimensões, para permitir a exposição fácil de trabalhos;
5. Computador multimédia tipo «IBM PC compatível» ou «Mac»;
6. *Scanner* A3;
7. *Software* de captura e edição de imagem (tipo *Paint Shop Pro*, *QuarkXPress*, *PhotoShop*, *Illustrator*, *CAD*, *3Dstudio*, *Freehand*, *Frontpage*); *software* de navegação na *net* (tipo *Navigator* ou *Explorer*), *software* de apresentação cadenciada de imagens (tipo *Slideshow* ou *Easyphoto*);
8. Impressora A4 de jacto de tinta, a cores e a preto e branco, com qualidade fotográfica;

Sugere-se ainda o seguinte equipamento:

1. Candeeiros de estirador;
2. Projector de LCD para data e video;
3. Manequim de figura humana, de proporções correctas, à escala 1/1, ou gessos/bustos e cópias em plástico/fibra;
4. Máquinas fotográficas digitais ou de negativo.

III - DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA (10º ANO)

A. Conteúdos

Os itens de conteúdo podem ser de sensibilização ou de aprofundamento. *Sensibilização* pressupõe a construção de um quadro de referências elementares apto a ser desenvolvido posteriormente. *Aprofundamento* implica o completo domínio e a correcta aplicação dos conteúdos envolvidos.

O desenvolvimento dos conteúdos deste programa pressupõe um domínio de conceitos e práticas adquiridos anteriormente e verificáveis no *módulo inicial* de diagnóstico, triagem e reposição (cf. Sugestões Metodológicas Específicas do 10º ano). São conhecimentos e práticas essenciais susceptíveis de verificação: o domínio expressivo da linha/traço; a capacidade de observação e análise; a caracterização morfológica perante referentes.

<i>item de sensibilização ou aprofundamento</i>	Conteúdos / temas
<i>sensibilização</i>	1. Visão 1.1. Percepção visual e mundo envolvente 1.1.1. O meio ambiente como fonte de estímulos 1.1.1.1. Estímulos visuais: a luz como fonte de informação 1.1.1.2. Estímulos não visuais: percepção auditiva, percepção olfactiva, percepção táctil, percepção gustativa 1.1.1.3. Outros estímulos (culturais e sociais)
<i>Sensibilização (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)</i>	2. Materiais 2.1. Suportes: papéis e outras matérias, propriedades do papel (espessuras, texturas, cores), formatos, normalizações e modos de conservação 2.2. Meios actuantes: riscadores (grafite e afins), aquosos (aguada, têmperas, aparos e afins) e seus formatos (graus de dureza, espessuras e modos de conservação) 2.3. Infografia: tipos de ficheiro gráfico, graus de compressão, número de cores, codificação da cor, captura de imagem, alteração de dimensão em pontos de ecrã.
<i>aprofundamento (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)</i>	3. Procedimentos 3.1. Técnicas 3.1.1. Modos de registo 3.1.1.1. Traço: natureza e carácter (intensidade, incisão, texturização, espessura, gradação, amplitude mínima e máxima do movimento, gestualidade) 3.1.1.2. Mancha: natureza e carácter (forma, textura, densidade, transparência, cor, tom, gradação)

	3.1.1.3. Misto: combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem) 3.1.2. Modos de transferência 3.1.2.1. Quadrícula, decalque, pantógrafo 3.1.2.2. Projecção, infografia, fotocópia e outros processos fotomecânicos.
<i>aprofundamento</i>	3.2. Ensaaios 3.2.1. Processos de análise 3.2.1.1. Estudo de formas • Estruturação e apontamento (esboço) • Estudo de formas naturais (de grande e de pequena escala) • Estudo de formas artificiais, contextos e ambientes (objectos artesanais, objectos industriais e espaços interiores e exteriores) • Estudo de objectos com apontamento das convergências perspécticas
<i>sensibilização</i>	3.2.2. Processos de síntese 3.2.2.1. Transformação • Gráfica: ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação e repetição • Infográfica: utilização de filtros • Invenção: construção de formas, texturas, padrões
<i>sensibilização</i>	4. Sintaxe 4.1. Conceitos estruturais da linguagem plástica: forma pontual, forma linear, forma pluridimensional, valor, cor, textura, escala, espaço, ritmo, equilíbrio, movimento e unidade.
<i>aprofundamento</i>	4.2. Domínios da linguagem plástica 4.2.1. Forma 4.2.1.1. Figura positiva e figura negativa: figura e fundo, forma e informe, limite, contorno e linha 4.2.1.2. Plano e superfície • Linhas: linhas medianas, linhas diagonais, linhas oblíquas • Centro, campo e moldura
<i>sensibilização</i>	4.2.2. Cor 4.2.2.1. Natureza física da cor • Cor e luz: espectro electromagnético de radiação e estrutura retínica • Cor como sensação e suas dimensões: cambiante, luminosidade e saturação
<i>aprofundamento</i>	4.2.3. Espaço e volume 4.2.3.1. Organização da profundidade • Noções básicas de profundidade e extensão • Alguns processos de sugestão de profundidade: sobreposição,

- convergência, deformação
- 4.2.3.2. Organização da tridimensionalidade
 - Objecto: massa e volume
 - Luz: claridade, sombras (própria e projectada), claro-escuro

sensibilização

5. Sentido

5. 1. Visão sincrónica do desenho
5. 2. Visão diacrónica do desenho

B. Gestão do Programa

Concretiza-se a aprendizagem do desenho através do «aprender fazendo», encarado de modo integrado e sem prejuízo da transmissão oportuna e sistemática de conhecimentos.

O 10º ano inicia-se com um módulo de avaliação diagnóstica dos conceitos e competências essenciais adquiridas no ensino básico. Este deverá ter como objectivo a detecção de lacunas e a reposição de conhecimentos. Será também um momento de confronto e de triagem no qual o estudante tomará um primeiro contacto com a área por ele escolhida.

Propõe-se, como operacionalização metodológica, a articulação planificada de Unidades de Trabalho que sejam capazes, cada uma, de convocar diversos itens dos conteúdos ou de vários dos seus sub-capítulos em paralelo. Trata-se de potenciar a utilização simultânea de conceitos e de os fazer concorrer para o objectivo prático que constitui cada trabalho. Apresentam-se, no capítulo «Sugestões Metodológicas Específicas» de cada ano, algumas Unidades de Trabalho úteis à concretização em aula. Cabe ao professor a tarefa de estabelecer as Unidades de Trabalho, de as seleccionar, encadear, criar novas, ou ainda adaptar as que são sugeridas à situação da turma, da sala, e do meio, dentro de uma perspectiva de integração horizontal de conteúdos⁴.

No seu conjunto as unidades de trabalho deverão integrar totalmente os itens de conteúdo do seu ano de escolaridade e respeitar um equilíbrio percentual entre desenho de análise e outros tipos de trabalhos numa relação grosso modo de 60% / 40% dos tempos lectivos. Para garantir o cumprimento deste desígnio prático estabelecem-se respectivamente os conceitos operativos de «processos de análise» e de «processos de síntese».

O processo de *análise* é definido à partida, como prática de desenho perante referentes, com apontamento das suas características, envolvendo o conceito de *análise* aplicado à prática de desenho.

O processo de *síntese* é definível como qualquer outra prática de desenho que envolva uma *aplicação* de prévios ganhos analíticos e de princípios conceptuais, implicando também os conceitos de *conhecimento*, *capacidade*, *aplicação* e *avaliação*.

Estes conceitos do domínio cognitivo são didacticamente operativos, não estanques, e não coincidem com unidades de trabalho. **Cada unidade de trabalho irá, bem**

⁴ Cf. conceito de «sequencialização complexa com retroactividade» segundo Miguel Zabalza (1999). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Asa: 123.

entendido, compreender actividades dos dois tipos (análise e síntese), devendo o professor dinamizar o seu desenrolar de forma a obter uma ocupação de tempos como a que foi indicada acima.

Esta forma de divisão de actividades de *análise* e de *síntese* garantirá um número equilibrado de tempos de efectiva aplicação oficial e de apuramento das capacidades de observação e expressão. Seguidamente, apresenta-se uma proposta de gestão temporal:

Tempo total	148,5 horas
Diagnóstico e reposição de conhecimentos	13.5 horas
«Processos de <i>análise</i> »	81 horas
«Processos de <i>síntese</i> »	54 horas

O tempo atribuído a processos de análise, processos de síntese e avaliação inclui de modo concomitante a disseminação de experiência.

Na gestão quotidiana, sugere-se a disponibilização permanente, para cada aluno e ao longo do ano, em paralelo com as Unidades de Trabalho que toda a turma executa, de pelo menos uma outra Unidade gerida pelo discente. Esta deverá ser:

1. Proposta pelo aluno, sendo a escolha do(s) tema(s) materiais e suportes livres.
2. Alterável ao longo do ano lectivo, de acordo com as opções do aluno e com as transformações que o seu percurso observa.

Esta Unidade de Trabalho «permanente» permite ao aluno a auto descoberta, dentro de parâmetros de responsabilização, autonomia, expressão e criatividade. Não se indica uma proposta temporal para esta Unidade devido ao seu carácter transversal e alternativo. É uma forma de minimizar perdas de tempos lectivos devidas a desacerto de ritmos entre alunos, a falhas de material, ou outros. Essa unidade alterna interpoladamente com as outras unidades de trabalho, ao longo do ano, dependendo de cada aluno o seu ritmo e respectivo desenrolar temporal, e sem haver necessariamente encadeamento sequencial ou sincronia dentro da turma.

C. Sugestões Metodológicas

As unidades de trabalho aqui apresentadas são sugestões. Constituem um leque de exemplos aos quais o professor pode recorrer, exercendo as suas opções ou alterações, na fase de planificação anual. Não constituem um conjunto ordenado e sequencial nem pretendem coincidir com o tempo total disponível.

Desenho cego (Módulo inicial)

Sinopse: A partir da observação de um dado objecto, figura ou situação, elaborar a sua representação gráfica, primeiro, sem olhar para o papel (recorrendo, se necessário, à ocultação das mãos e do suporte) e, numa segunda fase, de modo habitual. Comparar as diferenças, quer ao nível do processo, quer dos resultados. Esta unidade de trabalho

destina-se à avaliação diagnóstica dos conceitos e competências essenciais adquiridas no ensino básico sendo, por isso, o momento de triagem e reposição de conhecimentos.

Previsão de tempos: 13,5 horas.

Conteúdos envolvidos: Visão, Procedimentos, Sintaxe, Sentido.

Desenho de formas naturais

Sinopse: desenho de frutos, árvores, flores, pedras, a realizar em duas fases: primeira, em A4, vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; segunda, em A3, representação atenta e objectiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.

Previsão de tempos: 22,5 horas

Conteúdos envolvidos: Visão, Materiais, Procedimentos

Desenho de formas artificiais

Sinopse: desenho de objectos artesanais e de interesse etnográfico; desenho de objectos do quotidiano como mobiliário rústico, pão, vime, panejamento simples, sapatos, velharias, papéis amarrotados. Exercício a realizar em duas fases: primeira, em A4, vários esboços segundo diversos pontos de vista captando a morfologia global; segunda, em A3, representação atenta e objectiva tendo em conta eixos construtivos, inclinações, estrutura, pontos de inflexão e de concordância da linha de contorno.

Previsão de tempos: 27 horas

Conteúdos envolvidos: Visão, Materiais, Procedimentos.

Infografia (captura de imagens pré existentes)

Sinopse: trabalho em infografia com aplicação de filtros e mudanças de escala ou definição. Impressão com configuração prévia de página.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Materiais, Procedimentos

Herbário

Sinopse: execução de um herbário, recorrendo à representação linear e ao claro escuro por tramas de pontos. Encadear esta unidade na de infografia, com a digitalização directa dos espécimes no *scanner*, com a possível aplicação dos processos contidos na unidade de trabalho «infografia». Confronto com exemplos da história do desenho científico.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sentido.

Figura-fundo

Sinopse: silhuetas, perfis projectados usando os candeeiros de estirador como foco; preferência da figura ou do fundo, ou até do contorno usando contrastes tonais ou cromáticos;

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Alternância figura-fundo

Sinopse: a partir de desenhos realizados previamente pelos alunos, ou imagens por si recolhidas (p.e., fotograficamente) criar ensaios gráficos baseados numa redução à oposição figura-fundo e diferentes possibilidades da sua alternância perceptiva.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Sintaxe, Procedimentos, Sentido

Alto Contraste

Sinopse: exploração de limite e contorno. Criar imagens de alto contraste, indutoras da percepção de contornos ilusórios: por exemplo, traduzir uma imagem fotográfica, constituída por uma gama completa de valores lumínicos, numa imagem ampliada (recorrendo, por exemplo, a uma grelha de ampliação) formada apenas por áreas brancas e pretas. O exercício deve ser precedido de diversos estudos que veiculem diferentes possibilidades de tradução lumínica das diferentes formas.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Sintaxe, Procedimentos, Sentido

Limite e reconhecimento

Sinopse: usando reproduções de obras de arte previamente escolhidas, criar representações gráficas que contenham exclusivamente as principais linhas de limite e/ou contorno das formas aí presentes. Analisar e discutir as transformações que se operam ao nível da reconhecibilidade quer das figuras individualmente, quer das obras no seu todo.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Sintaxe, Sentido

Séries de transformação

Planear e realizar sequências de transformação de uma dada forma noutra forma (mais simples ou mais complexa, representativa ou abstracta), por via de um número determinado de passos sucessivos e utilizando e manipulando os conceitos de campo, centro, linhas e moldura.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Sintaxe, Procedimentos, Sentido

Estudos de cor

Sinopse: Usando diferentes meios colorantes e diferentes suportes, efectuar estudos analíticos de cor envolvendo misturas cromáticas, opacidade e transparência. Efectuar estudos que envolvam a manipulação sistemática do cambiante, da luminosidade e da saturação e utilizá-los na criação de composições ou padrões visuais, nalguns casos para fins aplicados (padrões têxteis, papéis decorativos, etc.). Deverá incluir extra horário «trabalho de casa».

Previsão de tempos: 18 horas

Conteúdos envolvidos: Materiais, Sentido, Procedimentos

Ensaio de perspectiva

Sinopse: representação à mão livre de espaços propícios à detecção de pontos de fuga e linha de horizonte. Deverá incluir extra horário «trabalho de casa».

Previsão de tempos: 18 horas

Conteúdos envolvidos: Visão, Procedimentos, Sintaxe

Convergência perspectica

Sinopse: a partir de recolha de imagens fotográficas (de revistas etc.) com dimensão adequada e que apresentem ponto de fuga organizador do espaço, traçar a grelha perspectica subjacente. Sobre esta grelha ensaiar a variável tamanho distância através da justaposição de objectos (por foto-montagem). Fazer levantamento de imagens com estruturas perspecticas diferenciadas, e o ensaio dos seus traçados. Trabalho extra aula com apoio pontual do professor

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Padrões modulares

Sinopse: criar padrões a partir da repetição e variação de unidades ou módulos idênticos, explorando as sugestões ópticas por si induzidas; ensaios com planificação de cubos e desmontagem do cubo por planos secantes articulados; construção de formas novas a partir do cubo e sua planificação por dobragem; estudo de progressões sequenciadas de formas em grelha. Trabalho parcialmente feito fora do espaço de aula.

Previsão de tempos: 18 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

BIBLIOGRAFIA

Na apresentação da bibliografia foram seguidos os seguintes critérios:

1. A referência a obras fundamentais existentes em bibliotecas, a par com a referência a obras recentes e fáceis de encontrar no circuito comercial;
2. A ordenação segundo os conteúdos do programa e, no seio destes, segundo obras de carácter geral e obras de carácter especializado;
3. A não inclusão de obras monográficas, cabendo a cada professor gerir estes ou outros itens de acordo com as suas opiniões, necessidades e experiências.

1. VISÃO

Obras de carácter geral:

Bruce, V., Green, P. R. e Georgeson, M.A. (1996). *Visual Perception: Physiology, Psychology, and Ecology*. (3ª ed.). Hove (East Sussex): Psychology Press.

Obra que abarca e sintetiza, de forma actualizada, o conhecimento sobre a percepção visual no âmbito dos seus três principais campos de investigação e debate (fisiologia e neurobiologia, psicologia e ecologia perceptiva).

Gibson, J. J. (1966). *The Senses Considered as Perceptual Systems*. Westport (Conn.): Greenwood Press.

Centrada na relação dos seres vivos com mundo circundante, esta obra, do criador da *teoria ecológica* da percepção visual, constitui um estudo aprofundado dos diversos sistemas sensoriais de recolha, processamento e interpretação da informação presente no meio ambiente.

Gleitman, H. (1993)[*Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Manual que, de forma global, apresenta, sintetiza e articula os principais tópicos e domínios da psicologia contemporânea, incluindo o da percepção e sua relação com as áreas científicas afins.

Gregory, R. L. (1998). *Eye and Brain. The Psychology of Seeing*. (5ª ed.). Oxford: Oxford University Press.

Introdução aos domínios fundamentais da percepção visual, abrangendo tanto a estrutura e funcionamento do sistema visual, como os processos de percepção de cor, espaço e movimento, a sua relação com o mundo das ilusões, da representação artística e da aprendizagem visual.

Obras de carácter especializado

Rock, I. (1984). *Perception*. Nova York: Scientific American Library.

Vigouroux, R. (1999). *A fábrica do belo* (1999). Lisboa: Dinalivro.

ZEKI, S. (1999). *Inner Vision: An Exploration of Art and the Brain*. Oxford: Oxford University Press.

2. MATÉRIAS

3. PROCEDIMENTOS

Obras de carácter geral:

Lambert, S. (1985). *El Dibujo Técnica Y Su Utilidad*. Madrid: Hermann Blume.

Panorama das diversas técnicas do desenho, documentada com inúmeras ilustrações de várias épocas.

Molina, J. J. G. (1995). *Las Lecciones Del Dibujo*. Madrid: Cátedra.

Abordagem de múltiplos temas do desenho, profusamente ilustrada com exemplos de várias épocas.

Molina, J. J. G. (1999). *Estrategias Del Dibujo en el Arte Contemporáneo*. Madrid: Cátedra.

Várias abordagens do desenho de artistas do século XX, acompanhado de inúmeras ilustrações.

Ruskin, J. (1857). *The Elements of Drawing* (1991). Londres: Herbert.

Abordagem prática do desenho no âmbito da observação e da representação, considerando igualmente os aspectos de cor e composição.

Obras de carácter especializado

Alberti, L. B. (1999). *De la Pintura y otros Escritos sobre Arte*. Madrid: Tecnos.

Bammes, G. (1995). *L'Étude Du Corps Humain*. Paris: Dessain et Tolra.

Connoly, S., org.(1997). *The Complete Drawing and Painting Course*. Londres: Apple.

Doerner, M. (1946). *Los Materiales de Pintura y su Empleo en el Arte*. Barcelona: Gustavo Gili.

Fehér, G., & SZUNYOGHY, A. (1996). *Anatomy Drawing School*. Budapest: Könemann.

Goldstein, N. (1993). *Figure Drawing*. (4ª ed.). Englewood Cliffs (N. J.): Prentice Hall.

Leonardo da Vinci (1947), *Tratado de la Pintura*. (2ª ed.). Buenos Aires: Colección Austral.

Nicolaïdes, K. (1997). *The Natural Way To Draw*. (3ª ed.). Londres: Andre Deutsch.

Pignatti, T. (1982). *O desenho de Altamira a Picasso*. s.l: Livros Abril.

Rocha, C. S. e Nogueira, M. (1993). *Panorâmica das Artes Gráficas, vols. I e II*. Lisboa: Plátano.

Wiffen, V. (2000). *Une Leçon de Dessin*. Paris: Fleurus.

4. SINTAXE

Obras de carácter geral:

Arnheim, R. (1974). *Art and Visual Perception. A Psychology of the Creative Eye. The New Version.* Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

Centrada na relação entre a arte e a percepção visual, esta obra procura entender os processos da criação artística e da apreensão visual – ao nível dos grandes domínios do pensamento, da linguagem e da expressão visuais, como equilíbrio, configuração, forma, espaço, luz, cor, movimento e dinamismo – do ponto de vista das leis e estruturas psicológicas subjacentes tanto ao indivíduo como às imagens e aos objectos por si criados.

Bloomer, C. M. (1990). *Principles of Visual Perception.* (2ª ed.). Londres: The Herbert Press.

Obra que estuda o papel desempenhado pela experiência individual e pelos factores histórico-culturais nos processos de percepção, criação e comunicação visual. Apresenta uma introdução ao funcionamento do sistema visual e, em particular, ao papel do cérebro no seu seio; estuda os principais factores da percepção e da representação visuais ao nível da cor, do espaço e do movimento; aborda o papel da fotografia e das imagens electrónicas na comunicação visual e pondera as relações entre arte, percepção e criatividade, do ponto de vista da educação visual e artística.

Hoffman, D. D. (1998). *Visual Intelligence: How We Create What We See.* NovaYork e Londres: W. W. Norton.

Procurando demonstrar o carácter de construção activa de sentido subjacente aos complexos processos de percepção e representação visual, esta obra debruça-se sobre a gramática da visão – ao nível da linha, da cor, da forma, da profundidade, do movimento – e analisa os processos de inteligência visual ao nível tanto da arte como da tecnologia (desde os mais simples efeitos visuais à mais complexa “realidade virtual”).

Solso, R. L. (1994). *Cognition and Visual Arts.* Cambridge (Mass.): The MIT Press.

Centrada nos dados mais recentes da psicologia cognitiva e recorrendo a múltiplos exemplos do campo da arte e da linguagem visual, esta obra estuda as relações entre os sistemas cognitivos, a expressão artística e os meios próprios da representação visual, procurando compreender as interações entre o acto de ver e o acto de interpretar aquilo que se vê.

Villafañe, J. (1986). *Introducción a la teoria de la imagen.* (2ª ed.). Madrid: Pirámide.

Introdução ao estudo da imagem em quatro domínios fundamentais: o da sua definição conceptual, o da sua percepção cognitiva, o da sua estruturação e organização e o da sua análise de sentido. A terceira parte, a imagem como representação, constitui uma abordagem dos elementos morfológicos, dinâmicos, escalares, icónicos e compositivos da linguagem visual e artística.

Obras de carácter especializado (forma):

Arnheim, R. (1988). *The Power of the Center. The New Version. A Study of Composition in the Visual Arts.* Berkeley e Los Angeles: University of California Press [*O poder do centro: um estudo da composição nas artes visuais* (1990). (Trad. de Maria Elisa Costa). Lisboa: Edições 70].

Bouleau, C. (1963). *Charpentiers: la géométrie secrète des peintres.* Paris: Seuil.

Brockett, A. (s/d). *Como Desenhar Motivos e Padrões,* Lisboa, Presença, s.d.

Dondis, D. A. (1976). *La sintaxis de la imagen: introducción al alfabeto visual.* Barcelona: Gustavo Gili.

Gombrich, E. H. (1979). *The Sense of Order. A Study in the Psychology of Decorative Art*. Oxford: Phaidon Press.

Kandinsky, W. (1991). *Do Espiritual na Arte*. (2ª ed.). Lisboa: D.Quixote].

Kepes, G., (org.) (1965). *Education of vision*. Londres: Studio Vista.

Kepes, G., (org.) (1966). *Module, Symmetrie, Proportion*. Londres: Studio Vista.

Marcolli, A. (1978). *Teoria del campo*. (2 vols.). Florença: Sansoni.

Sausmarez, M. (1979). *Desenho básico: as dinâmicas da forma visual*. Lisboa: Presença.

Obras de carácter especializado (cor):

Albers, J. (1963). *The Interaction of Color*. New Haven (Conn.): Yale University Press.

Brill, T. (1980). *Light: Its Interaction with Art & Antiquities*. Nova York: Plenum Press.

Brusatin, M. (1987). *Historia de los Colores*. Barcelona: Paidós.

Gage, J. (1993). *Colour and Culture: Practice and Meaning from Antiquity to Abstraction*. Londres: Thames and Hudson.

Gage, J. (1999). *Colour and Meaning. Art, Science and Symbolism*. Londres: Thames and Hudson.

Hickethier, A. (1973). *Le cube des couleurs*. Paris: Dessain & Tolra.

Itten, J. (1974). *Art de la couleur. Approche subjective et description objective de l'art*. Paris: Dessain & Tolra].

Marx, E. (1972). *Les contrastes de la couleur*. Paris: Dessain & Tolra.

Obras de carácter especializado (espaço e volume):

Baxandall, M. (1995). *Shadows and Enlightenment*. New Haven e Londres: Yale University Press.

Dunning, W. V. (1991). *Changing Images of Pictorial Space: A History of Spatial Illusion in Painting*. Syracuse (N. Y.): Syracuse University Press.

Gill, R. W. (1975). *Creative Perspective*. Londres: Thames and Hudson.

Gombrich, E. H. (1995). *Shadows: The Depiction of Cast Shadows in Western Art*. Londres: National Gallery Publications.

Kemp, M. (1990). *The Science of Art: Optical Themes in Western Art from Brunelleschi to Seurat*. New Haven e Londres: Yale University Press.

Lacomme, D. (1995). *L'Espace dans le Dessin et La Peinture*. Paris: Bordas.

Lier, H. (1971). *Les arts de l'espace*. [Tournai]: Casterman.

Panofsky, E. (1993). *A perspectiva como forma simbólica* (1993). Lisboa: Edições 70.

Pirenne, M. H. (1970). *Optics, Painting and Photography*. Londres: Cambridge University Press.

Smith, R. (1996). *Introdução à Perspectiva*. Lisboa: Presença.

Obras de carácter especializado (movimento e dinamismo):

Baudson, M., (org.) (1985). *L'art et le temps: Regards sur la quatrième dimension*. Paris: Albin Michel.

Bertetto, P. e Campagnoni, D. P., (org.) (1996). *A Magia da Imagem: A Arqueologia do Cinema através das Coleções do Museo Nazionale del Cinema di Torino*. Lisboa: CCB.

Francastel, P. (1987). *Arte, Visão e Imaginação* (1987). Lisboa: Edições 70].

Kepes, G., org. (1965). *The Nature and Art of Motion*. London: Studio Vista.

Muybridge, E. (1955). *The Human Figure in Motion*. Nova York: Dover.

POPPER, F. (1968). *Origins and Development of Kinetic Art*. Londres: Studio Vista.

5. SENTIDO

Obras de carácter geral:

Aumont, J. (1990). *L'Image*. Paris: Nathan.

Guia compreensivo e sintético ao conhecimento actual sobre a criação, difusão e compreensão da imagem nas sociedades contemporâneas (seja através do desenho, da pintura, da fotografia ou do cinema), abordando o fenómeno visual de acordo com o papel desempenhado pelas estruturas perceptivas, pela psicologia e antropologia do espectador, pelos meios técnicos empregues, pela representação e significação veiculada e pela expressão estética e artística implicada.

Berger, J. *et al.* (1980). *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70.

Reflexão crítica sobre a arte, a publicidade e os media. Reflecte as tendências de investigação sobre os media da Univ. de Birmingham (*Cultural Studies*) num texto acessível produzido a partir da fundamentação teórica de uma série televisiva BBC.

Bryson, N., Ann Holly, M. e Moxey, K., orgs. (1991). *Visual Theory: Painting and Interpretation*. Cambridge: Polity Press.

Conjunto de textos de diferentes autores (e sua discussão) adoptando pontos de vista diferentes – o da semiologia, o da fenomenologia, o da filosofia analítica, o da percepção, o do feminismo, o da crítica marxista, etc. – no âmbito do debate contemporâneo sobre o papel e o sentido da imagem.

Gombrich, E. H. (1994). *Art and Illusion: A Study in the Psychology of Pictorial Representation*. (5ª ed). Londres: Phaidon Press.

Estudo da criação artística e das suas relações com o acto de ver, no âmbito da história, da cultura e da psicologia da representação visual. Ernest Gombrich analisa de uma forma muito ampla tópicos tão diversos como a imitação da natureza e os limites da verosimilhança, as relações entre forma e função, o papel da tradição, o papel do observador, o problema da abstracção, a validade da perspectiva e o poder da invenção e da descoberta na arte.

Romano, R., (org.) (1992). *Enciclopédia Einaudi*, vol.25, *Criatividade-Visão*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Obra organizada tematicamente e composta por artigos da responsabilidade de reputados autores. Destaca-se neste volume os artigos de Manlio Brusatin («Desenho/projecto», pp. 298-348), A. Costa e M. Brusatin («Visão», pp.242-273), F. Calvo («Projecto», pp. 58-100), C. Ferruci («Expressão», pp. 177-193), E. Garroni («Espacialidade», pp. 194-221 e «Criatividade», pp. 349-424) e M. Modica («Imitação», pp. 11-47 e «Imaginação», pp. 48-57).

Obras de carácter especializado:

- Arnheim, R. (1997). *Para uma psicologia da arte & Arte e entropia*. Lisboa: Dinalivro.
- Baltrusaitis, J. (1983). *Aberrations: Les Perspectives Dépravées – I*. Paris: Flammarion.
- Baltrusaitis, J. (1984). *Anamorphoses: Les Perspectives Dépravées – II*. Paris: Flammarion.
- Barlow, H., Blakemore, C. e Weston-Smith, M., (orgs.) (1990). *Images and Understanding. Thoughts About Images: Ideas About Understanding*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dorfles, G. (1988) *Elogio da Desarmonia*. Lisboa, Ed. 70.
- Cullen, G. (1993). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70].
- Description de L'Égypte* (1994). ...Publiée par les Ordres de ...Napoléon Bonaparte. Colónia: Benedict Taschen.
- Droste, M. (1994). *Bauhaus Archiv 1919-1933*. Colónia: Benedikt Taschen.
- Ehrenzweig, A. (1993). *The Hidden Order of Art: A Study in the Psychology of Artistic Imagination*. Londres: Weidenfeld.
- Francastel, P. (1987). *Arte, Visão e Imaginação*. Lisboa: Edições 70].
- Freitas, L. (1987). *Almada e o Número*. (2ª ed.). Lisboa: Soctip.
- Gardner, H. (1982). *Art, Mind and Brain: A cognitive approach to creativity*. Nova York: Basic Books.
- Gombrich, E. H. (1982). *The Image and the Eye: Further Studies in the Psychology of Pictorial Representation*. (2ª ed. 1986). Londres: Phaidon Press.
- Gregory, R. L. e GOMBRICH, E. H., orgs. (1973). *Illusion in Nature and Art*. Londres: Duckworth.
- Itten, J. (1995). *Le Dessin et la Forme*. Paris: Dessain et Tolra.
- Jenks, C., org. (1995). *Visual Culture*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Klee, P. (1990). *Diários*. São Paulo: Martins Fontes].
- Massironi, M. (1983). *Ver Pelo Desenho*, 1ª ed., Lisboa, Edições 70.
- Matisse, H. e FOURCADE, D. (s.d.) *Escritos e Reflexões sobre Arte*. Lisboa: Ulisseia.
- Mirzoeff, N. (1999). *An Introduction to Visual Culture*. Londres e Nova York: Routledge.
- Mitchell, W. J. (1994). *The Reconfigured Eye: Visual Thruth in the Post-Photograph Era*. Cambridge (Mass.): The MIT Press.
- Munari, B. (1982.). *A Arte Como Ofício*. Lisboa: Presença / Martins Fontes.

Munari, B. (1979). *Artista e Designer*. Lisboa: Presença / Martins Fontes.

Munari, B. (1979). *Design e Comunicação Visual*. Lisboa: Ed. 70.

Munari, B. (1987). *Fantasia, Invenção, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual*. Lisboa: Presença.

Peltzer, G., (1990). *Jornalismo Iconográfico*. Lisboa, Planeta.

Rocha de Sousa (1980). *Desenho (área: artes plásticas): T.P.U. 19*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Willats, J. (1997). *Art and Representation: New principles in the Analysis of the Pictures*. Princeton (N.J.): Princeton University Press.

Ministério da Educação
Departamento do Ensino Secundário

Programa de Desenho A

11º e 12º Anos

Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais

Autores

Artur Ramos (Coordenador/Autor)
João Paulo Queiroz
Sofia Namora Barros
Vítor dos Reis

Homologação
25/03/2002

A. Conteúdos (11º ano)

Os itens de conteúdo podem ser de sensibilização ou de aprofundamento. *Sensibilização* pressupõe a construção de um quadro de referências elementares apto a ser desenvolvido posteriormente. *Aprofundamento* implica o completo domínio e a correcta aplicação dos conteúdos envolvidos.

<i>Item de sensibilização ou aprofundamento</i>	Conteúdos / temas
<i>sensibilização</i>	1. Visão 1.2. Transformação dos estímulos em percepções 1.2.1. O papel dos órgãos sensoriais: os olhos e a recolha da informação visual 1.2.2. O papel da cérebro: interpretação da informação e construção de percepções
<i>sensibilização (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)</i>	2. Materiais 2.1. Suportes: papéis e outras matérias, propriedades do papel (espessuras, texturas, cores), formatos, normalizações, modos de conservação e reciclagem; suportes virtuais 2.2. Meios actuantes: riscadores (grafite, ceras, pastéis e afins), aquosos (aguada, têmperas, aparos e afins) e seus formatos (graus de dureza, espessuras e modos de conservação) 2.3. Infografia: tipos de ficheiro gráfico, graus de compressão, número de cores, codificação da cor, captura de imagem, alteração de dimensão em pontos de ecrã.
<i>Aprofundamento (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)</i>	3. Procedimentos 3.1. Técnicas 3.1.1. Modos de registo 3.1.1.1. Traço: natureza e carácter (intensidade, incisão, texturização, espessura, gradação, amplitude mínima e máxima do movimento, gestualidade) 3.1.1.2. Mancha: natureza e carácter (forma, textura, densidade, transparência, cor, tom, gradação) 3.1.1.3. Misto: combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem e outros) 3.1.2. Modos de transferência 3.1.2.1. Quadrícula, decalque, pantógrafo 3.1.2.2. Projecção, infografia, fotocópia e outros processos fotomecânicos.
<i>Aprofundamento (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)</i>	
<i>aprofundamento</i>	3.2. Ensaaios 3.2.1. Processos de análise 3.2.1.1. Estudo de formas • Estruturação e apontamento (esboço) • Estudo de formas naturais (de grande e de pequena escala) • Estudo de formas artificiais (objectos artesanais e objectos industriais) • Estudo de objectos e contextos com apontamento das

	convergências perspécticas • Estudo de contextos e ambientes (espaços interiores e exteriores, paisagem urbana e natural) • Estudo do corpo humano (introdução à anatomia e cânones)
<i>aprofundamento</i>	3.2.2. Processos de síntese 3.2.2.1. Transformação • Gráfica: ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação e repetição • Infográfica: utilização de filtros, articulação palavra/imagem • Invenção: construção de texturas, objectos e ambientes
<i>sensibilização</i>	4. Sintaxe 4.2. Domínios da linguagem plástica 4.2.1. Forma 4.2.1.2. Plano e superfície • Estruturas implícitas e estruturas explícitas • Formas modulares • Modulação do plano e retículas
<i>aprofundamento</i>	4.2.2. Cor 4.2.2.1. Natureza química da cor • Cor e pigmentos: comportamento dos pigmentos, absorção e reflexão selectivas
<i>aprofundamento</i>	4.2.2.2. Misturas de cor • Mistura aditiva: cores primárias, cores secundárias e cores terciárias, cores complementares • Mistura subtractiva: cores primárias, cores secundárias e cores terciárias, cores complementares • Mistura óptica de cores
<i>sensibilização</i>	4.2.3. Espaço e volume 4.2.3.1. Organização da profundidade • Perspectiva à mão levantada • Perspectiva atmosférica
<i>aprofundamento</i>	4.2.3.2. Organização da tridimensionalidade • Objecto: massa e volume • Escala: formato, variação de tamanho, proporção • Altura: posição no campo visual • Matéria: transparência, opacidade, sobreposição, interposição • Luz: claridade, sombras (própria e projectada), claro-escuro • Configuração: aberto, fechado, convexidade, concavidade • Textura

B. Sugestões Metodológicas Específicas (11ºano)

As unidades de trabalho aqui apresentadas são sugestões. Constituem um leque de exemplos aos quais o professor pode recorrer, exercendo as suas opções ou alterações, na fase de planificação anual. Não constituem um conjunto ordenado e sequencial nem pretendem coincidir com o tempo total disponível.

Diário gráfico

Sinopse: utilização de um caderno portátil, que, à semelhança dos cadernos de Leonardo da Vinci ou dos diários de viagem de Goya ou Delacroix, funcione como um arquivo quotidiano através de vários tipos de registos gráfico ou escrito. Note-se que este caderno, tal como um diário, é de utilização pessoal, devendo a sua avaliação restringir-se à verificação da sua existência e uso.

“Booklet” de CD

Sinopse: execução de uma proposta de livro para um CD à escolha, que possa conter imagens, notas técnicas, fotos e outros. Simulação por protótipo.

Previsão de tempos: 18 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Estudo da figura humana

Sinopse: representação da figura humana tomando um aluno como modelo. Apontar os eixos estruturais nomeadamente a posição espacial divergente da cintura escapular em relação à cintura pélvica. Verificação da proporcionalidade global em relação ao número de cabeças para a estatura.

Previsão de tempos: 22,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Modelo de Gesso

Sinopse: estudo gráfico de modelos diversos de gesso ou de fibra. Atender à correcta inserção e ocupação na página.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Planta em contexto arquitectónico

Sinopse: representar uma planta ou árvore (de interior ou exterior) inserida num contexto arquitectónico. Verificar a correcção da perspectiva e anotar o contributo do elemento vegetal na percepção da escala da arquitectura.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Levantamento de um painel cerâmico

Sinopse: a partir de painel cerâmico pré existente (do património local) elaborar uma série de desenhos, com escala adequada, detectando e estudando aspectos como módulo/padrão, geometrias condutoras e jogos de cor. A partir destes estudos recriar o painel cerâmico, propondo alterações, tendo em vista uma possível concretização em atelier de cerâmica.

Previsão de tempos: 18 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Desenho de interpretação da forma de objectos mecânicos

Sinopse: realização de desenhos correspondendo a diversos cortes de objecto preferencialmente mecânico, que, após a sua sobreposição e tirando partido da opacidade e transparência, permitam, ao abrir ou ao retirar camada sobre camada, visualizar o interior ou mesmo o próprio funcionamento do objecto.

Previsão de tempos: 18 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Desenho de carácter arqueológico

Sinopse: tomando como modelos objectos ou fragmentos cerâmicos, pedras ou ossos, representar, à escala de um para um, diversas vistas e cortes dos mesmos. No caso de fragmentos, as representações devem incluir a reconstituição da peça. Utilizar os recursos gráficos adequados ao desenho arqueológico, como seja o claro-escuro através de trama de pontos.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Desenho de memória

Sinopse: a partir de uma imagem observada durante alguns minutos, ocultá-la e depois reproduzi-la de memória.

Previsão de tempos: 4,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Estudos de cor ambiente

Sinopse: realizar estudos rápidos a partir do natural que investiguem e explorem a variabilidade luminosa e cromática a que formas e objectos estão sujeitos no meio ambiente. Estes estudos podem ser complementados através de registos fotográficos de determinados elementos e/ou contextos efectuados ao longo do dia segundo intervalos de tempo regulares.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Desenhos de perspectiva

Sinopse: realizar registos a partir da observação do real (p.e., edificações, interiores arquitectónicos, ruas e ambientes urbanos) apontando a sua estrutura perspéctica.

Previsão de tempos: 18 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Gradientes

Sinopse: numa primeira fase, realizar desenhos, imagens ou composições visuais organizadas em profundidade usando um ou mais gradientes (interposição, efeitos de luz, posicionamento, textura, etc.). Numa segunda fase, criar *paisagens* abstractas, isto é, composições que sugiram paisagens naturais sem recorrer a formas e figuras familiares e apenas por manipulação dos factores de profundidade aprendidos (esta operação pode igualmente ser aplicada à recriação de imagens retiradas da história da arte).

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Claro-escuro

Sinopse: desenhar objectos ou agrupamentos de objectos (*naturezas mortas*) iluminados com projectores ou candeeiros de estirador, procurando sobretudo registar e compreender os valores lumínicos aí presentes e as alterações na leitura espacial por eles provocados.

Previsão de tempos: 18 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Desenho dos desenhos

Sinopse: escolha de um ou mais desenhos a partir do repertório da história da arte. Representação à vista desse exemplo atendendo às especificidades processuais do original e respectiva escala. Poderá haver lugar a uma segunda fase introduzindo-se variações. Analisar, comparar e discutir diferenças e semelhanças ao nível do sentido.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Visão, Matérias, Procedimentos, Procedimentos, Sintaxe e Sentido

Análise espaço-volumétrica

Sinopse: analisar graficamente pelo menos 10 pinturas ou desenhos de autores diferentes, procurando identificar e acentuar os meios, recursos ou sistemas usados para produzir profundidade e tridimensionalidade (valores lumínicos, sobreposição, perspectiva, textura, cor, etc.)

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

O desenho e o accidental

Sinopse: numa primeira fase, criação de padrões ambíguos (p.e., com pingos de tinta sobre papel molhado ou dobrando e pressionando uma folha de papel na qual se depositaram tintas de cores diferentes) e seu uso como fonte de *inspiração* na criação de representações identificáveis. Numa segunda fase, observação de formações nebulosas e formações rochosas particulares e seu registo rápido procurando representar formas e padrões por elas sugeridas.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Redução informativa

Sinopse: a partir de imagens previamente escolhidas (reproduções de obras de arte, imagens retiradas de meios de comunicação, fotografias feitas pelos alunos, etc.) criar padrões regulares que mascarem ou retirem informação visual. O exercício pode ser feito através da utilização de meios informáticos.

Previsão de tempos: 4,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

A. Conteúdos (12º ano)

Os itens de conteúdo podem ser de sensibilização ou de aprofundamento. *Sensibilização* pressupõe a construção de um quadro de referências elementares apto a ser desenvolvido posteriormente. *Aprofundamento* implica o completo domínio e a correcta aplicação dos conteúdos envolvidos.

<i>Item de sensibilização ou aprofundamento</i>	Conteúdos / temas
<i>sensibilização (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)</i>	2. Materiais 2.1. Suportes: papéis e outras matérias, propriedades do papel (espessuras, texturas, cores, resistência, estabilidade dimensional, permanência), formatos, normalizações e modos de conservação; suportes fotossensíveis e termossensíveis 2.2. Meios actuantes: riscadores (grafite, carvão e afins), aquosos (apros, aguada, têmperas, óleos, diluentes, vernizes e afins) e seus formatos (graus de dureza, espessuras e modos de conservação) 2.3. Infografia: tipos de ficheiro gráfico, graus de compressão, número de cores, codificação da cor, captura de imagem, alteração de dimensão em pontos de ecrã.
<i>aprofundamento (de carácter transversal ao longo dos 10º, 11º e 12º anos)</i>	3. Procedimentos 3.1. Técnicas 3.1.1. Modos de registo 3.1.1.1. Traço: natureza e carácter (intensidade, incisão, texturização, espessura, gradação, amplitude mínima e máxima do movimento, gestualidade) 3.1.1.2. Mancha: natureza e carácter (forma, textura, densidade, transparência, cor, tom, gradação) 3.1.1.3. Misto: combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem e outros)
<i>aprofundamento</i>	3.2. Ensaaios 3.2.1. Processos de análise 3.2.1.1. Estudo de formas • Estruturação e apontamento (esboço) • Estudo de formas naturais (de grande e de pequena escala) • Estudo de formas artificiais (objectos artesanais e objectos industriais) • Estudo de contextos e ambientes (espaços interiores e exteriores) • Estudo do corpo humano (anatomia e cânones) • Estudo da cabeça humana
<i>aprofundamento</i>	3.2.2. Processos de síntese 3.2.2.1. Transformação • Gráfica: ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação, repetição,

	distorção e anamorfose • Infográfica: utilização de filtros, articulação palavra/imagem, ensaios de paginação e impressão • Invenção: criação de novas imagens para além de referentes
<i>sensibilização</i>	4. Sintaxe 4.2. Domínios da linguagem plástica 4.2.1. Forma 4.2.1.1. Traçados ordenadores • Regra de ouro • Consonâncias musicais • Outros sistemas geométrico-matemáticos
<i>aprofundamento</i>	4.2.2. Cor 4.2.2.1. Efeitos de cor • Contrastes cromáticos: contraste de cor em si, contraste simultâneo, contraste claro-escuro, contraste quente-frio, contraste de qualidade, contraste de quantidade • Pós-imagens e contraste sucessivo
<i>aprofundamento</i>	4.2.3. Movimento e tempo 4.2.3.1. Organização dinâmica • Localização: colocação, peso, equilíbrio, desequilíbrio, tensão • Orientação: obliquidade, direcção, eixos, vectores 4.2.3.2. Organização temporal • Ritmo: módulo, progressão, variação, repetição, intervalo • Tempo: continuidade, descontinuidade, simultaneidade, duração, sequência, narração
<i>sensibilização</i>	5. Sentido 5.1. Visão sincrónica do desenho 5.2. Visão diacrónica do desenho 5.3. Imagem: plano de expressão ou significante 5.3.1. A imagem e a realidade visual: representação, realismo e ilusão 5.3.2. A imagem como objecto plástico 5.4. Observador: plano de conteúdo ou significado 5.4.1. Níveis de informação visual 5.4.1.1. Completude e incompletude: acabado e inacabado, determinado e indeterminado 5.4.1.2. Totalidade e fragmento 5.4.1.3. Materialidade e discursividade 5.4.2. A acção do observador 5.4.2.1. Interpretação, projecção, sugestão e expectativa 5.4.2.2. Memória e reconhecimento 5.4.2.3. Atenção, selecção, habituação 5.4.2.4. Imaginação

B. Sugestões Metodológicas Específicas (12º ano)

As unidades de trabalho aqui apresentadas são sugestões. Constituem um leque de exemplos aos quais o professor pode recorrer, exercendo as suas opções ou alterações, na fase de planificação anual. Não constituem um conjunto ordenado e sequencial nem pretendem coincidir com o tempo total disponível.

Ilustração de livro

Sinopse: elaborar uma proposta de ilustração para um livro à escolha, formada por um conjunto de seis imagens. Note-se que a ilustração pode ser ou não figurativa. Deverá ser dada atenção à coerência gráfica do conjunto e poderão ser utilizados recursos informáticos. Simulação do resultado final através de uma maquete do livro assim obtido.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

“Frottage” – ambientes e paisagem

Sinopse: utilizando a técnica de *frottage* representar paisagens imaginárias empregando os diversos recursos de sugestão de profundidade. Numa primeira fase dever-se-á proceder ao levantamento sistemático de texturas possíveis com ensaio de sugestão de distância para depois as articular numa composição final.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Estudo da figura humana

Sinopse: representação da figura humana tomando um aluno como modelo. Apontar os eixos estruturais, nomeadamente a posição espacial divergente da cintura escapular em relação à cintura pélvica. Verificação da proporcionalidade global em relação ao número de cabeças para a estatura. Representar com maior acuidade os pormenores e extremidades, tais como as mãos, pés e cabeça.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Estudo de fragmentos de modelo

Sinopse: usando modelos já desenhados ampliar para uma escala superior alguns dos seus pormenores ou áreas.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Estudo de fragmentos de imagens

Sinopse: partindo de representações gráficas ou fotográficas realizar ampliações recorrendo a infografia ou fotocópia e trabalhar as imagens assim obtidas.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Articulação da figura humana com forma mecânica ou utensílio

Sinopse: representar a figura humana tomando um aluno como modelo numa pose que inclua uma acção sobre um objecto.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Imagens animadas (“Flip Book”)

Sinopse: nas folhas de um pequeno bloco apresentar uma sequência de imagens de modo que ao serem desfolhadas pareçam ganhar movimento e animação. Podem ser utilizados recursos informáticos.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Auto-retrato

Sinopse: representar o rosto reflectido no espelho, atentando à estrutura anatómica da cabeça humana. Numa segunda fase usar a fotografia como apoio.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Retrato

Sinopse: representar várias vistas da cabeça de um colega. Escolher uma vista e desenvolvê-la graficamente.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Retrato de corpo inteiro

Sinopse: representar um colega à escala natural e de corpo inteiro. Poder-se-á partir da observação directa, da silhueta projectada ou contornada, ou ainda da fotografia.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Desenho dos desenhos

Sinopse: escolha de um ou mais desenhos a partir do repertório da história da arte. Representação à vista desse exemplo atendendo às especificidades processuais do original e respectiva escala. Poderá haver lugar a uma segunda fase introduzindo-se variações. Analisar, comparar e discutir diferenças e semelhanças ao nível do sentido.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Visão, Matérias, Procedimentos, Procedimentos, Sintaxe e Sentido

Cenário

Sinopse: propor e conceber a maquete para um cenário de um programa televisivo do tipo *talk-show*. Através de esboços procurar antever os enquadramentos visuais possíveis no espaço assim criado (recorrendo, por exemplo, a periscópios improvisados).

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Composição não figurativa

Sinopse: ensaio de formas não figurativas com vista à concretização de uma composição utilizando os diversos recursos do desenho.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Sólido, líquido e gasoso

Sinopse: firmemente aprisionados dentro de três sacos de plástico transparente estão um tijolo, litro e meio de água e uma porção equivalente de ar. Representar separadamente estes objectos deixando explícitas graficamente as suas diferentes propriedades.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Sapatos

Sinopse: representação à vista de um par de sapatos velhos. Numa primeira fase, usar apenas linhas, numa segunda o claro-escuro e numa terceira a cor. Anotar, nas três fases, as propriedades texturais e matéricas e os detalhes acidentais provocados pelo uso. Escala superior ao natural. Formatos A2 ou A1.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Um olho em grande plano

Sinopse: representar um olho em folha A3 de modo a que todos os detalhes, como pálpebra e íris, sejam estudados. Nota: apontar correctamente a posição relativa da pupila em relação à pálpebra superior, proporcionalidade do círculo da íris, vincos, pregas e espessura das pálpebras. Materiais diversos (carvão, grafite, outros).

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Uma toalha com vincos e dobras

Sinopse: representar um panejamento tomando como modelo uma toalha branca e lisa, preferencialmente com vincos de ferro de engomar. Sugere-se o formato A2 e a execução de vários estudos em diversos materiais, como grafite, carvão, pastel, ceras, aguadas e diversas cores e texturas de papel.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Ensaio compositivo

Sinopse: articular duas unidades de trabalho (exemplo «pão» e «olho», «toalha» e «planta» ou outros) para gerar uma só página A1, através de fragmentação, pormenor, narratividade, repetição, acentuação, transfiguração e outros. A página resultante deve sintetizar diferentes propriedades dos referentes. Elaborar previamente esboços em formato menor.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Um pão

Sinopse: representar um pão rústico e de tamanho médio, assente sobre um prato ou um pano (a incluir). Se o trabalho se prolongar no tempo sugere-se a conclusão em casa.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Fruto seco

Sinopse: representar em grande escala (A2) um pequeno fruto seco (figo, noz, etc.) e efectuar variações em diversos materiais. Realizar estudos prévios, em tamanho A4, com apontamento de pormenores e recorrendo a carvão, grafite e outros meios.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Elemento vegetal

Sinopse: representar uma planta de interior através de diversos estudos em formato A2, tendo em consideração aspectos de pormenor, forma global e transfiguração gráfica do modelo escolhido. Recorrer a diversos materiais (carvão, grafite, outros).

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Um copo transparente com água

Sinopse: representar em formato A3 um copo com água, atendendo ao claro-escuro e ao jogo de reflexos de luz. Material: grafite. Nota: jogar com a amplitude de valores tonais.

Previsão de tempos: 4.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

«Nu descendo uma escada»

Sinopse: a partir da observação de uma reprodução da pintura «Nu descendo uma escada» de Marcel Duchamp, procurar um motivo dinâmico que possa ser representado exprimindo o mesmo tipo de movimento fragmentado.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Atleta

Sinopse: procurar imagens da imprensa que mostrem grandes planos de desportistas. Neutralizando o fundo da imagem e recorrendo a um enquadrador móvel obter duas composições a partir da mesma figura, sendo uma mais estática e outra mais dinâmica. Aplicar um tratamento gráfico e cromático adequado aos resultados. Esta unidade também pode ser feita infograficamente.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Moedas em voo

Sinopse: simular e representar um punhado de moedas como que atiradas ao ar imaginando as suas perspectivas, posições, e distâncias. Recorrer a processos de sugestão de dinamismo. Atender à própria composição para este efeito.

Previsão de tempos: 4.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Sequência de dobragens

Sinopse: representar uma folha de papel nas suas diversas aparências após ser sujeita a sucessivas dobras e respectivos vincos transversais. É de notar que cada representação deverá ser feita após a folha ser vincada e desdobrada de novo. Representar todas as fases na mesma folha, de uma forma sequencial. Utilizar uma ampla escala de valores tonais.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Retrato a dois momentos

Sinopse: retrato em que estejam presentes na mesma folha duas expressões ou posições de cabeça em sobreposição parcial ou em separado.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Claro-escuro com cores inesperadas

Sinopse: a partir de imagens fotográficas preexistentes, efectuar a sua digitalização, modificando a sua cor mas mantendo o claro-escuro. No final, imprimir os resultados.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Vista imaginária de espaços

Sinopse: representação do espaço em que se encontra o aluno adoptando um ponto de vista imaginário situado no tecto ou mais acima como se este fosse transparente. Apontar o ponto de fuga das verticais. Esboço em A4.

Previsão de tempos: 4.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe

Para além do visível

Sinopse: recorrer a imagens do mundo físico obtidas através de mecanismos sensíveis a gamas lumínicas diferentes da radiação visível (raios X, infravermelhos, etc.) ou com capacidades de registo muito superiores à visão humana (imagens telescópicas, microscópicas, etc.) e utilizá-las como objecto de estudo na criação de representações visuais.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Matérias, Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Inversão

Sinopse: criar desenhos, imagens ou padrões a partir da representação ou inclusão de figuras familiares posicionadas segundo diferentes rotações. Analisar as dificuldades impostas ao reconhecimento.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Duplo retrato

Sinopse: por via do desenho, representar, numa primeira fase, o rosto de alguém a partir da sua observação directa e, numa segunda, fazê-lo a partir do registo fotográfico desse rosto (registo para o qual se adoptou o mesmo ponto de vista usado na observação). Analisar, comparar e discutir diferenças e semelhanças tanto ao nível do processo como dos resultados, nível informativo de ambos, etc.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Efeitos cromáticos

Sinopse: criar padrões coloridos que sejam demonstrativos de diferentes contrastes cromáticos.

Previsão de tempos: 4.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Esquemas cromáticos

Sinopse: aplicar diferentes esquemas cromáticos (analogia de cores, cores complementares, tríades cromáticas, etc.) na criação de composições ou padrões, que

alguns casos podem ser destinados a fins específicos (padrões têxteis, papeis decorativos, etc.).

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Sucessividade

Sinopse: numa primeira fase, desenhar o mesmo objecto ou cena a partir de pontos de vista ligeiramente diferentes e pressupondo uma deslocação visual sucessiva do observador. Analisar as transformações nas relações visuais dos objectos entre si e face ao campo visual. Numa segunda fase, a partir da observação directa, desenhar a silhueta de um dado objecto a partir de seis pontos de vista diferentes. Analisar o nível informativo de cada um procurando concluir qual ou quais permitem um reconhecimento mais imediato.

Previsão de tempos: 13,5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Imagens compósitas

Sinopse: utilizando um meio à escolha, criar uma imagem compósita de um único objecto que incorpore diferentes vistas ou diferentes fases do seu movimento.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Animação

Sinopse: planear e concretizar uma sequência para um filme de animação definindo o número de imagens (no mínimo 10 a 15), a sequência narrativa, a sua lógica comunicacional. De um modo simples, poderá tratar-se da evolução de uma dada forma no espaço, através das suas transformações de configuração e tamanho. Poderá igualmente recorrer-se a registos fotográficos ou videográficos sucessivos que forneçam o material de base.

Previsão de tempos: 9 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

Mosaico

Sinopse: com o objectivo de explorar questões de resolução e percepção, transformar, numa primeira fase, uma imagem previamente escolhida num *mosaico* de unidades ou módulos, de acordo com valores de claridade e/ou cor. Numa segunda fase, criar desde logo uma imagem de acordo com estes pressupostos. As unidades ou módulos devem ser muito pequenos ou bastante grandes. O exercício pode ser feito recorrendo a meios informáticos.

Previsão de tempos: 13.5 horas

Conteúdos envolvidos: Procedimentos, Sintaxe, Sentido

BIBLIOGRAFIA

Na apresentação da bibliografia foram seguidos os seguintes critérios:

1. A referência a obras fundamentais existentes em bibliotecas, a par com a referência a obras recentes e fáceis de encontrar no circuito comercial;
2. A ordenação segundo os conteúdos do programa e, no seio destes, segundo obras de carácter geral e obras de carácter especializado;
3. A não inclusão de obras monográficas, cabendo a cada professor gerir estes ou outros itens de acordo com as suas opiniões, necessidades e experiências.

1. VISÃO

Obras de carácter geral:

Bruce, V., Green, P. R. & Georgeson, M. A. (1996). *Visual Perception: Physiology, Psychology and Ecology* (3ª ed.). Hove (East Sussex): Psychology Press.

Obra que abarca e sintetiza, de forma actualizada, o conhecimento sobre a percepção visual no âmbito dos seus três principais campos de investigação e debate (fisiologia e neurobiologia, psicologia e ecologia perceptiva).

Gibson, J. J. (1966). *The Senses Considered as Perceptual Systems*. Westport (Conn.): Greenwood Press.

Centrada na relação dos seres vivos com o mundo circundante, esta obra, do criador da *teoria ecológica* da percepção visual, constitui um estudo aprofundado dos diversos sistemas sensoriais de recolha, processamento e interpretação da informação presente no meio ambiente.

Gleitman, H. (1993). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Manual que, de forma global, apresenta, sintetiza e articula os principais tópicos e domínios da psicologia contemporânea, incluindo o da percepção e sua relação com as áreas científicas afins.

Gregory, R. L. (1998). *Eye and Brain. The Psychology of Seeing* (5ª ed.). Oxford: Oxford University Press.

Introdução aos domínios fundamentais da percepção visual, abarcando tanto a estrutura e funcionamento do sistema visual, como os processos de percepção de cor, espaço e movimento, a sua relação com o mundo das ilusões, da representação artística e da aprendizagem visual.

Obras de carácter especializado

Rock, I. (1984). *Perception*. Nova Iorque: Scientific American Library.

Vigouroux, R. (1999). *A fábrica do belo*. Lisboa: Dinalivro.

Zeki, S. (1999). *Inner Vision: An Exploration of Art and the Brain*. Oxford: Oxford University Press.

2. MATÉRIAS

3. PROCEDIMENTOS

Obras de carácter geral:

Edwards, B. (1979-99). *The New Drawing on the Right Side of the Brain - a course in enhancing creativity and artistic confidence*. Nova Iorque: Jeremy Tarcher/Putnam/Penguin inc.

Abordagem prática do construir do desenho.

Haverkamp-Begemann, E. (1988). *Creative Copies. Interpretative Drawings from Michelangelo to Picasso*. Nova Iorque: Sotheby's.

Abordagem prática da expressão gráfica, tomando como referentes desenhos reconhecidos.

Lambert, S. (1985). *El Dibujo, Técnica Y Su Utilidad*. Madrid: Hermann Blume.

Panorama das diversas técnicas do desenho, documentadas com inúmeras ilustrações de várias épocas.

Molina, J. J. G. (1995). *Las Lecciones Del Dibujo*. Madrid: Cátedra.

Abordagem de múltiplos temas do desenho, profusamente ilustrada com exemplos de várias épocas.

Molina, J. J. G. (1999). *Estrategias Del Dibujo en el Arte Contemporáneo*. Madrid: Cátedra.

Várias abordagens do desenho de artistas do século XX, acompanhado de inúmeras ilustrações.

Ruskin, J. (1991). *The Elements of Drawing*. Londres: Herbert.

Abordagem prática do desenho no âmbito da observação e da representação, considerando igualmente os aspectos de cor e composição.

Obras de carácter especializado

Alberti, L. B. (1999). *De la Pintura y otros Escritos sobre Arte*. Madrid: Tecnos.

Bammes, G. (1995). *L'Étude Du Corps Humain*. Paris: Dessain & Tolra.

Connoly, S. (org.) (1997). *The Complete Drawing and Painting Course*. Londres: Apple.

Doerner, M. (1946). *Los Materiales de Pintura y su Empleo en el Arte*. Barcelona: Gustavo Gili.

Fehér, G. & Szunyoghy, A. (1996). *Anatomy Drawing School*. Budapest: Könemann.

Goldstein, C. (1996). *Teaching Art: Academies and Schools from Vasari to Albers*. Cambridge: Cambridge University Press.

Goldstein, N. (1993). *Figure Drawing* (4ª ed.). Englewood Cliffs (N. J.): Prentice Hall.

Leonardo da Vinci (1947). *Tratado de la Pintura* (2ª ed.). Buenos Aires: Colección Austral.

Nicolaïdes, K. (1997). *The Natural Way To Draw* (3ª ed.). Londres: Andre Deutsch.

Pignatti, T. (1982). *O desenho de Altamira a Picasso*. (s/l): Livros Abril.

Rocha, C. S. & Nogueira, M. (1993). *Panorâmica das Artes Gráficas*, vols. I e II. Lisboa: Plátano.

Wiffen, V. (2000). *Une Leçon de Dessin*. Paris: Fleurus.

4. SINTAXE

Obras de carácter geral:

Arnheim, R. (1974). *Art and Visual Perception. A Psychology of the Creative Eye. The New Version*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

Centrada na relação entre a arte e a percepção visual, esta obra procura entender os processos da criação artística e da apreensão visual – ao nível dos grandes domínios do pensamento, da linguagem e da expressão visuais, como equilíbrio, configuração, forma, espaço, luz, cor, movimento e dinamismo – do ponto de vista das leis e estruturas psicológicas subjacentes tanto ao indivíduo, como às imagens e aos objectos por si criados.

Bloomer, C. M. (1990). *Principles of Visual Perception* (2ª ed.). Londres: The Herbert Press.

Obra que estuda o papel desempenhado pela experiência individual e pelos factores histórico-culturais nos processos de percepção, criação e comunicação visual. Apresenta uma introdução ao funcionamento do sistema visual e, em particular, ao papel do cérebro no seu seio; estuda os principais factores da percepção e da representação visuais ao nível da cor, do espaço e do movimento; aborda o papel da fotografia e das imagens electrónicas na comunicação visual e pondera as relações entre arte, percepção e criatividade, do ponto de vista da educação visual e artística.

Hoffman, D. D. (1998). *Visual Intelligence: How We Create What We See*. Nova Iorque e Londres: W. W. Norton.

Procurando demonstrar o carácter de construção activa de sentido subjacente aos complexos processos de percepção e representação visual, esta obra debruça-se sobre a gramática da visão – ao nível da linha, da cor, da forma, da profundidade, do movimento – e analisa os processos de inteligência visual ao nível tanto da arte como da tecnologia (desde os mais simples efeitos visuais à mais complexa “realidade virtual”).

Solso, R. L. (1994). *Cognition and Visual Arts*. Cambridge (Mass.): The MIT Press.

Centrada nos dados mais recentes da psicologia cognitiva e recorrendo a múltiplos exemplos do campo da arte e da linguagem visual, esta obra estuda as relações entre os sistemas cognitivos, a expressão artística e os meios próprios da representação visual, procurando compreender as interacções entre o acto de ver e o acto de interpretar aquilo que se vê.

Villafañe, J. (1986). *Introducción a la teoría de la imagen* (2ª ed.). Madrid: Pirámide.

Introdução ao estudo da imagem em quatro domínios fundamentais: o da sua definição conceptual, o da sua percepção cognitiva, o da sua estruturação e organização e o da sua análise de sentido. A terceira parte, a imagem como representação, constitui uma abordagem dos elementos morfológicos, dinâmicos, escalares, icónicos e compositivos da linguagem visual e artística.

Obras de carácter especializado (forma):

- Arnheim, R. (1990). *O poder do centro: um estudo da composição nas artes visuais*. Lisboa: Edições 70.
- Bouleau, C. (1963). *Charpentiers: la géométrie secrète des peintres*. Paris: Seuil.
- Brockett, A. (s/d). *Como Desenhar Motivos e Padrões*. Lisboa: Presença.
- Dondis, D. A. (1976). *La sintaxis de la imagen: introducción al alfabeto visual*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Gombrich, E. H. (1979). *The Sense of Order. A Study in the Psychology of Decorative Art*. Oxford: Phaidon Press.
- Kandinsky, W. (1991). *Do Espiritual na Arte* (2ª ed.). Lisboa: D. Quixote.
- Kepes, G. (org.) (1965). *Education of vision*. Londres: Studio Vista.
- Kepes, G. (org.) (1966). *Module, Symmetry, Proportion*. Londres: Studio Vista.
- Marcolli, A. (1978). *Teoría del campo* (2 vols.). Florença: Sansoni.
- Sausmarez, M. (1979). *Desenho básico: as dinâmicas da forma visual*. Lisboa: Presença.

Obras de carácter especializado (cor):

- Albers, J. (1963). *The Interaction of Color*. New Haven (Conn.): Yale University Press.
- Brill, T. (1980). *Light: Its Interaction with Art & Antiquities*. Nova Iorque: Plenum Press.
- Brusatin, M. (1987). *Historia de los Colores*. Barcelona: Paidós.
- Gage, J. (1993). *Colour and Culture: Practice and Meaning from Antiquity to Abstraction*. Londres: Thames and Hudson.
- Gage, J. (1999). *Colour and Meaning. Art, Science and Symbolism*. Londres: Thames and Hudson.
- Hickethier, A. (1973). *Le cube des couleurs*. Paris: Dessain & Tolra.
- Itten, J. (1974). *Art de la couleur. Approche subjective et description objective de l'art*. Paris: Dessain & Tolra.
- Marx, E. (1972). *Les contrastes de la couleur*. Paris: Dessain & Tolra.

Obras de carácter especializado (espaço e volume):

- Baxandall, M. (1995). *Shadows and Enlightenment*. New Haven e Londres: Yale University Press.
- Dunning, W. V. (1991). *Changing Images of Pictorial Space: A History of Spatial Illusion in Painting*. Syracuse (N. Y.): Syracuse University Press.
- Gill, R. W. (1975). *Creative Perspective*. Londres: Thames and Hudson.
- Gombrich, E. H. (1995). *Shadows: The Depiction of Cast Shadows in Western Art*. Londres: National Gallery Publications.

- Kemp, M. (1990). *The Science of Art: Optical Themes in Western Art from Brunelleschi to Seurat*. New Haven e Londres: Yale University Press.
- Lacomme, D. (1995). *L'Espace dans le Dessin et La Peinture*. Paris: Bordas.
- Lier, H. (1971). *Les arts de l'espace*. Tournai: Casterman.
- Panofsky, E. (1993). *A perspectiva como forma simbólica*. Lisboa: Edições 70.
- Pirenne, M. H. (1970). *Optics, Painting and Photography*. Londres: Cambridge University Press.
- Smith, R. (1996). *Introdução à Perspectiva*. Lisboa: Presença.

Obras de carácter especializado (movimento e dinamismo):

- Baudson, M., (org.) (1985). *L'art et le temps: Regards sur la quatrième dimension*. Paris: Albin Michel.
- Bertetto, P. & Campagnoni, D. P., (org.) (1996). *A Magia da Imagem: A Arqueologia do Cinema através das Coleções do Museo Nazionale del Cinema di Torino*. Lisboa: CCB.
- Francastel, P. (1987). *Arte, Visão e Imaginação*. Lisboa: Edições 70.
- Kepes, G. (org.) (1965). *The Nature and Art of Motion*. Londres: Studio Vista.
- Muybridge, E. (1955). *The Human Figure in Motion*. Nova Iorque: Dover.
- Popper, F. (1968). *Origins and Development of Kinetic Art*. Londres: Studio Vista.

5. SENTIDO

Obras de carácter geral:

- Aumont, J. (1990). *L'Image*. Paris: Nathan.

Guia compreensivo e sintético do conhecimento actual sobre a criação, difusão e compreensão da imagem nas sociedades contemporâneas (seja através do desenho, da pintura, da fotografia ou do cinema), abordando o fenómeno visual de acordo com o papel desempenhado pelas estruturas preceptivas, pela psicologia e antropologia do espectador, pelos meios técnicos empregues, pela representação e significação veiculada e pela expressão estética e artística implicada.

- Berrega, J. *et al.* (1980). *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70.

Reflexão crítica sobre a arte, a publicidade e os media. Reflecte as tendências de investigação sobre os media da Universidade de Birmingham (*Cultural Studies*) num texto acessível produzido a partir da fundamentação teórica de uma série televisiva BBC.

- Bryson, N., Holly, M. A. & Moxey, K. (orgs.) (1991). *Visual Theory: Painting and Interpretation*. Cambridge: Polity Press.

Conjunto de textos de diferentes autores (e sua discussão) adoptando pontos de vista diferentes – o da semiologia, o da fenomenologia, o da filosofia analítica, o da percepção, o do feminismo, o da crítica marxista, etc. – no âmbito do debate contemporâneo sobre o papel e o sentido da imagem.

Gombrich, E. H. (1994). *Art and Illusion: A Study in the Psychology of Pictorial Representation*. (5ª ed.). Londres: Phaidon Press.

Estudo da criação artística e das suas relações com o acto de ver, no âmbito da história, da cultura e da psicologia da representação visual. Ernest Gombrich analisa de uma forma muito ampla tópicos tão diversos como a imitação da natureza e os limites da verosimilhança, as relações entre forma e função, o papel da tradição, o papel do observador, o problema da abstracção, a validade da perspectiva e o poder da invenção e da descoberta na arte.

Romano, R. (org.) (1992). *Criatividade-Visão*, vol.25. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Obra organizada tematicamente e composta por artigos da responsabilidade de reputados autores. Destaca-se neste volume os artigos de Manlio Brusatin («Desenho/projecto», pp. 298-348), A. Costa e M. Brusatin («Visão», pp.242-273), F. Calvo («Projecto», pp. 58-100), C. Ferruci («Expressão», pp. 177-193), E. Garroni («Espacialidade», pp. 194-221 e «Criatividade», pp. 349-424) e M. Modica («Imitação», pp. 11-47 e «Imaginação», pp. 48-57).

Obras de carácter especializado:

Arnheim, R. (1997). *Para uma psicologia da arte & Arte e entropia*. Lisboa: Dinalivro.

Baltrusaitis, J. (1983). *Aberrations: Les Perspectives Dépravées – I*. Paris: Flammarion.

Baltrusaitis, J. (1984). *Anamorphoses: Les Perspectives Dépravées – II*. Paris: Flammarion.

Barlow, H., Blakemore, C. & Weston-Smith, M., (orgs.) (1990). *Images and Understanding. Thoughts About Images: Ideas About Understanding*. Cambridge: Cambridge University Press.

Brusatin, M. (1989). *Storia delle Immagini*. Turim: Einaudi.

Dorfles, G. (1988). *Elogio da Desarmonia*. Lisboa: Ed. 70.

Cullen, G. (1993). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.

Description de L'Égypte... Publiée par les Ordres de... Napoléon Bonaparte (1994: facsimile da ed. de Paris, Imprimerie Impériale, 1809). Colónia: Benedict Taschen.

Didier-Huberman, G. (1990). *Devant l'image: question posée aux fins d'une histoire de l'art*. Paris. Éditions de Minuit.

Droste, M. (1994). *Bauhaus Archiv 1919-1933*. Colónia: Benedikt Taschen.

Ehrenzweig, A. (1993). *The Hidden Order of Art: A Study in the Psychology of Artistic Imagination*. Londres: Weidenfeld.

Francastel, P. (1987). *Arte, Visão e Imaginação*. Lisboa: Edições 70.

Freitas, L. (1987). *Almada e o Número* (2ª ed.). Lisboa: Soctip.

Gardner, H. (1982). *Art, Mind and Brain: A cognitive approach to creativity*. Nova Iorque: Basic Books.

Gombrich, E. H. (1982). *The Image and the Eye: Further Studies in the Psychology of Pictorial Representation* (2ª ed.). Londres: Phaidon Press.

Gregory, R. L. & Gombrich, E. H. (orgs.) (1973). *Illusion in Nature and Art*. Londres: Duckworth.

- Itten, J. (1995). *Le Dessin et la Forme*. Paris: Dessain & Tolra.
- Jenks, C. (org.) (1995). *Visual Culture*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Klee, P. (1990). *Diários*. São Paulo: Martins Fontes.
- Massironi, M. (1983). *Ver Pelo Desenho* (1ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Matisse, H. & Fourcade, D. (s/d). *Escritos e Reflexões sobre Arte*. Lisboa: Ulisseia.
- Mirzoeff, N. (1999). *An Introduction to Visual Culture*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Mitchell, W. J. (1994). *The Reconfigured Eye: Visual Thruth in the Post-Photograph Era*. Cambridge (Mass.): The MIT Press.
- Munari, B. (1979). *Artista e Designer*. Lisboa: Presença / Martins Fontes.
- Munari, B. (1979). *Design e Comunicação Visual*. Lisboa: Ed. 70.
- Munari, B. (1982.). *A Arte Como Ofício*. Lisboa: Presença / Martins Fontes.
- Munari, B. (1987). *Fantasia, Invenção, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual*. Lisboa: Presença.
- Sousa, R. (1980). *Desenho (área: artes plásticas): T.P.U. 19*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Willats, J. (1997). *Art and Representation: New principles in the Analysis of the Pictures*. Princeton (N.J.): Princeton University Press.

Anexo III

- a. Plano de aula da Unidade 7
- b. Plano de aula da Unidade 7
- c. Plano de aula da Unidade 7

DISCIPLINA: DESENHO A

DURAÇÃO: 1 BLOCO DE 90 M

DATA: 08/03/10

ANO: 2009 / 2010

PROFESSORA COOPERANTE: **Leonor Soares**
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: **Ana Rita Almeida**

Turmas: A1 nº Alunos: 24 Hora: 8h30/10h00
 Turmas: B1 nº Alunos: 22 Hora: 10h20/11h50
 Turmas: B2 nº Alunos: 24 Hora: 12h00/13h30

UNIDADE DIDÁCTICA: UNIDADE 7 - ESTUDO DA CABEÇA HUMANA

material / recursos: imagens projectadas por videoprojector, textos de apoio, livros. Suporte - papel de desenho DIN A2; Meios actuantes - riscadores (grafites de diversas durezas, carvão).

TEMPO		ACTIVIDADES/ ESTRATÉGIAS	CONTEÚDOS A DOMINAR	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	AVALIAÇÃO
INÍCIO	25 M	Apresentação dos objectivos da aula; Projectção das imagens em powerpoint- exposição de conteúdos; Discussão e reflexão dos conteudos; Apresentação da proposta de trabalho e explicação da mesma.	Materiais - suportes e meios actuantes (riscadores - grafite e carvão e os seus formatos - graus de dureza, espessuras e modos de conservação); Ocupação da página - enquadramentos; Procedimentos - Modos de registo: traço (natureza e carácter - intensidade, incisão, texturização, espessuras, gradação, gestualidade), mancha (natureza e carácter - forma, textura, densidade, cor, tom e gradação) e misto (combinações entre o traço e mancha). - Processos de análise: estudo de formas (estruturação e apontamento - eixos construtivos, ângulos, pontos de inflexão e de concordância de curvas -, e estudo da cabeça humana - anatomia e proporções).	1. Observar e analisar: Saber observar e registar com elevado poder de análise, tendo em atenção as singularidades presentes e a forma como estas se relacionam com outras, bem como a integração de todas num todo ou unidade decomponível em elementos estruturais. 2. Manipular e sintetizar: Ser capaz de aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção. Dominar técnicas e utiliza-las com discernimento face à proposta.	Ocupação de página e enquadramento de acordo com a proposta; Capacidade de análise e representação da cabeça humana, domínio do desenho à vista: Estruturação - eixos construtivos, ângulos relativos, pontos de inflexão e concordância; Domínio da Proporção; Configuração - Saber optar no uso do traço e da mancha na tradução das formas, volumes, texturas, e compreender o efeito luz na modelação do objecto representado. Domínio dos materiais e instrumentos de desenho. Capacidade de gerir o tempo previsto para a execução da proposta.
	60 M	Exercício - pretende-se que o discente represente, a partir da observação directa dos colegas, três vistas da cabeça - perfil, frente e três quartos . O aluno deverá: - executar cada vista em folhas DIN A2 distintas; - trabalhar as duas primeiras vistas em grafite (esboço/análise - estruturação e apontamento); - trabalhar a terceira vista em carvão em barra e/ou em lápis (tradução objectiva); Duração dos exercícios: em grafite - 15 minutos carvão - 30 minutos			
FINAL	5 M	Terminam, e guardam o exercício e material.			

DISCIPLINA: DESENHO A

DURAÇÃO: 1 BLOCO DE 90 M

DATA: 10/03/10

ANO: 2009 / 2010

PROFESSORA COOPERANTE: Leonor Soares
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Ana Rita Almeida

Turmas: B2 nº Alunos: 24 Hora: 8h30/10h00
 Turmas: B1 nº Alunos: 22 Hora: 10h20/11h50

UNIDADE DIDÁCTICA: UNIDADE 7 - ESTUDO DA CABEÇA HUMANA

Material / recursos: imagens projectadas por videoprojector, textos de apoio, livros. Suporte - papel de desenho DIN A2; Meios actuantes - riscadores (grafites de diversas durezas, carvão, pastel de óleo, pastel seco, sanguínea, esferográfica, marcadores).

TEMPO		ATIVIDADES/ ESTRATÉGIAS	CONTEÚDOS A DOMINAR	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	AVALIAÇÃO
INÍCIO	15 M	Apresentação dos objectivos da aula; Projectção das imagens em powerpoint; Apresentação da proposta de trabalho e explicação da mesma.	Materiais - suportes e meios actuantes (grafites de diversas durezas, carvão, pastel de óleo, pastel seco, sanguínea, esferográfica, marcadores). e modos de conservação);	1. Observar e analisar: Saber observar e registar com elevado poder de análise, tendo em atenção as singularidades presentes e a forma como estas se relacionam com outras, bem como a integração de todas num todo ou unidade decomponível em elementos estruturais.	Ocupação de página e enquadramento de acordo com a proposta; Capacidade de análise e representação da cabeça humana, domínio do desenho à vista:
	70 M	Exercício - pretende-se que o discente represente, a partir da observação directa dos colegas, várias posições e expressões da cabeça/rosto. Numa primeira fase: - trabalhar em duas folhas DIN A2, executando em cada uma, o mínimo de duas expressões faciais e/ou posições da cabeça (em sobreposição parcial ou em separado); - recorrer apenas ao traço (esboço/análise - estruturação e apontamento). Numa segunda fase: - escolher uma expressão facial e/ou posição da cabeça e desenvolvê-la gráficamente, numa folha DIN A2, recorrendo a um registo misto - traço e mancha (tradução objectiva). Duração dos exercícios: primeira fase - 2 x 20 minutos segunda fase - 30 minutos	Ocupação da página - enquadramentos; Procedimentos - Modos de registo: traço (natureza e carácter - intensidade, incisão, texturização, espessuras, gradação, gestualidade), mancha (natureza e carácter - forma, textura, densidade, cor, tom e gradação) e misto (combinações entre o traço e mancha). - Processos de análise: estudo de formas (estruturação e apontamento - eixos construtivos, ângulos, pontos de inflexão e de concordância de curvas -, e estudo da cabeça humana - anatomia e proporções).	2. Manipular e sintetizar: Ser capaz de aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção. Dominar técnicas e utiliza-las com discernimento face à proposta.	Estruturação - eixos construtivos, ângulos relativos, pontos de inflexão e concordância; Domínio da Proporção; Configuração - Saber optar no uso do traço e da mancha na tradução das formas, volumes, texturas, e compreender o efeito luz na modelação do objecto representado. Domínio dos materiais e instrumentos de desenho. Capacidade de gerir o tempo previsto para a execução da proposta.
FINAL	5 M	Terminam, e guardam o exercício e material.			

PROFESSORA COOPERANTE: Leonor Soares
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Ana Rita Almeida

Turmas: B1 nº Alunos: 22 Hora: 8h30/10h00
Turmas: B2 nº Alunos: 24 Hora: 10h20/11h50
Turmas: A1 nº Alunos: 24 Hora: 12h00/13h30

UNIDADE DIDÁCTICA: UNIDADE 7 - ESTUDO DA CABEÇA HUMANA O AUTO-RETRATO

Material / recursos: imagens projectadas por videoprojector, textos de apoio, livros, fotografias, espelho, Diário Gráfico. Suporte - papel/cartão DIN A1; Meios actuantes - riscadores (materiais a escolher pelo aluno).

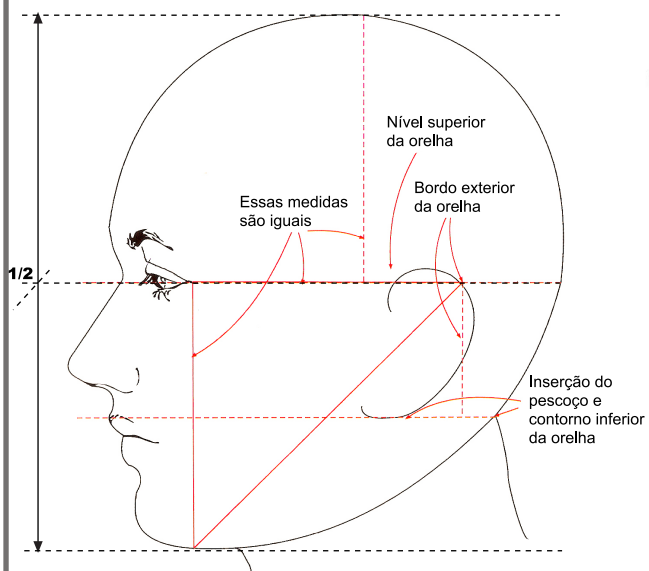
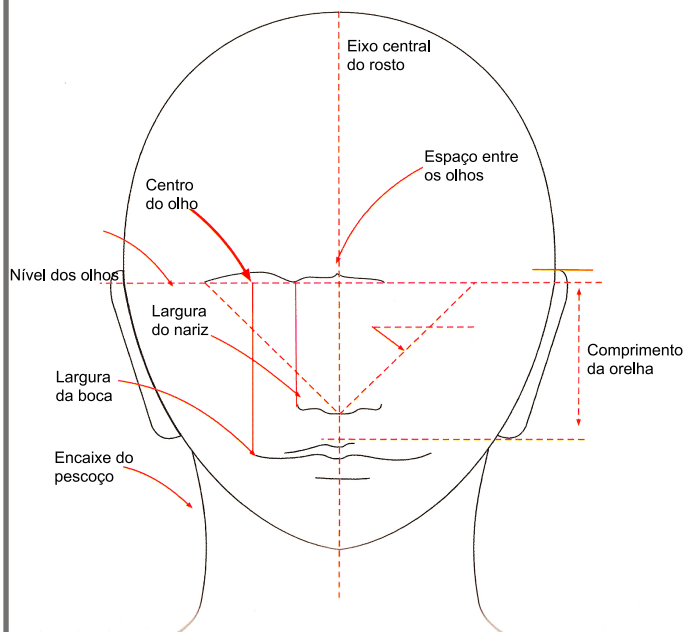
TEMPO	ACTIVIDADES/ ESTRATÉGIAS	CONTEÚDOS A DOMINAR	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	AVALIAÇÃO
INÍCIO	30 M Apresentação dos objectivos da aula; Projectção das imagens em powerpoint, exposição de conteúdos; Apresentação da proposta de trabalho e explicação da mesma.	Materiais - suportes e meios actuantes (grafites de diversas durezas, carvão, pastel de óleo, pastel seco, sanguínea, esferográfica, marcadores). e modos de conservação);	1. Observar e analisar: Saber observar e registar com elevado poder de análise, tendo em atenção as singularidades presentes e a forma como estas se relacionam com outras, bem como a integração de todas num todo ou unidade decomponível em elementos estruturais.	Ocupação de página e enquadramento de acordo com a proposta; Capacidade de análise e representação da cabeça humana: Domínio da Proporção;
DESENVOLVIMENTO	140 M Exercício - "O Passado, o Presente e o Futuro": pretende-se que o discente elabore uma composição que o retrate aquando criança, no momento actual e como imagina que poderá vir a ser numa idade mais avançada. O aluno deverá utilizar como instrumentos de apoio para as diferentes fases a representar: Passado - representar o seu rosto em criança a partir da fotografia; Presente - representar o seu actual rosto a partir do espelho; Futuro - representar o seu hipotético rosto, numa idade mais adulta, recorrendo a fotografias e espelho; O aluno deverá : - numa primeira fase, realizar pesquisas e estudos prévios, que poderão ser elaborados no Diário Gráfico; - numa segunda fase, realizar os trabalhos finais num suporte A1.	Ocupação da página - enquadramentos; Procedimentos - Modos de registo: traço (natureza e carácter -intensidade, incisão, texturização, espessuras, gradação, gestualidade), mancha (natureza e carácter - forma, textura, densidade, cor, tom e gradação) e misto (combinações entre o traço e mancha). - Processos de análise: estudo de formas (estruturação e apontamento - eixos construtivos, ângulos, pontos de inflexão e de concordância de curvas -, e estudo da cabeça humana - anatomia e proporções). Sentido - Visão diacrónica e sincrónica do desenho, e observador - plano de conteúdo ou significado.	2. Manipular e sintetizar: Ser capaz de aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção. Dominar técnicas e utilizá-las com discernimento face à proposta. Interpretar e comunicar: o aluno deverá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas. Esta competência pressupõe um domínio crescente nos processos de interpretação e de sentido.	Configuração - Saber optar no uso do traço e da mancha na tradução das formas, volumes, texturas, e compreender o efeito luz na modelação do objecto representado. Domínio dos materiais e instrumentos de desenho. Capacidade de gerir o tempo previsto para a execução da proposta Criatividade e capacidade de Comunicar.
FINAL	10 M Terminam, e guardam o exercício e material.			

Anexo III

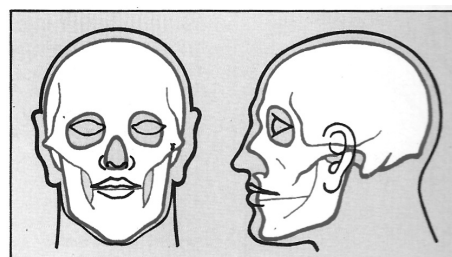
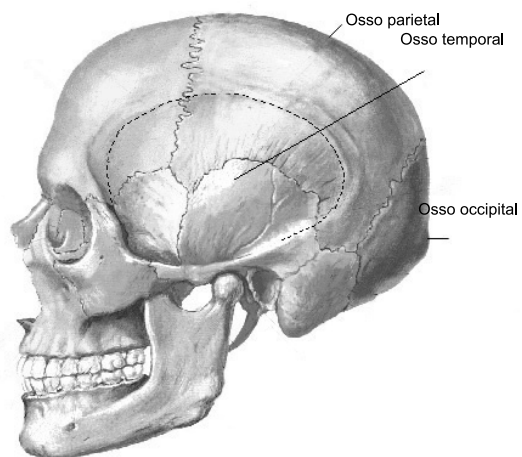
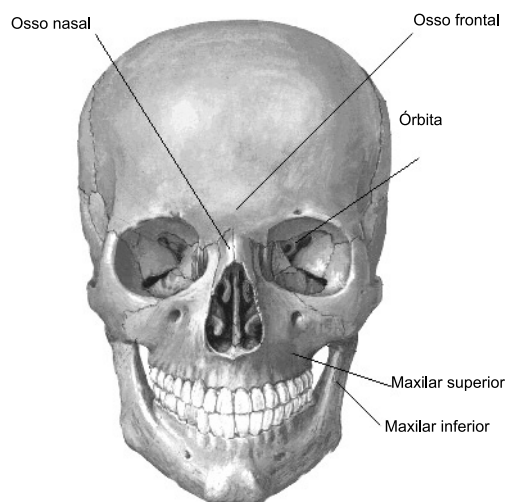
d. Material de apoio à Unidade 7: documento de apoio aos conteúdos a leccionar

UNIDADE 7_ESTUDO DA CABEÇA HUMANA

> Esquemas de representação das proporções dos elementos da cabeça humana sugeridos por Betty Edwards.



> Osteologia da cabeça humana



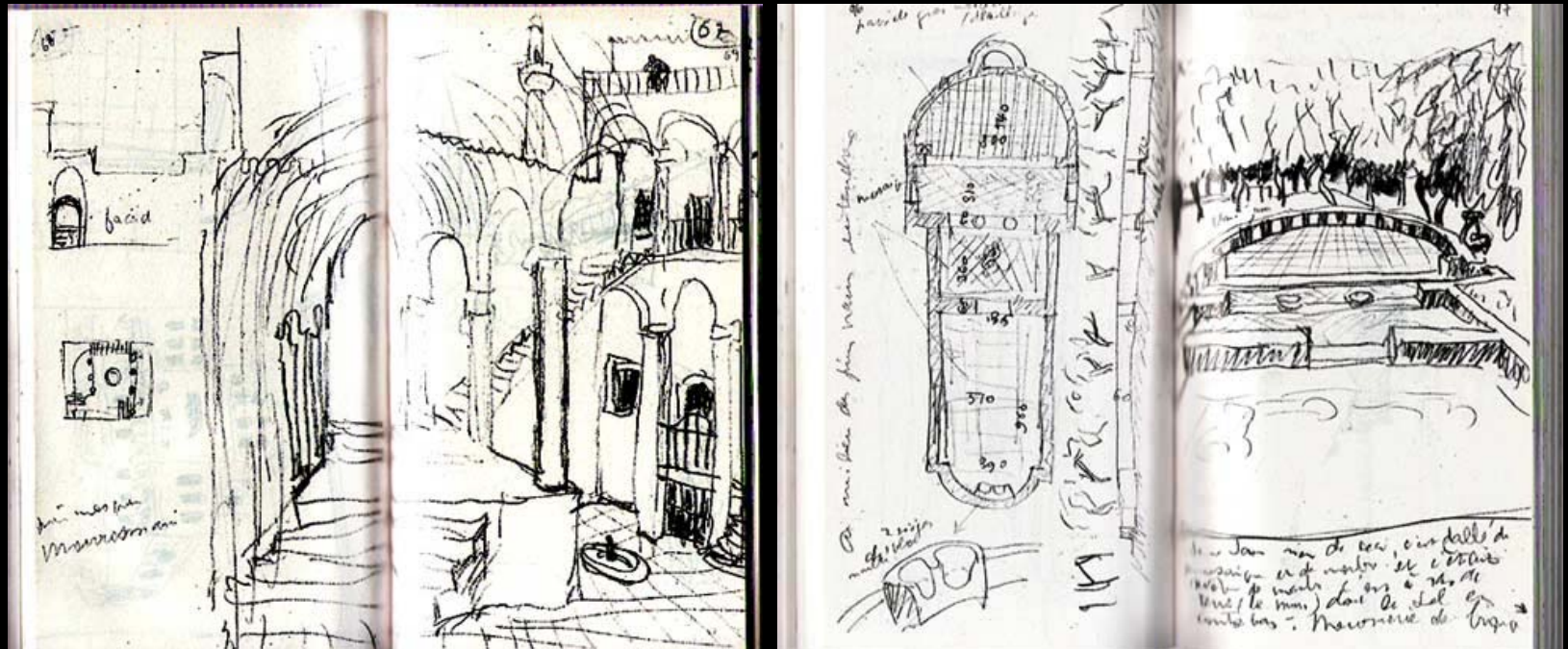
Anexo III

e. Material de apoio à Unidade 7: apresentações multimédia

O Diário Gráfico

como instrumento pedagógico

Le Corbusier_Arquitecto.

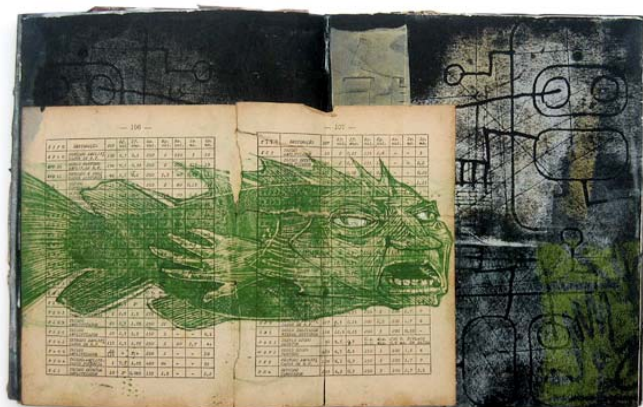


Siza Vieira_Arquitecto.



Renato Alarcão_Designer gráfico e professor de Artes Visuais





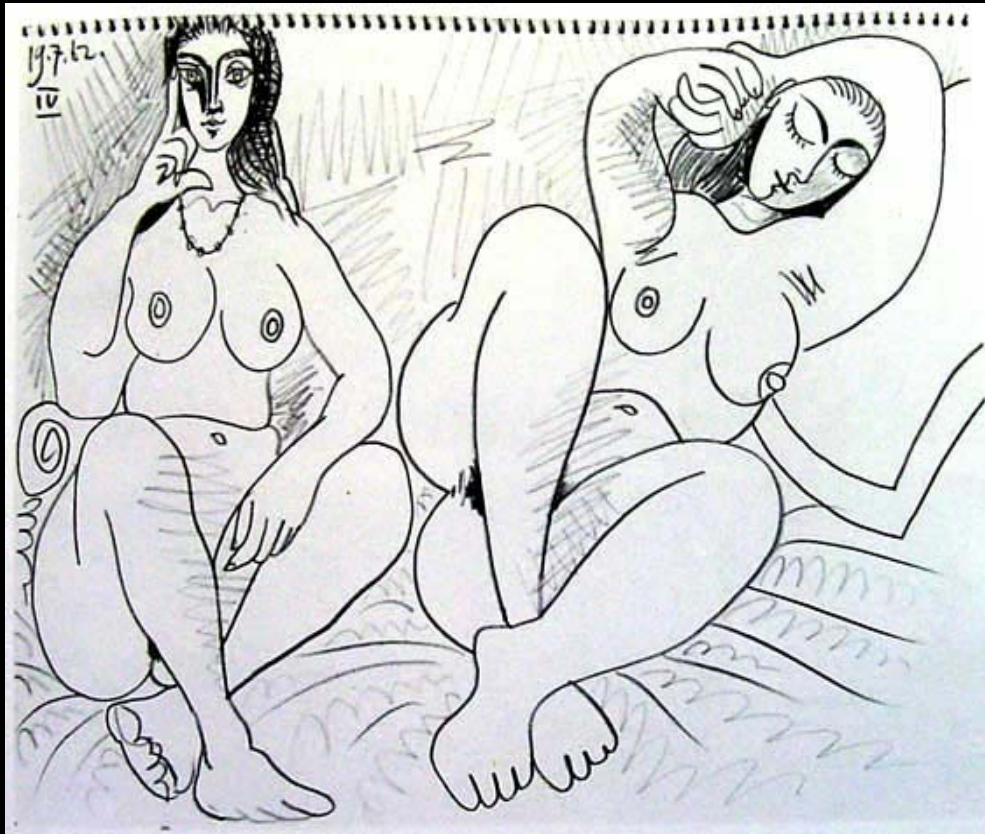
Pablo Amargo_ ilustrador e designer gráfico



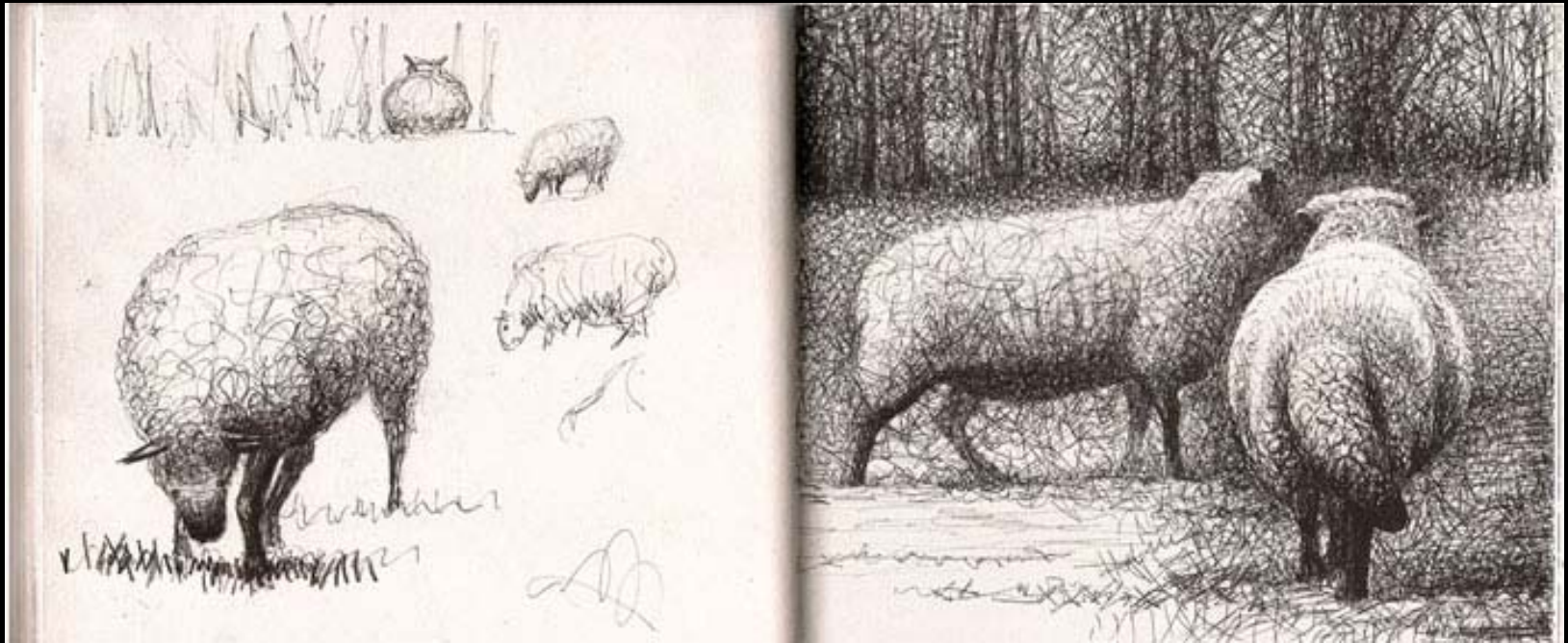
Will Mille_Designer gráfico e ilustrador.

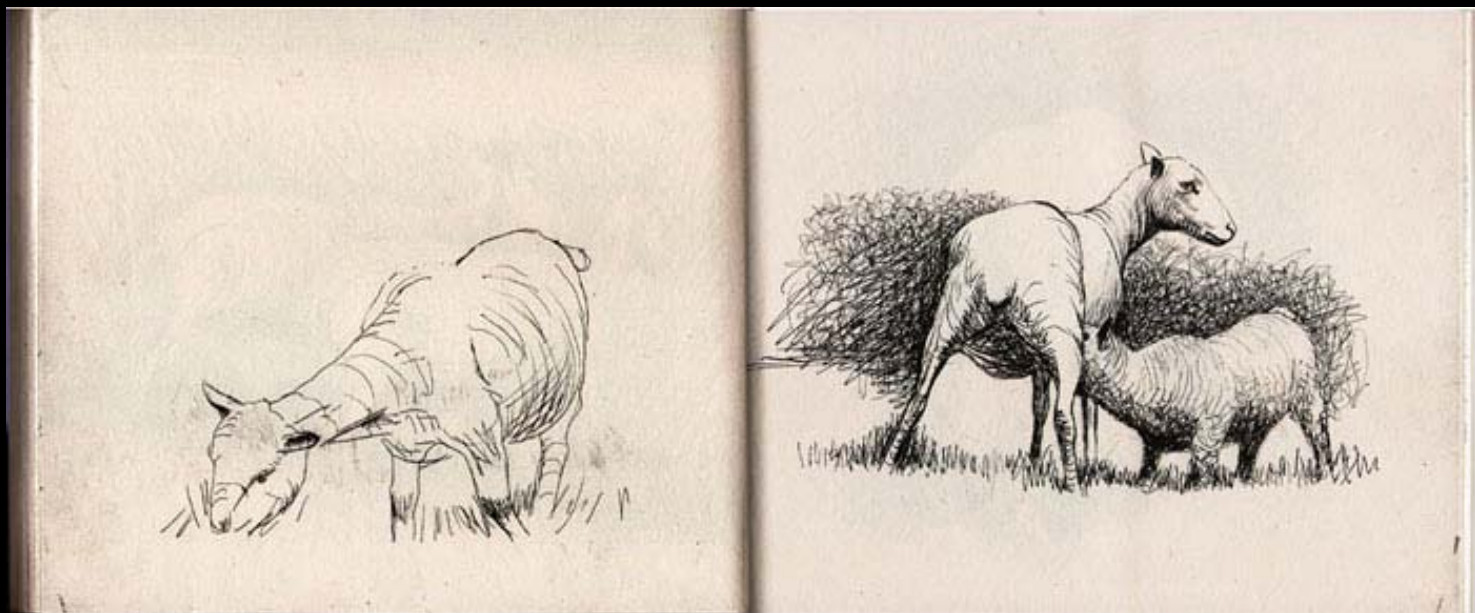


Picasso _Artista Plástico.



Henry Moore_Artista Plástico.

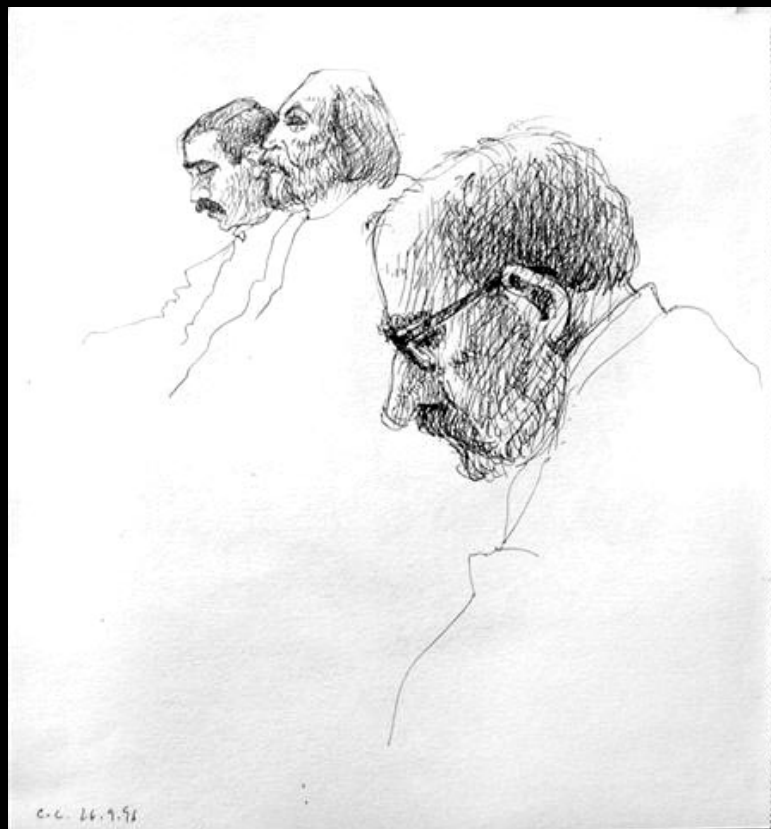




Frida Kahlo



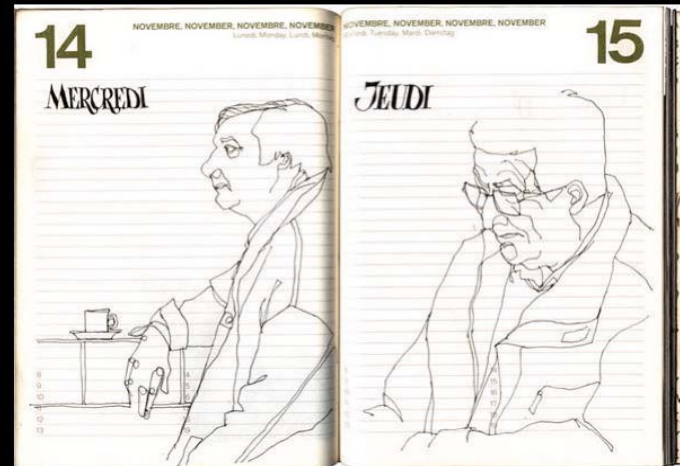
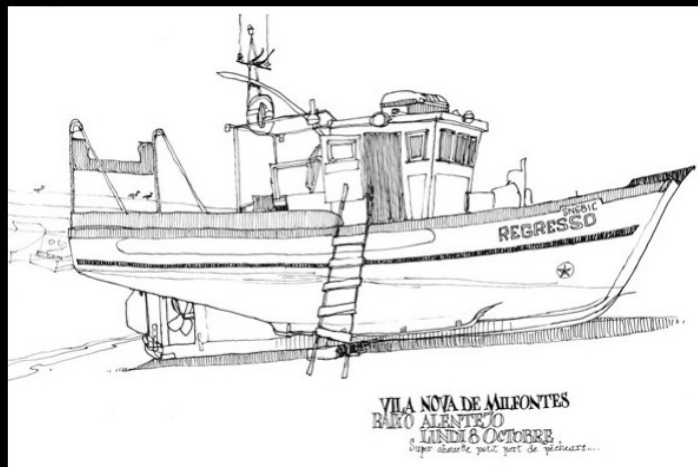
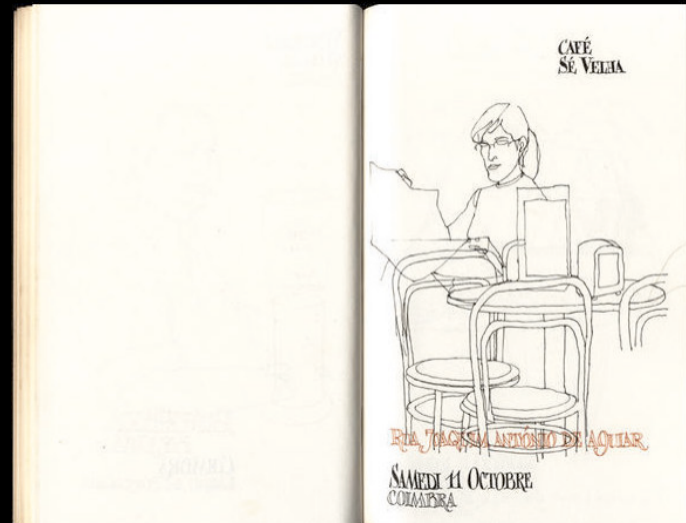
Mário Bismark_Professor e Artista Plástico

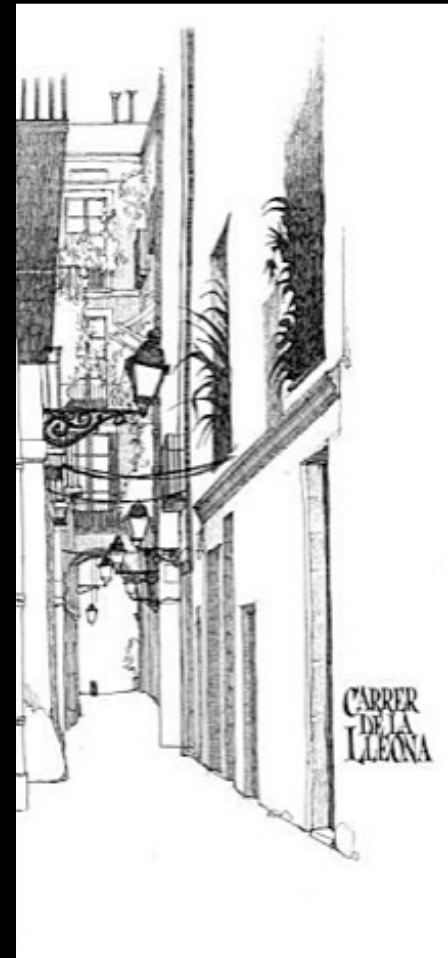


Eduardo Côrte Real _Professor e arquitecto.



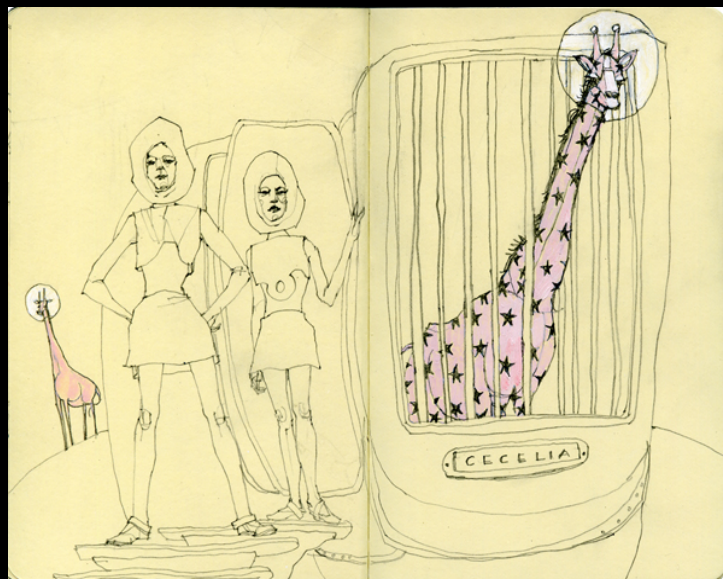
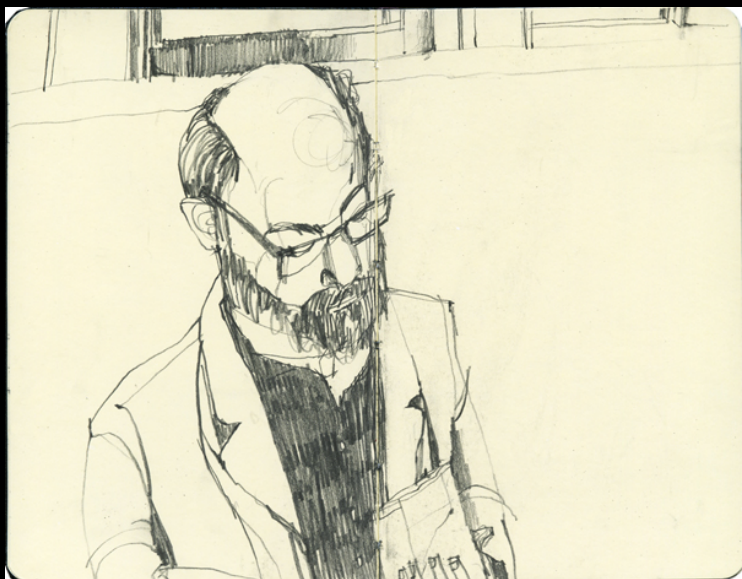
Xavier Boutin_Ilustrador.

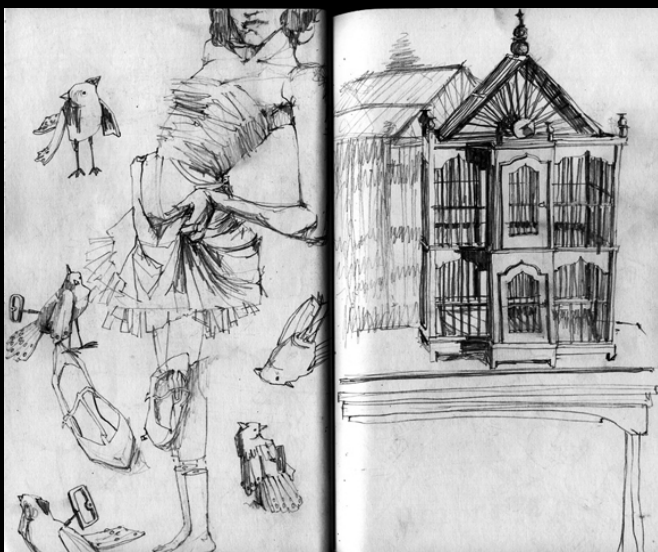
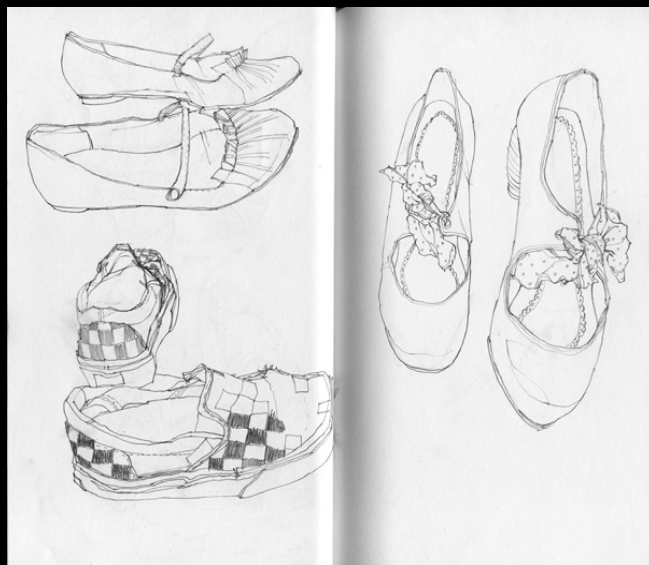
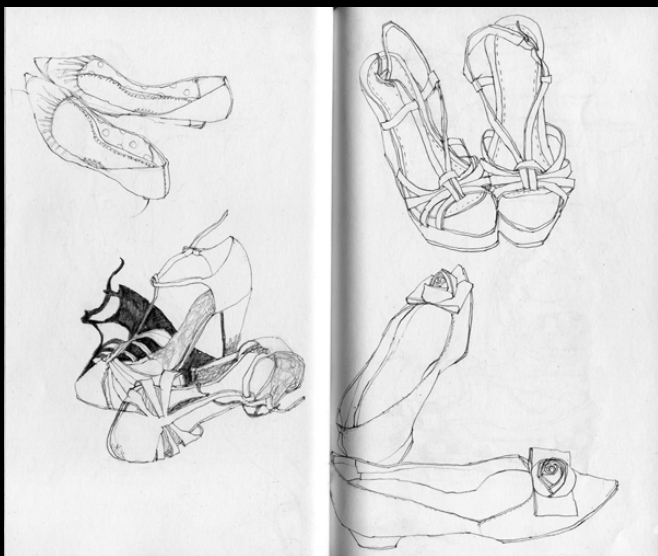




Deanna Staffo _Professora de desenho e ilustradora.



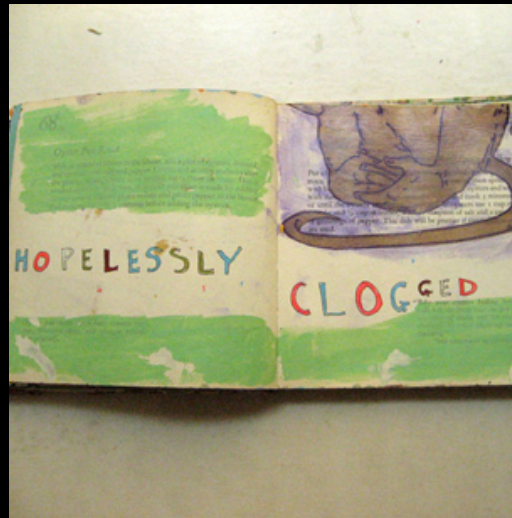




Martha Rich_Ilustradora.

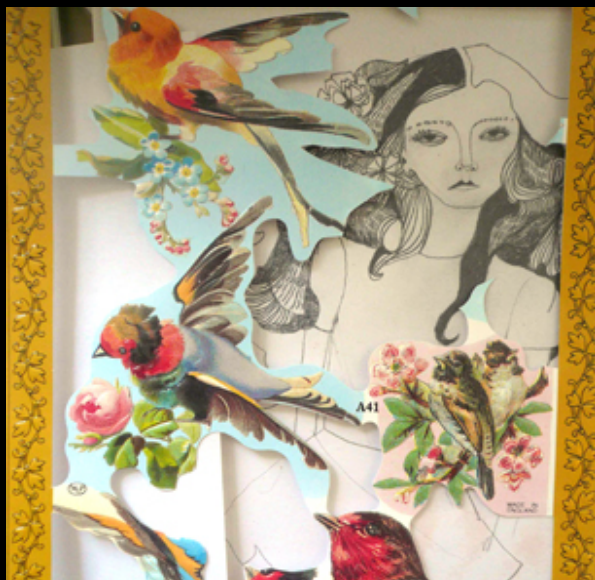


Martha Rich_Ilustradora.



Katy Smail_Ilustradora.





Ana Botezatu_Ilustradora.





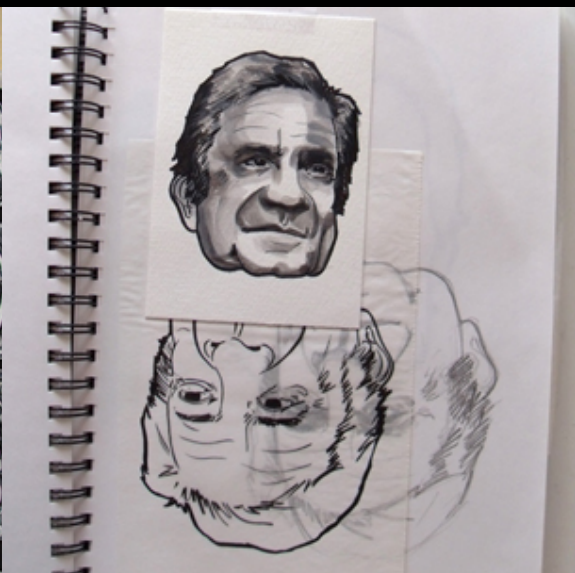
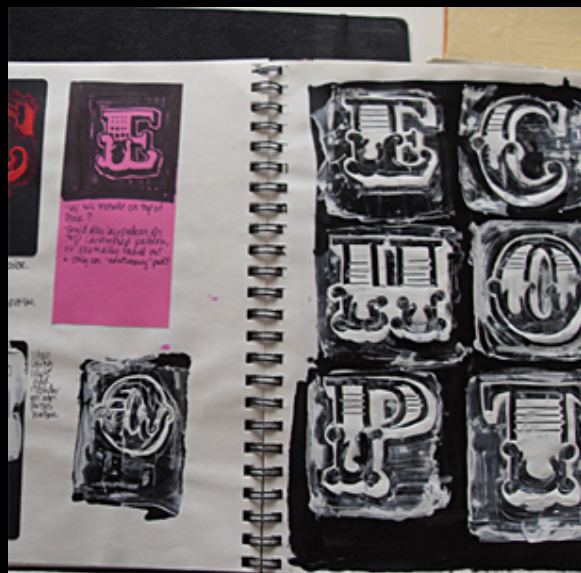
Ben Finer_Illustrator.



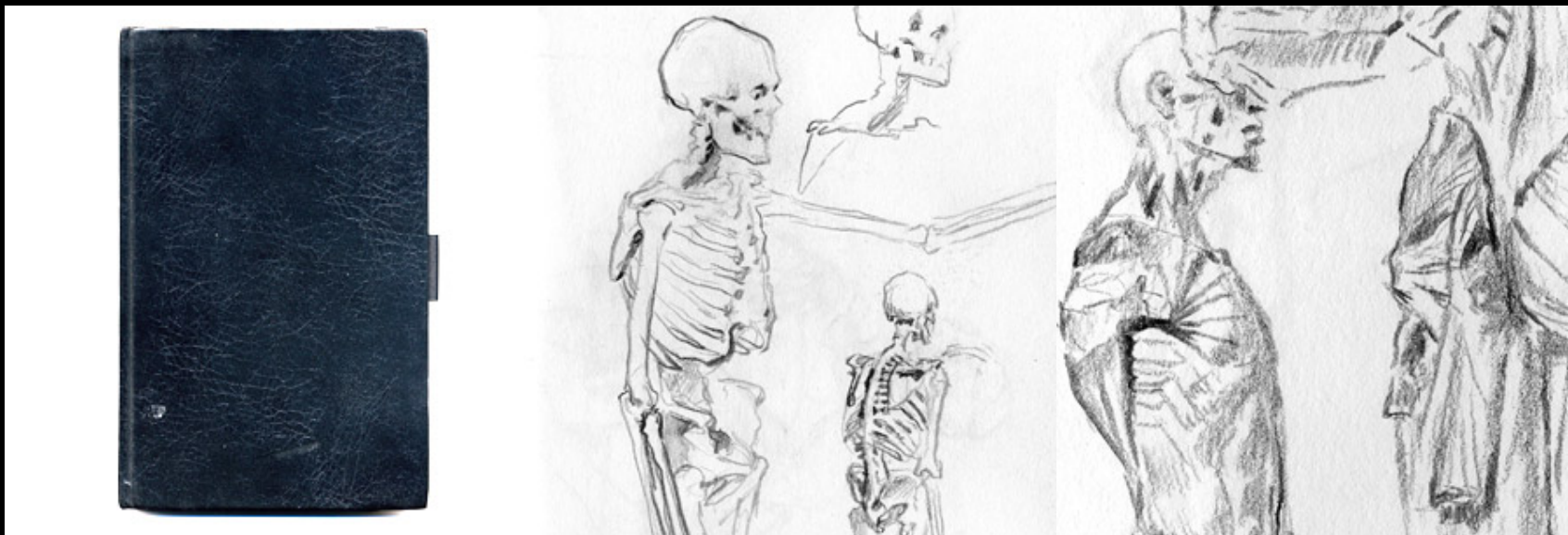


Karen Klassen_ilustradora

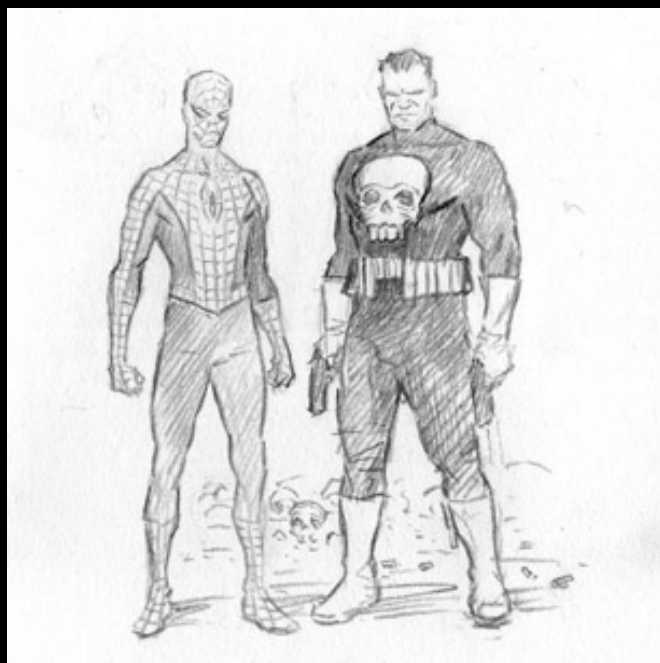




Paolo River_ Ilustrador da Marvel Comics.



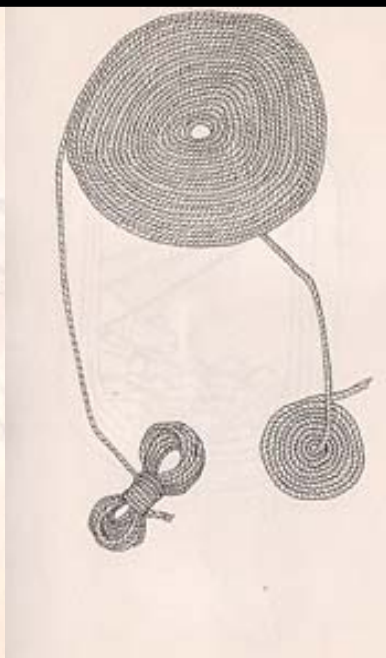




Meg Hunt_ilustradora.



Lauren Nassef_ilustradora.







2. Via Del Ock
 Street that is
 Quiero in
 River. A
 the win de
 named. via
 Via del Ock
 the nicolo
 built down
 Court yard
 in the wall
 -frag
 -pink
 -musk

KOOB H
 SSALCTS

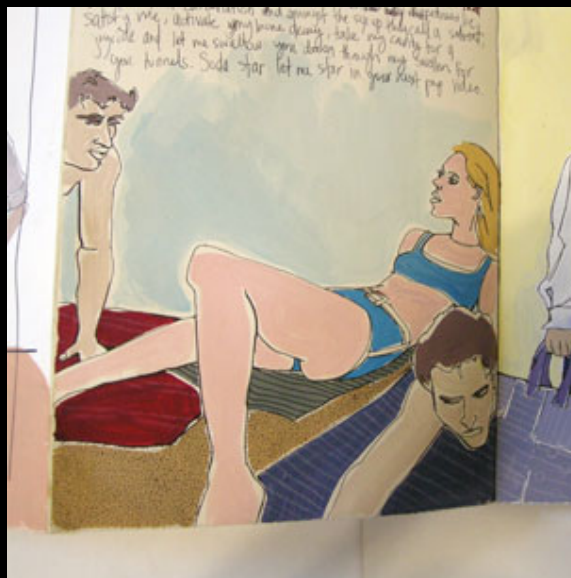


Claudia Pearson_ ilustradora e designer gráfica.





Julia Rothman_ ilustradora.

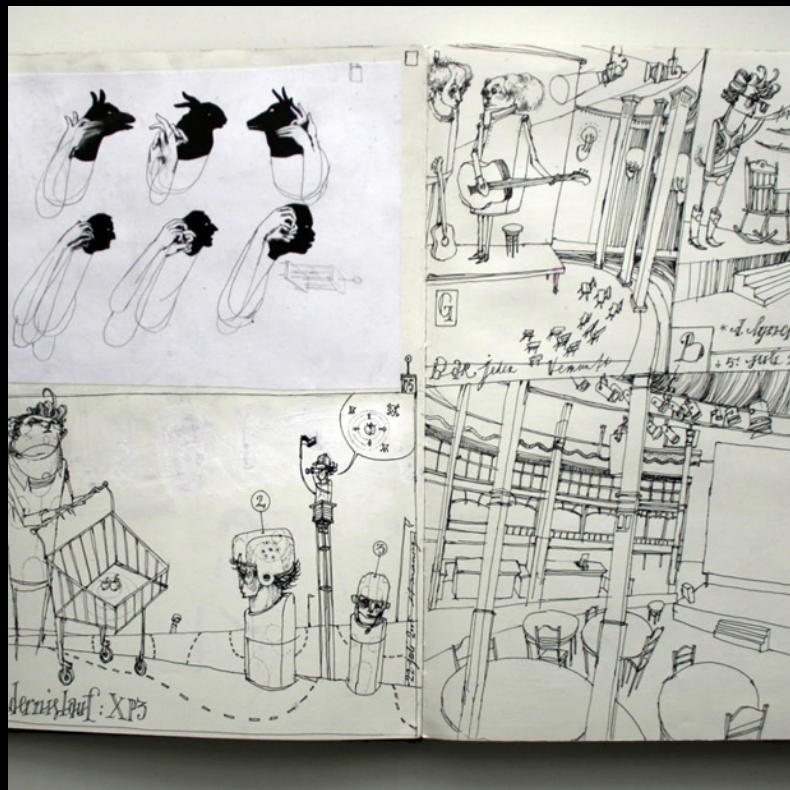




Lars Henkel_Ilustrador.









Handwritten text, likely a species name or description, written in cursive script.



Handwritten text, likely a species name or description, written in cursive script.



Handwritten text, likely a species name or description, written in cursive script.



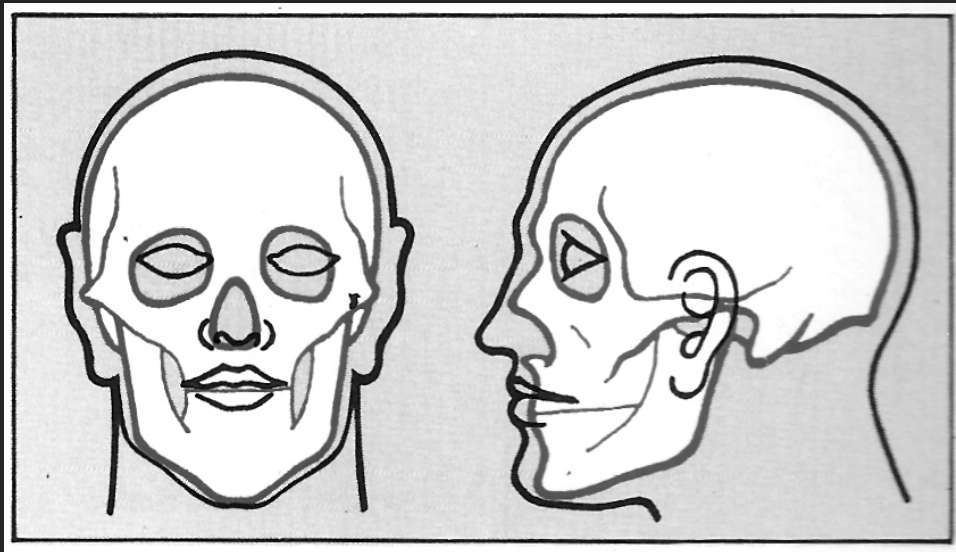
Estudo da cabeça humana

Osteologia da cabeça humana

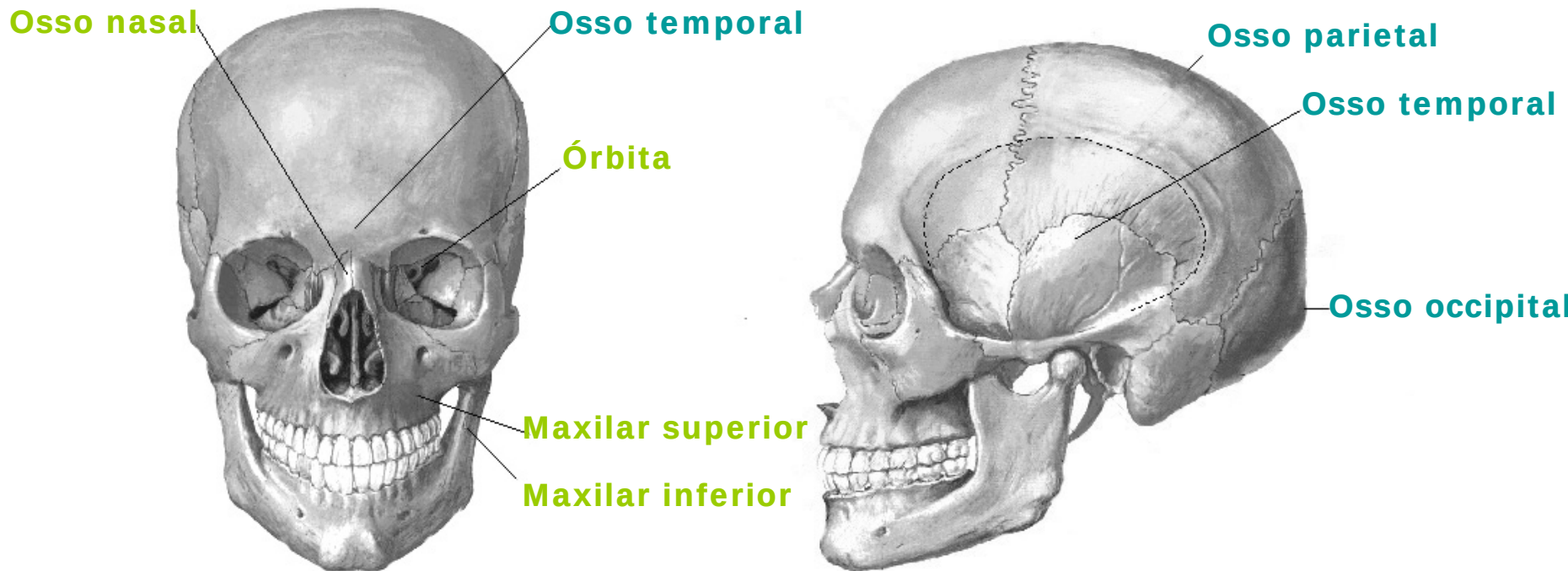
O crânio

A Armadura do nosso corpo é o esqueleto e as nossas características fisionômicas dependem, em primeira instância, da formas dos ossos.

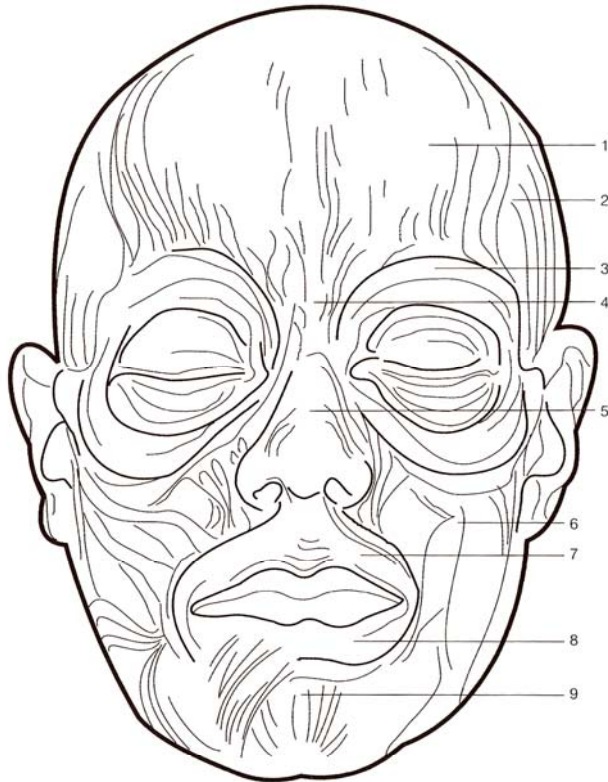
Esta dependência tornou-se particularmente evidente na formas da cabeça. O **crânio** é uma estrutura óssea cuja envolvente muscular é francamente fina. Por essa razão é conveniente possuir uma visão muito clara da forma do crânio humano, uma vez que constitui a base imediata da forma definitiva da cabeça.



O **crânio** é constituído por um conjunto complexo de ossos que formam o **neurocrânio**, uma caixa resistente em formato de abóbada onde se encontra alojado o cérebro e o **vicerocrânio**, o esqueleto da cara. A superfície do crânio é coberta por um emaranhado de pequenos músculos que produzem os movimentos da mandíbula e toda a variedade de expressões características do rosto.



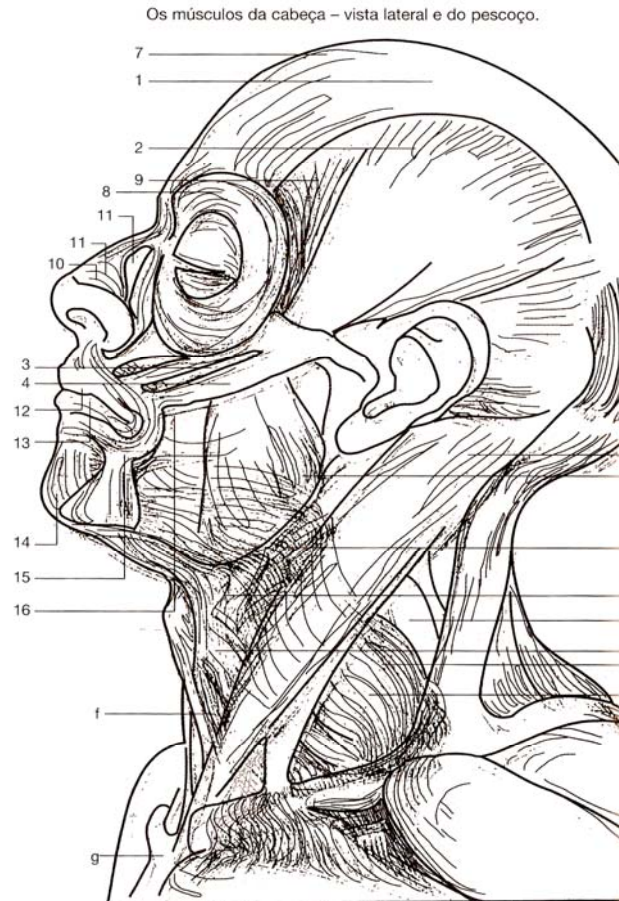
Miologia da cabeça humana



Os músculos do rosto – vista anterior.

Os músculos do pescoço – vista lateral

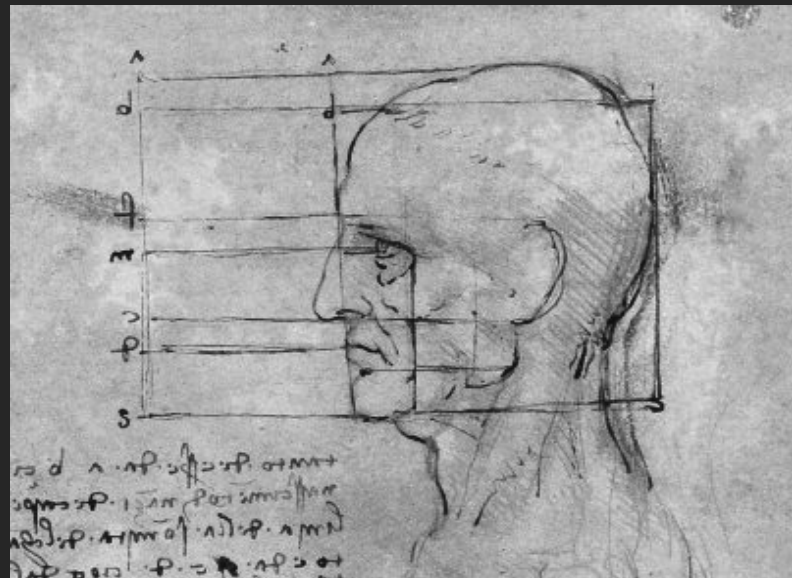
- a. Músculo esplénio
- b. Músculo digástrico
- c. Músculo elevador da escápula
- d. Músculo escaleno
- e. Músculo trapézio
- f. Cabeça clavicular do esternocleidomastóideo
- g. Esternocleidomastóideo
- h. Músculo omóideio



Os músculos da cabeça – vista lateral e do pescoço.

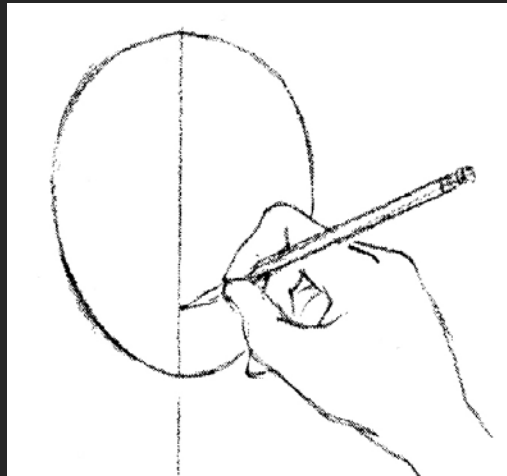
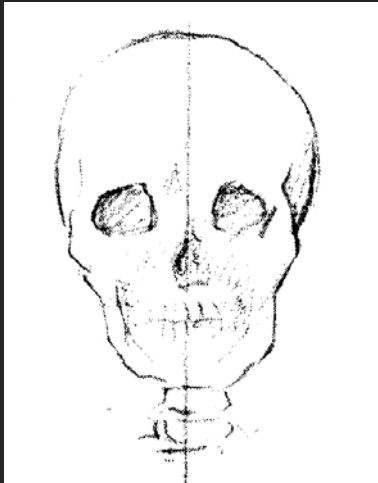
Para desenhar o rosto é indispensável, além de compreender a sua estrutura interna, compreender as **linhas de estruturação** que permitem a sua construção, numa relação proporcional do todo com os vários elementos que constituem e das partes entre si.

Existem **cânones** de proporções de cabeça humana que nos oferecem um **guia muito fiável** para desenhar rostos imaginários ou para orientar os primeiros traços de um retrato à vista. É claro que um cânone, tem sempre o valor genérico, pelo que não esperamos que seja cumprido com exactidão em todos os casos.

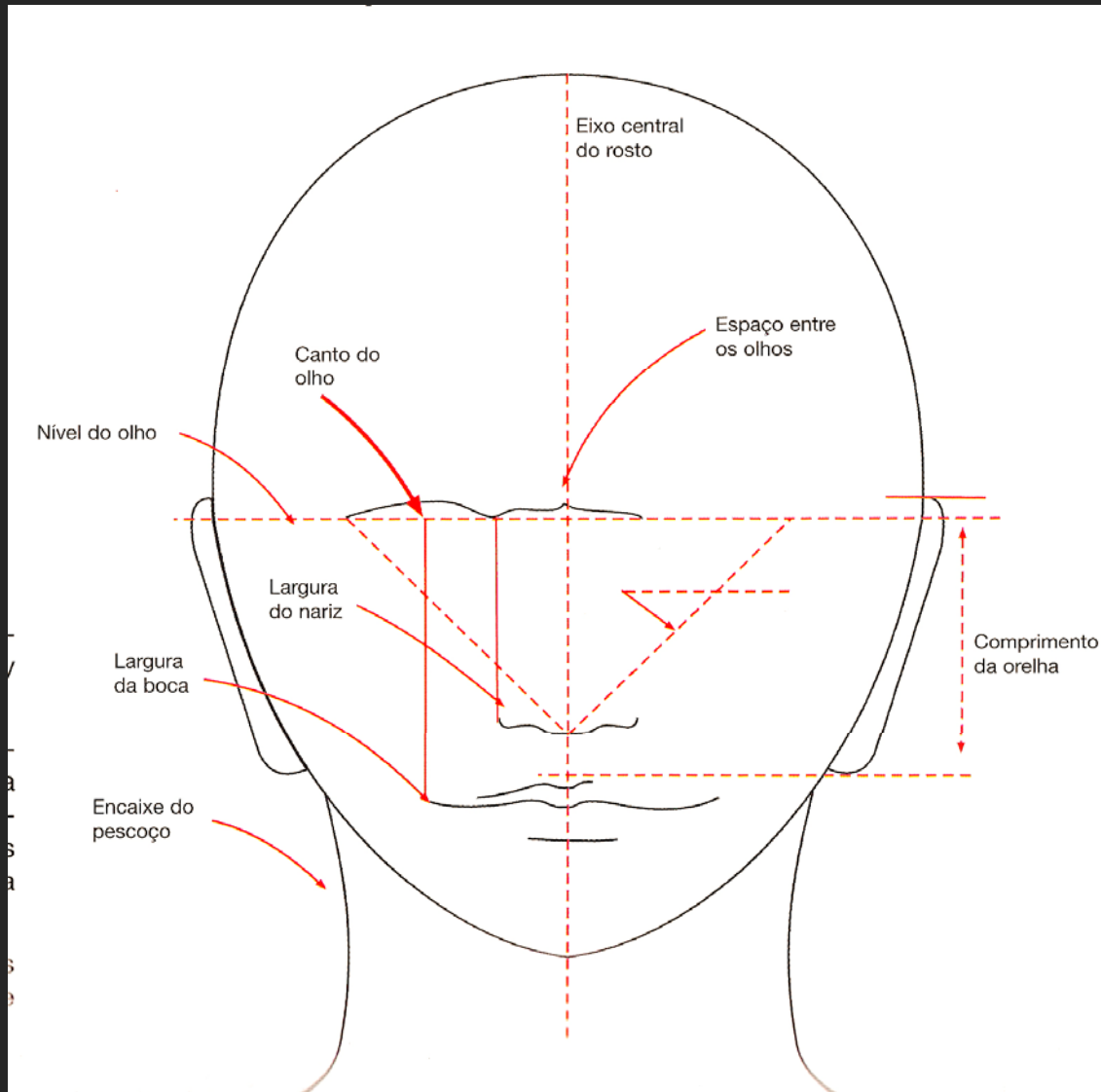


Estudos de Leonardo Da Vinci

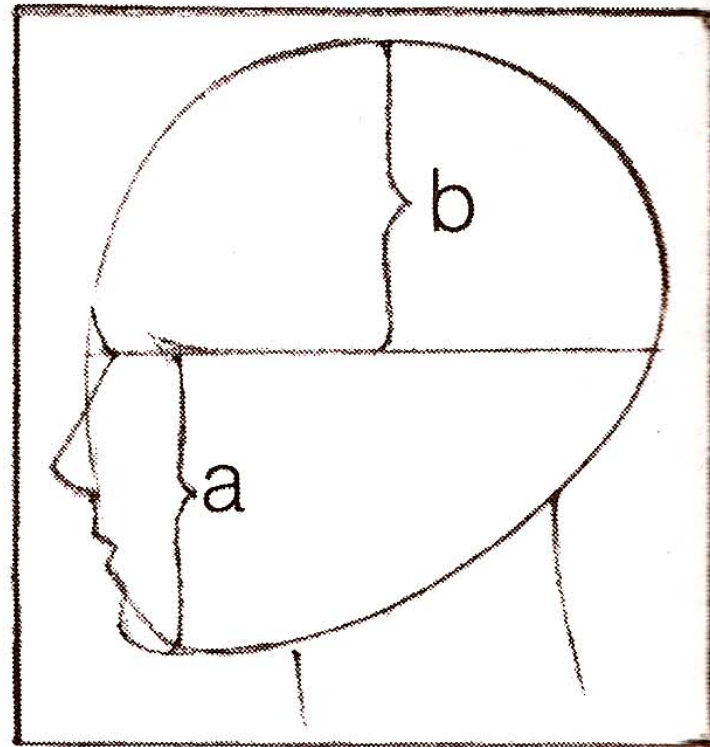
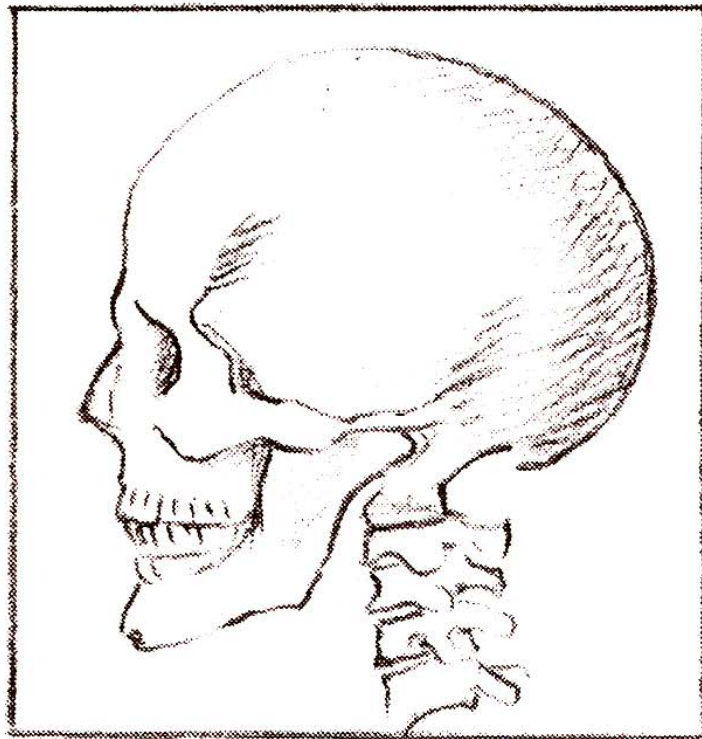
Cânone utilizado por **Betty Edwards**



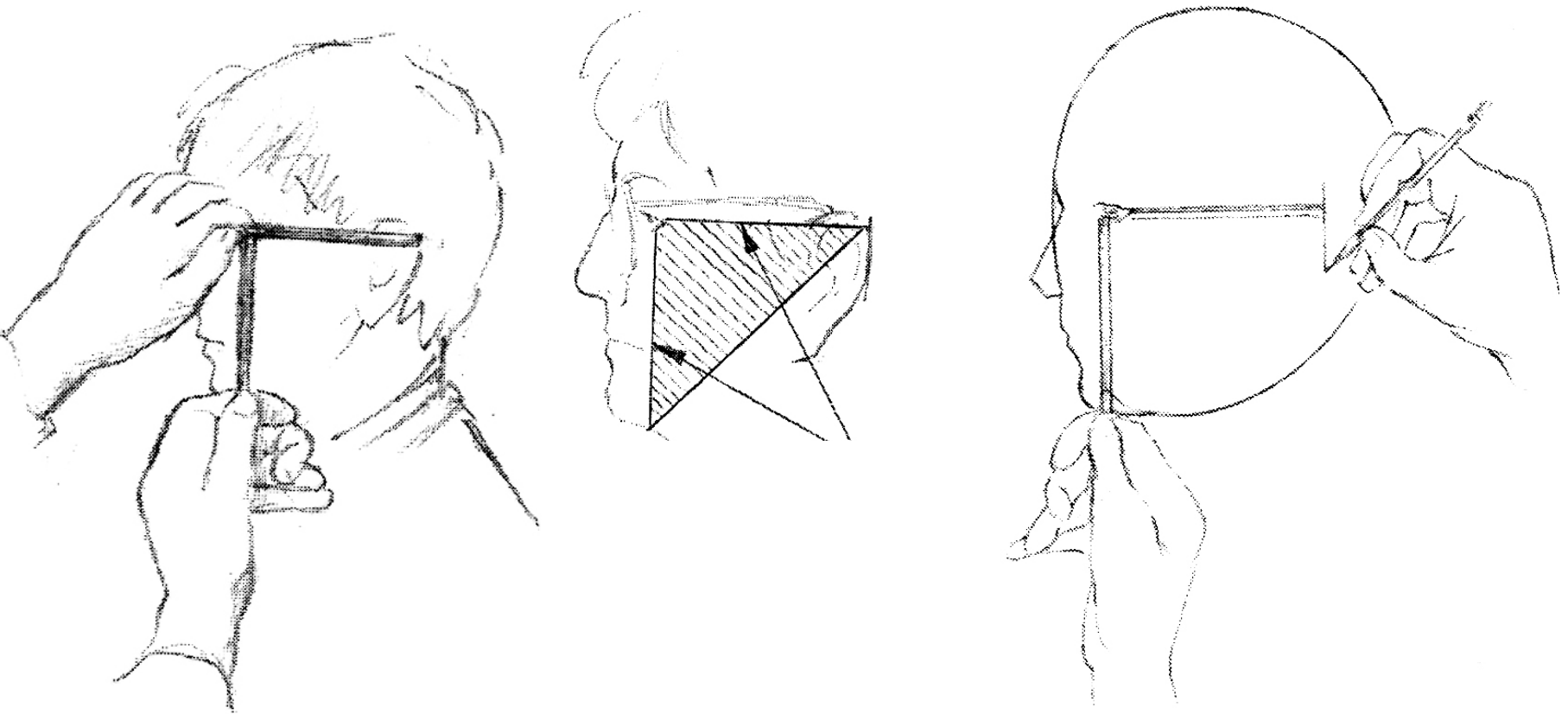
Cânone utilizado por **Betty Edwards**



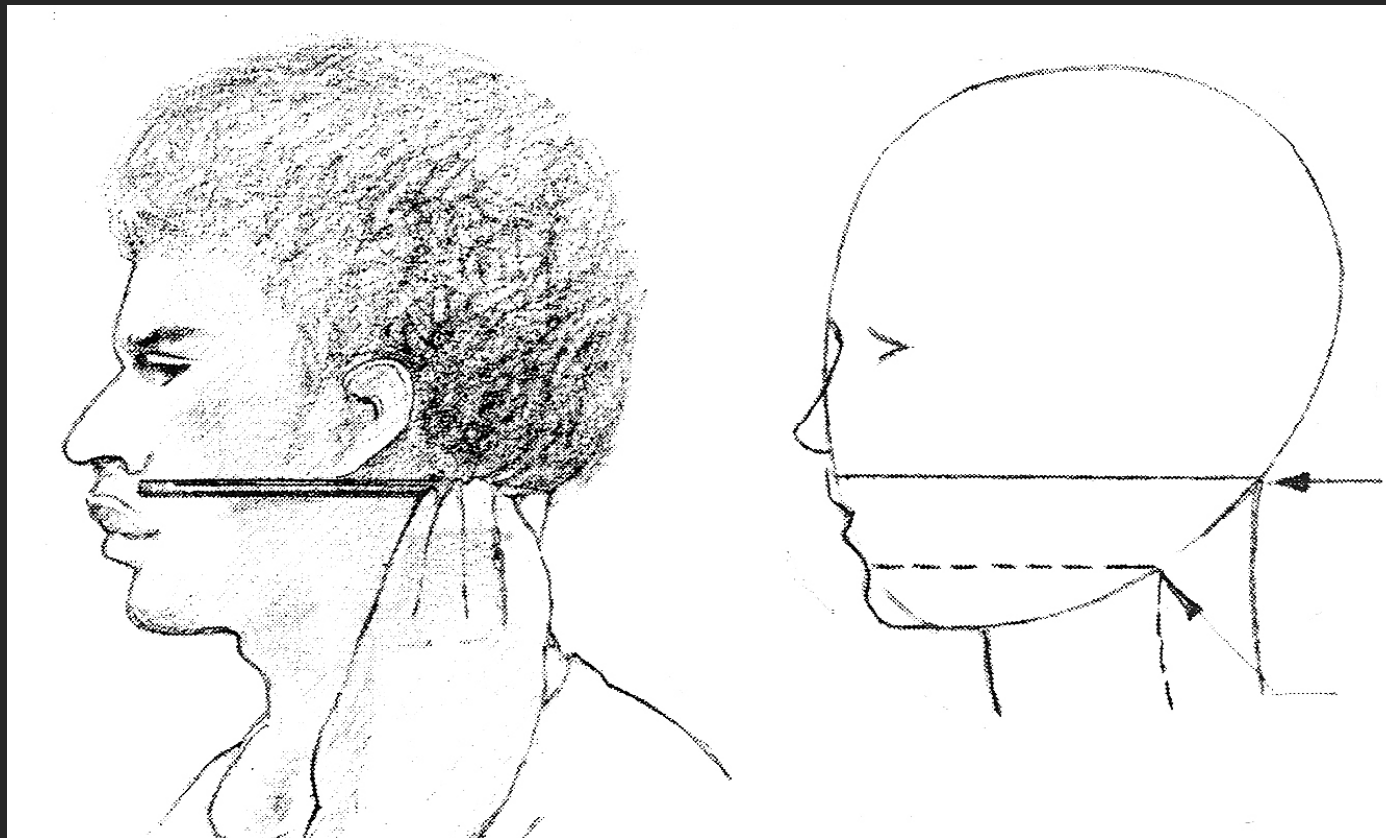
Cânone utilizado por **Betty Edwards**



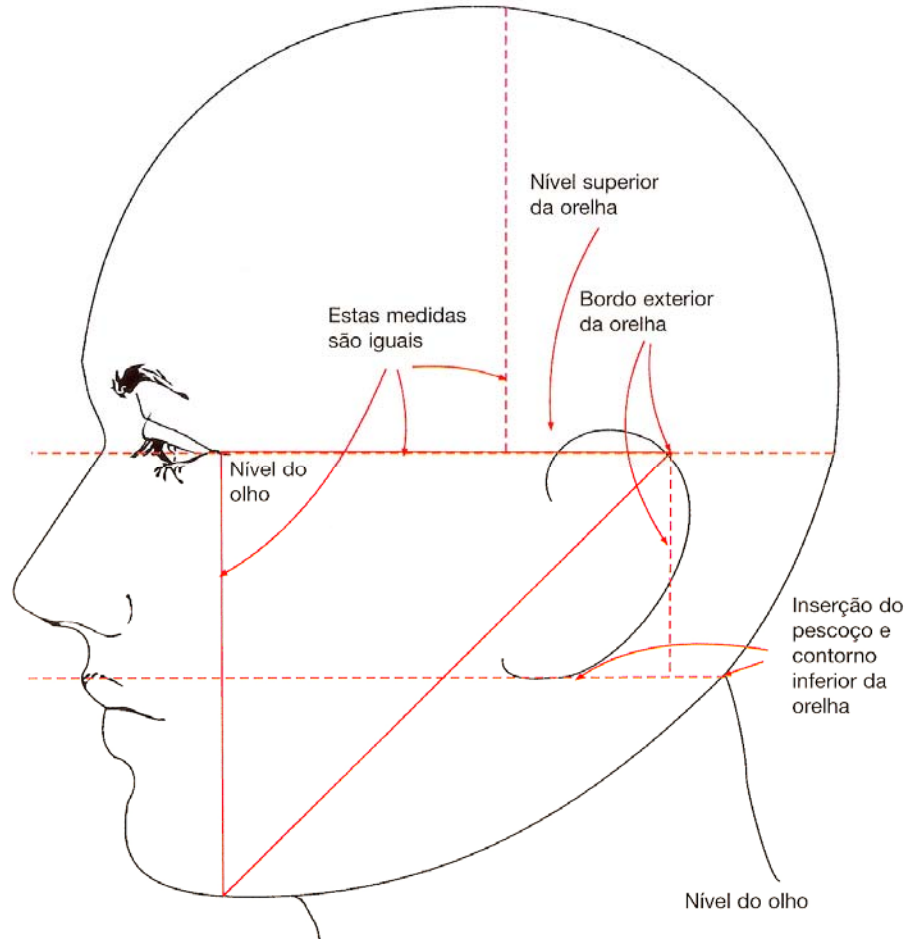
Cânone utilizado por **Betty Edwards**



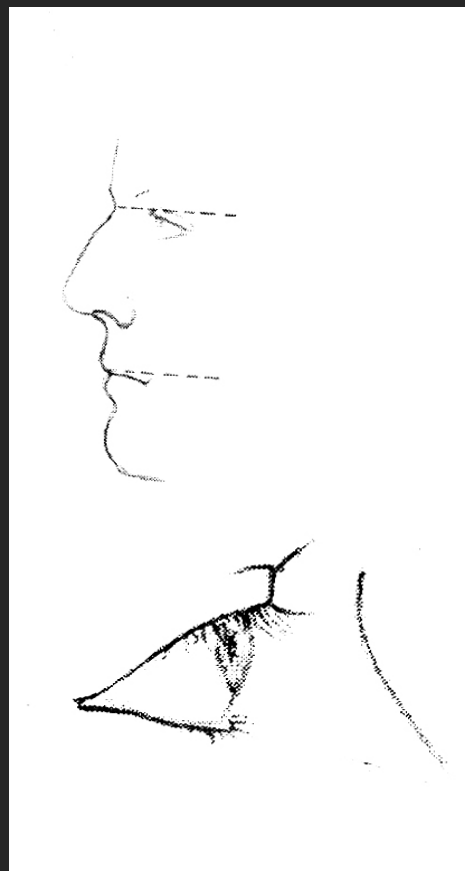
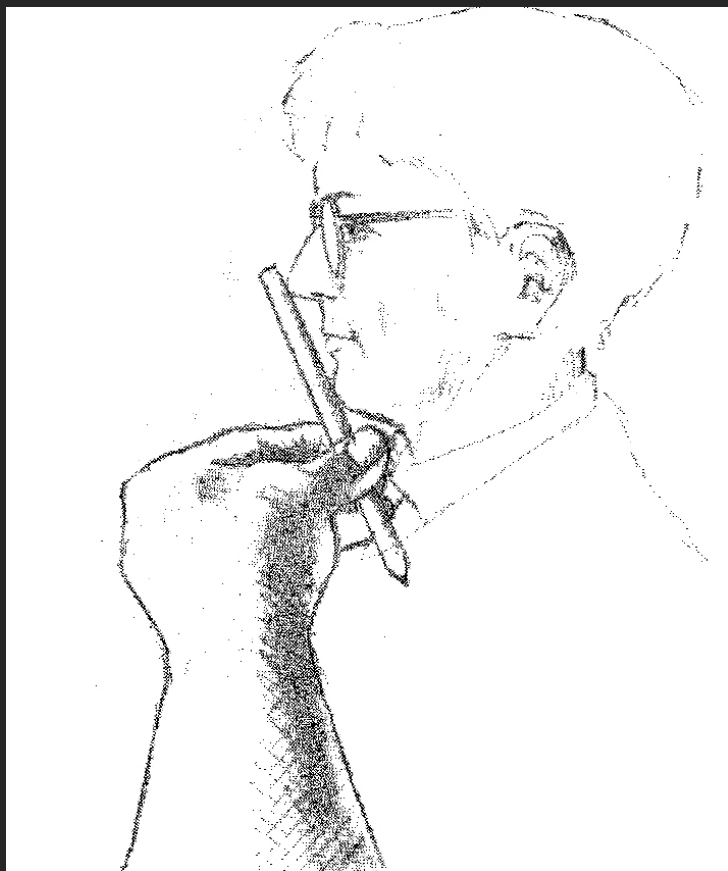
Cânone utilizado por **Betty Edwards**



Cânone utilizado por **Betty Edwards**



Cânone utilizado por **Betty Edwards**





Alphonse Mucha



Alberto Giacometti



Cláudio Bravo



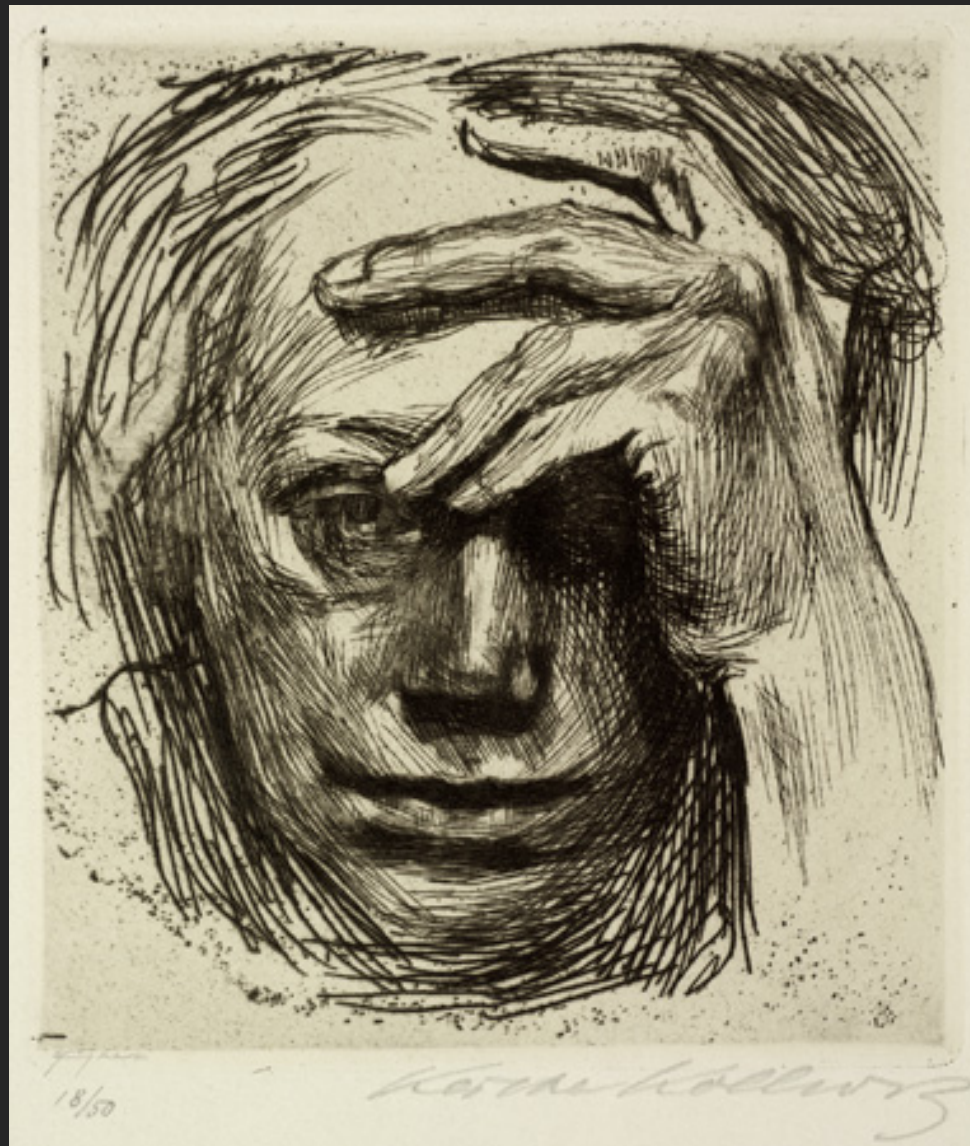
Degas



Ingres



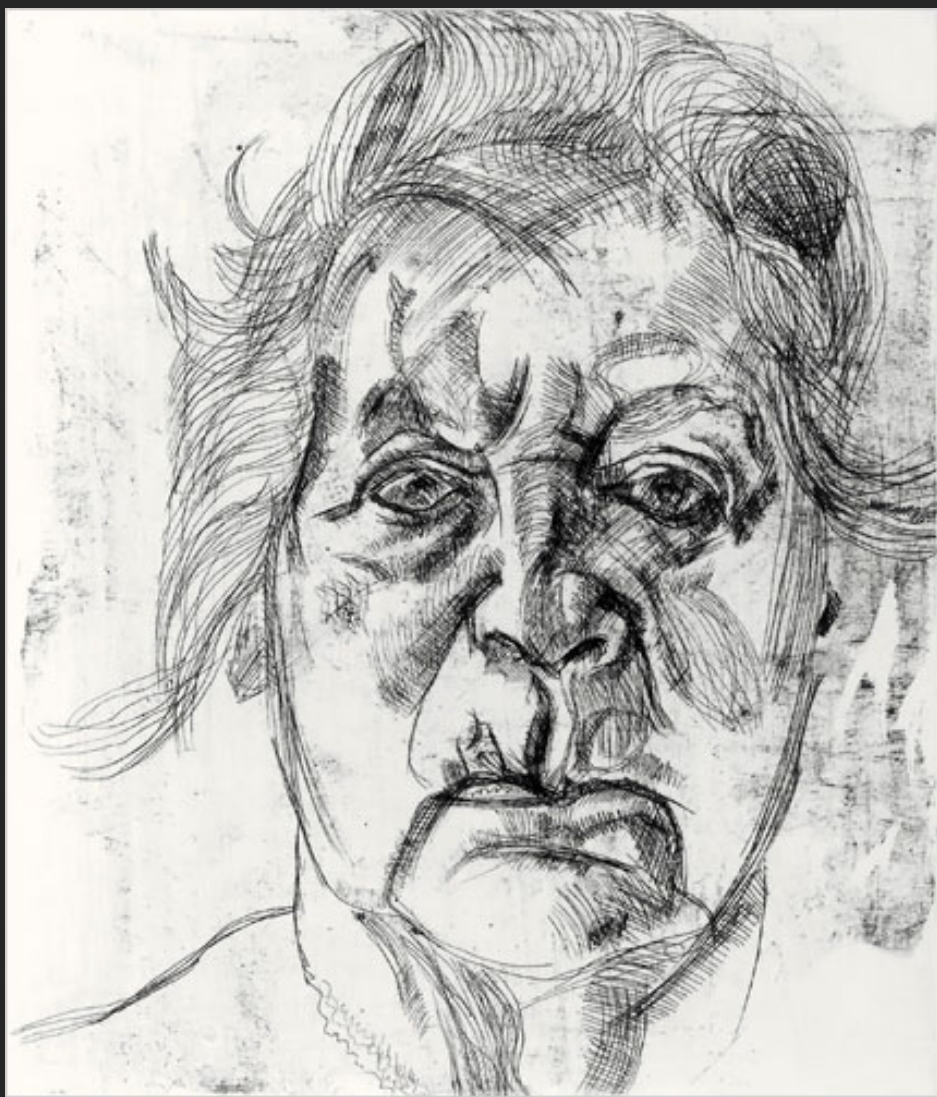
Kate Kollwitz



Kate Kollwitz



Leonardo da Vinci



Lucien Freud



Lucien Freud



Lucien Freud



Lucien Freud

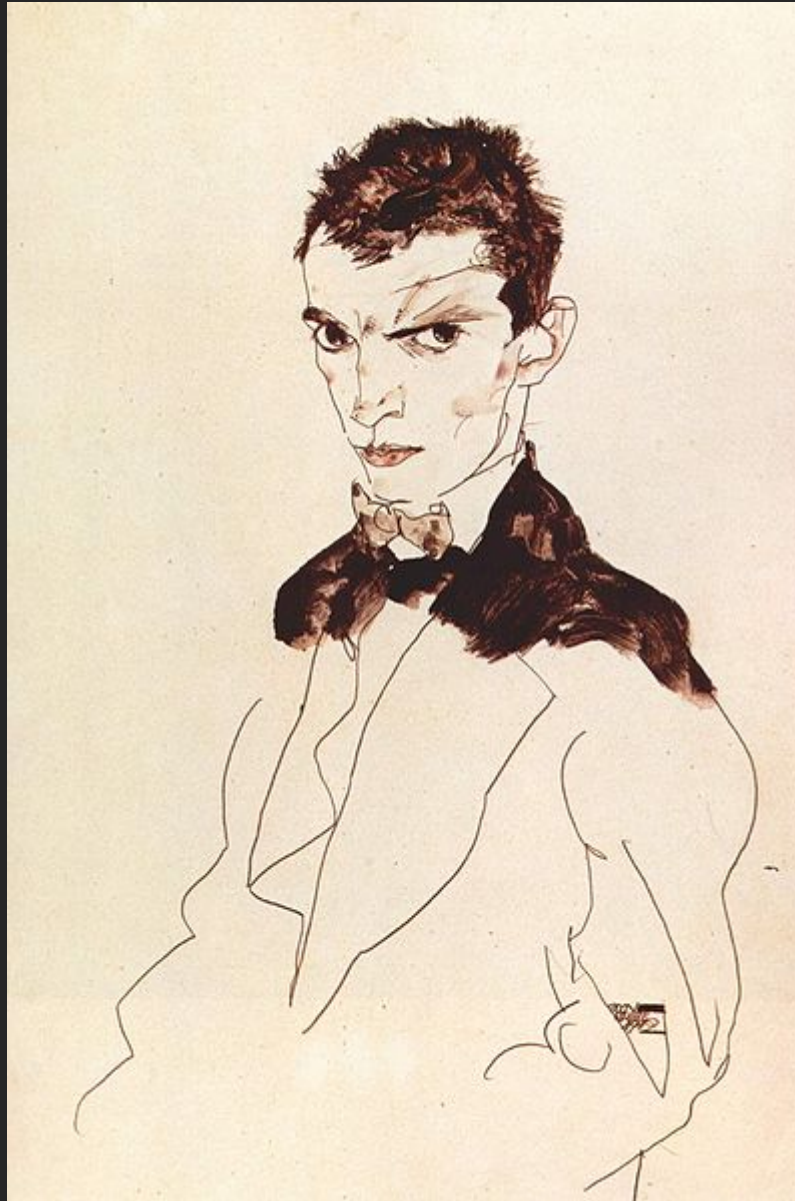


Rubens

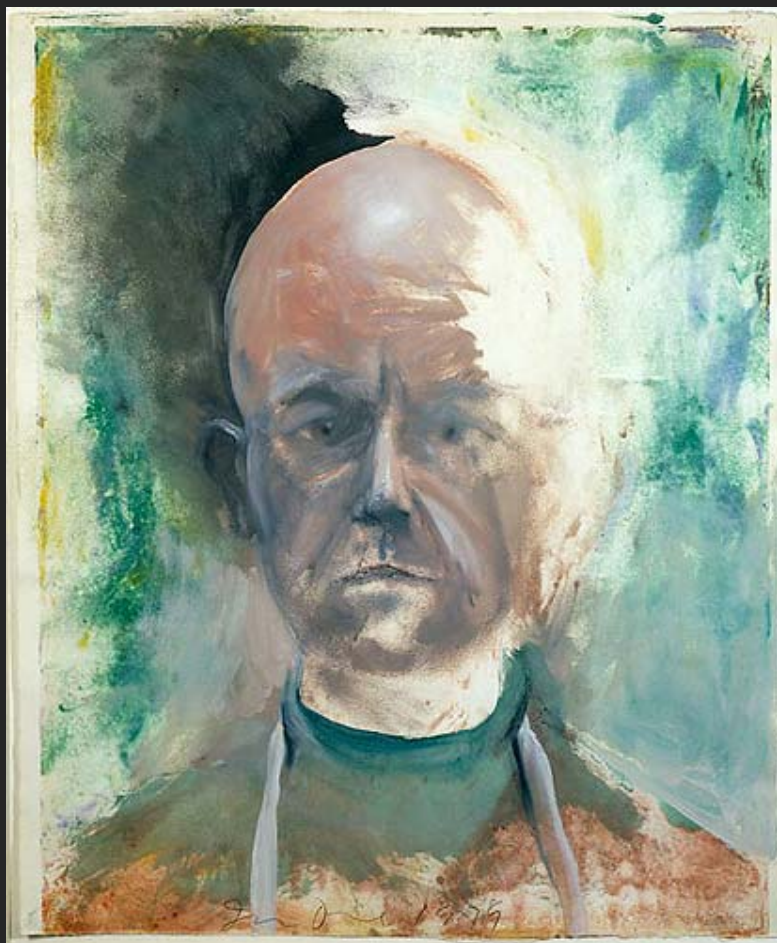
auto-retratos

”Todos os retratos que são pintados com sentimento, são retratos do artista, não do modelo. O modelo é accidental... não é ele... mas sim o pintor que, na tela colorida, se revela.”

Oscar Wilde, O retrato de Dorian Gray



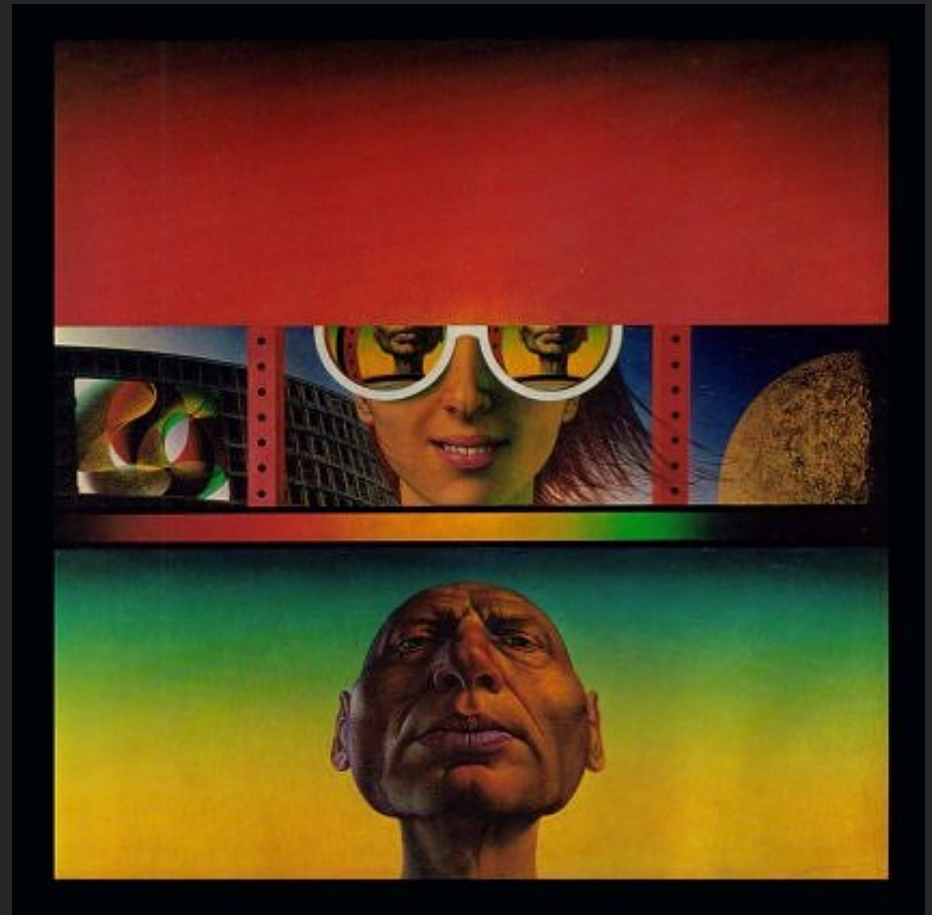
Egon Schiele



Jim Dine



Rembrandt



Hausner



Anh Duong

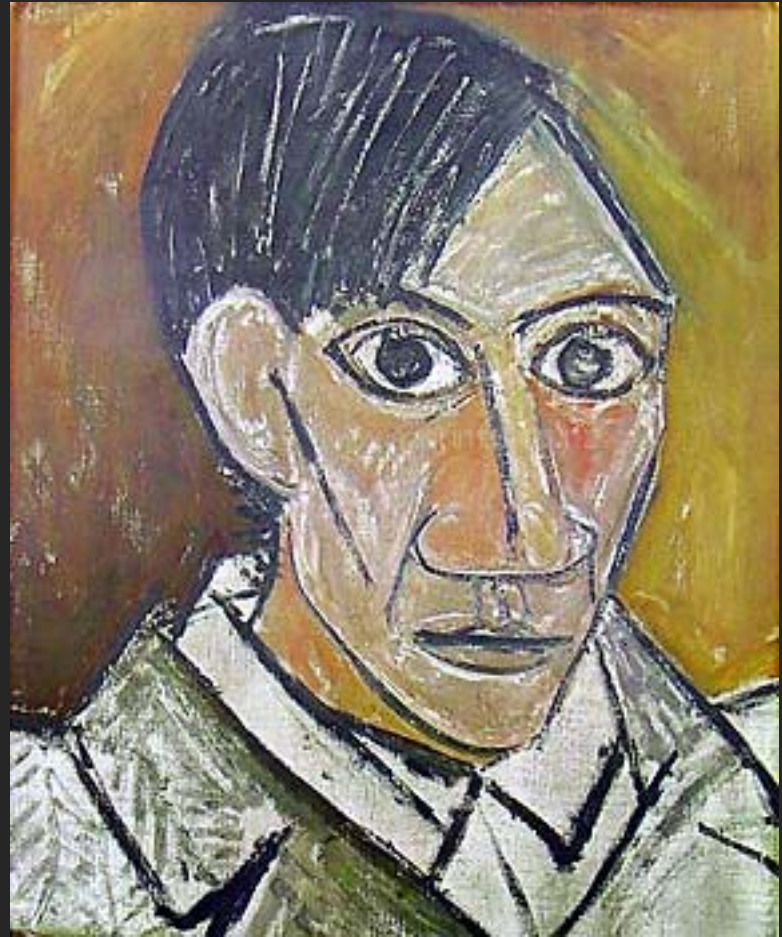
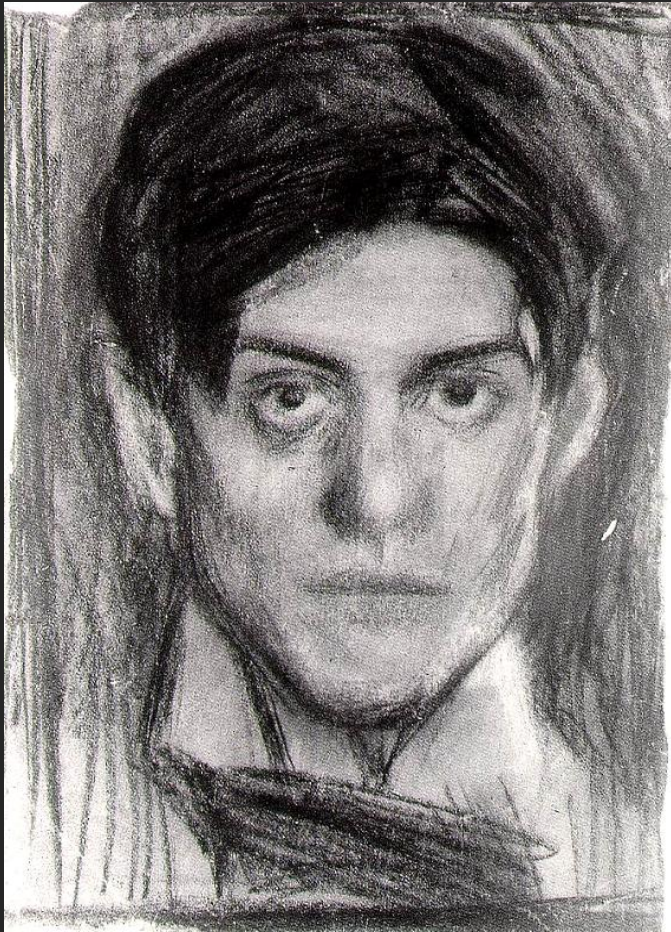


Galeria do Instituto Courtauld, Londres (The Bridgeman Art Library).

Vincent Van Gogh



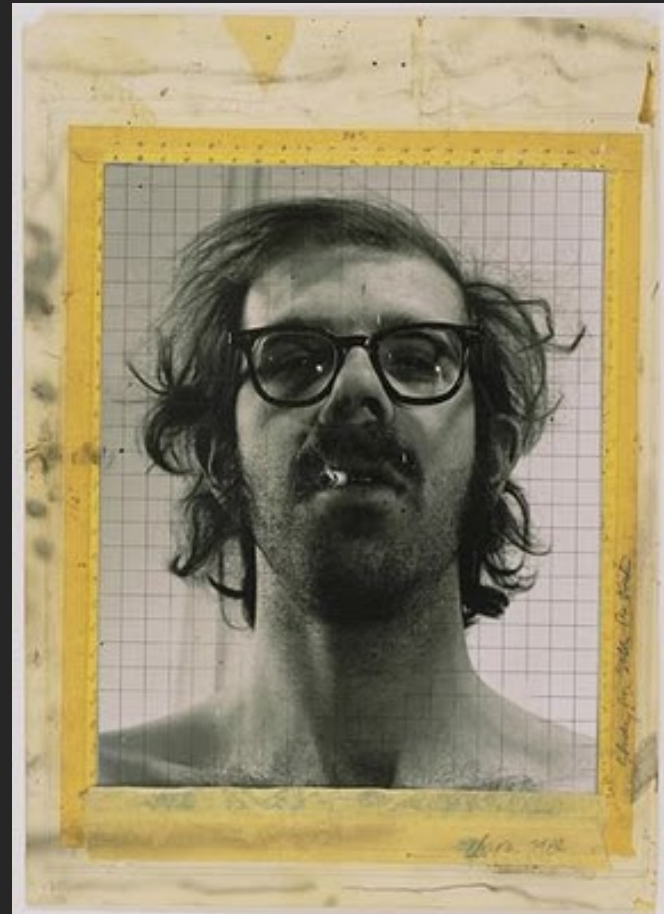
Francis Bacon



Pablo Picasso



Marck Chagall



Chuck Close



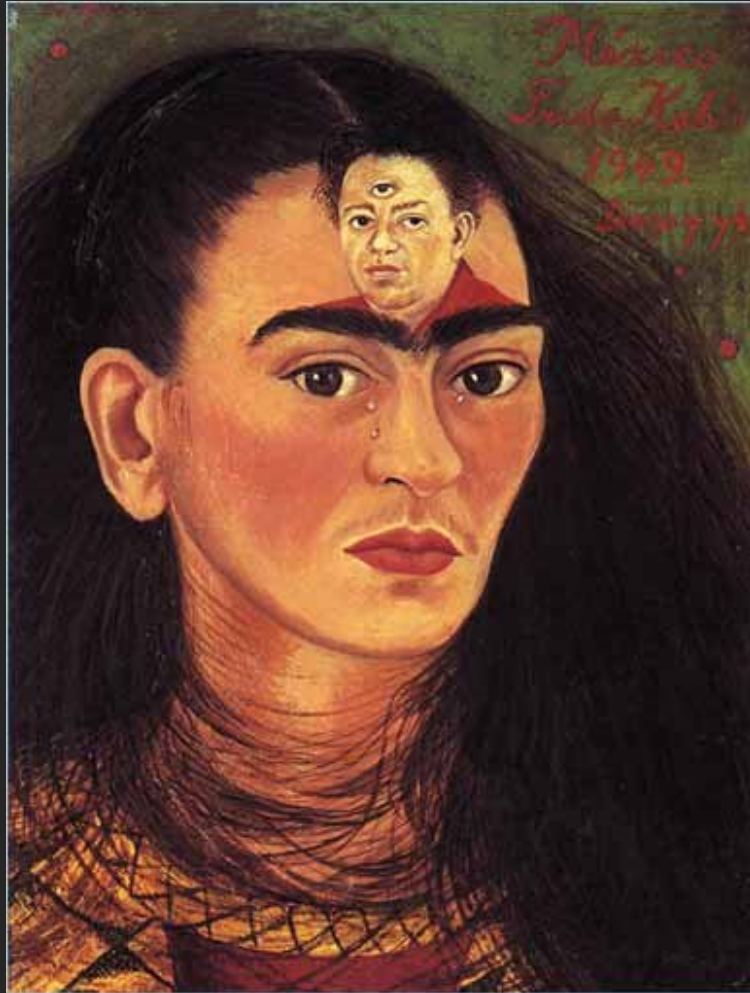
David Hockney



Edward Hopper



Escher



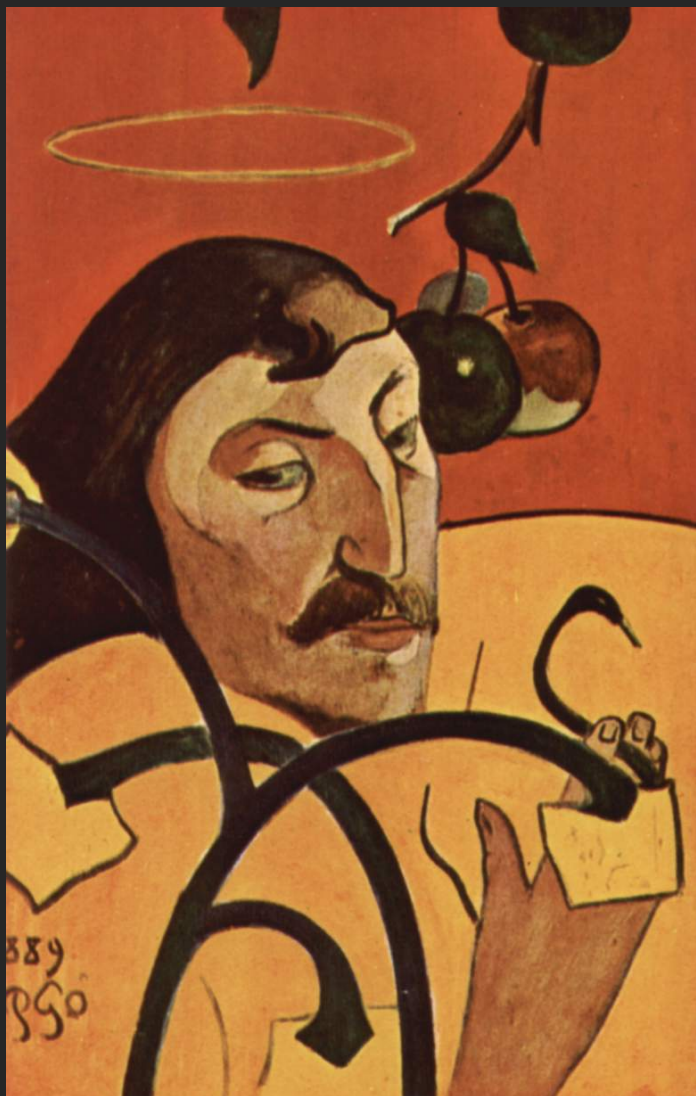
Frida Kahlo



Keith Haring



Miró



Gauguin



Salvador Dali



Velasquez



Gustave Courbet

Anexo III

f. Material de apoio à palestra: cartaz

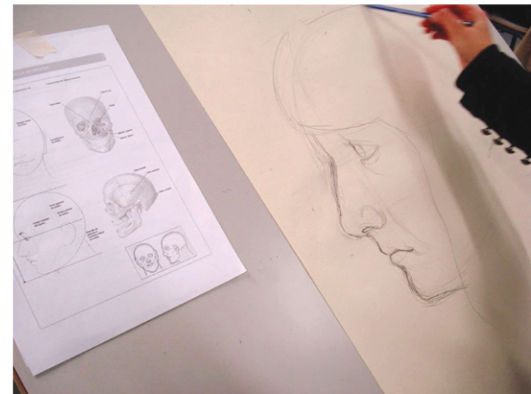


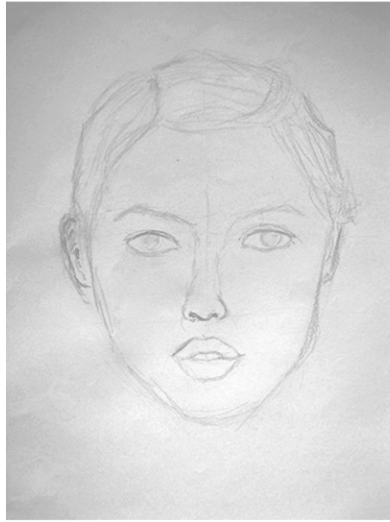
O Diário Gráfico
como instrumento pedagógico

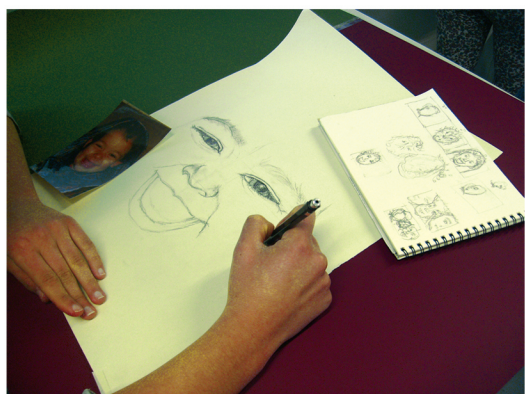
10 _ *Maio*
10h30/12h00
Grande auditório

Anexo IV

a. Registo fotográfico do desenvolvimento em sala de aula das propostas de trabalho da Unidade 7









Anexo IV

- b.** Registo fotográfico da palestra “O Diário Gráfico como instrumento pedagógico”
- c.** Registo fotográfico da exposição “O Diário Gráfico como instrumento pedagógico”





